

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUDANÇA SOCIAL E PARTICIPAÇÃO  
POLÍTICA

MAURÍCIO RODRIGUES PINTO

**Pelo direito de torcer: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol**

São Paulo

2017

MAURÍCIO RODRIGUES PINTO

**Pelo direito de torcer: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol**

Versão original

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Mudança Social e Participação Política.

Área de Concentração:

Mudança Social e Participação Política

Orientador:

Prof. Dr. Marco Antonio Bettine de Almeida

São Paulo

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

### CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

Pinto, Maurício Rodrigues

Pelo direito de torcer : das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol / Maurício Rodrigues Pinto ; orientador, Marco Antonio Bettine de Almeida. – 2017

126 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo  
Versão original

1. Sociologia do esporte. 2. Futebol. 3. Torcidas organizadas. 4. Homossexuais. 5. Machismo. 6. Relações de gêneros. 7. Redes sociais. I. Almeida, Marco Antonio Bettine de, orient. II. Título

CDD 22.ed. – 306.483

Nome: PINTO, Maurício Rodrigues

Título: Pelo direito de torcer: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências do Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política.

Área de Concentração:

Mudança Social e Participação Política

Aprovado em: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_\_

### **Banca Examinadora**

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

*Ao Davi e a Livia, que sejam livres para serem o que quiserem em suas vidas.*

## **Agradecimentos**

Ao final de uma jornada tão intensa como essa, é importante e de enorme responsabilidade expressar os agradecimentos às pessoas e parcerias que colaboraram para que esse trabalho viesse a ser concretizado.

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que garantiu o apoio e financiamento da pesquisa.

Agradeço à minha família por todo o suporte emocional e afetivo ao longo desse processo e durante toda a minha vida. À minha mãe, Djane, e ao meu pai, Manoel, o meu sentimento de gratidão eterno por todo o amor que me deram e por sempre terem entendido e respeitado as minhas opções, por mais extravagantes que elas tenham parecido em alguns momentos. À minha irmã, Márcia, agradeço pelo carinho, cuidado e todos os incentivos. Ao meu cunhado, Adriano, pelo apoio e auxílios em vários momentos. Agradeço a ambos também por serem pais maravilhosos para o Davi Luca e a Lívia, meus sobrinhos tão amados, que nasceram praticamente durante a realização deste mestrado e que trouxeram tanta alegria e renovação para as nossas vidas. Mesmo nas minhas ausências (que não foram poucas), gostaria que soubessem que todxs estiveram em meus pensamentos durante esse processo.

Ao meu orientador Marco Antonio Bettine de Almeida, pelo interesse e aposta no meu projeto, pelas conversas e orientações antes mesmo do meu ingresso no mestrado, pelos ensinamentos e por todo o suporte que foram tão importantes para a realização deste trabalho.

Às professoras Marta Bergamin e Bárbara Castro, respectivamente orientadora e parecerista do TCC que resultou no projeto que me possibilitou o ingresso no mestrado. A elas sou muito grato pelos ensinamentos e diálogos estabelecidos durante o curso de Sociopsicologia, na Fundação Escola de Sociologia e Política (FESPSP), que foi tão importante para a minha retomada na academia.

Agradeço ao professor José Carlos Marques e a professora Heloísa Buarque de Almeida que fizeram parte da minha banca de qualificação e que além das leituras atentas ao trabalho que apresentei, trouxeram questionamentos e contribuições que foram importantes para a sequência da pesquisa.

À professora Heloísa, agradeço também pelos ensinamentos e conversas durante o curso Gênero e Antropologia, que foi muito importante durante a minha formação e por ter trazido tantos questionamentos e reflexões quanto à minha responsabilidade de pesquisador tratando de temas que envolvem gênero e sexualidades. Durante o mestrado, tive também o

prazer de ter aulas com os professores José Guilherme Magnani e Flávio de Campos, que me proporcionaram experiências ricas, que transcenderam os objetivos acadêmicos.

Agradeço também aos professores Bernardo Buarque e José Paulo Florenzano por gentilmente terem aceitado o convite para fazer parte da banca de arguição deste trabalho.

À Secretária de Pós-Graduação da EACH, em especial ao Tiago, Secretário do Programa de Mudança Social e Participação Política, sempre muito simpático no acolhimento das minhas dúvidas e prestativo na resolução dos problemas burocráticos.

Agradeço alguns dxs protagonistas desse trabalho, que integram os coletivos e movimentos de torcedorxs contra a homofobia e o machismo no futebol: Aline, Nathalia Duarte, Thaís Nozue, William de Lucca, Erick Miyasato, Felipe Tercetto, Analu Tomé, Denise Bonfim e Petunia Ribeiro. Além de toda a colaboração ao longo da pesquisa, sem dúvidas, o ativismo de vocês foi uma das inspirações para a realização dessa pesquisa.

Boa parte desse trabalho só foi possível graças à parceria e ao suporte que tive por parte do Museu do Futebol e do Centro de Referência do Futebol Brasileiro que viabilizaram o projeto “Pelo Direito de Torcer”, que reconhece como patrimônios do futebol brasileiro os movimentos de torcedorxs contrários à homofobia e torna pública as suas histórias. Agradeço a Daniela Alfonsi, diretora do Museu do Futebol, que deu todo respaldo à ideia e autorizou a realização das entrevistas com integrantes da Palmeiras Livre, Movimento Toda Poderosa Corinthians e Galo Queer, no próprio Museu. Agradeço também a Mariana Chaves, Camila Aderaldo e Ligia Dona por todo o apoio ao projeto, e a Julia Terin e Fernando Breda, que também colaboraram nas entrevistas. Estendo os meus agradecimentos a Ademir Takara e Dóris Régis, sempre muito atenciosos e gentis nas minhas idas à linda biblioteca do CRFB, cujo acervo contribuiu muito na realização da minha pesquisa.

Registro um agradecimento especial a Aira Bonfim, pesquisadora do Museu do Futebol, que deu a ideia de que as entrevistas pudessem ser feitas e registradas com o suporte técnico do Museu e foi uma grande parceira durante todo esse processo e também na realização das entrevistas. Uma relação que começou em uma visita técnica à exposição “Visibilidade para o Futebol Feminino” e que se desdobrou em uma parceria e amizade que pretendo levar para a vida.

Agradeço também aos colegas dos estudos sobre as relações entre futebol, sexualidade e gênero, cujas ideias e debates contribuíram para a realização desse trabalho: Carolina Moraes, Gustavo Bandeira, Giovana Capucim e Silva e Luiza Aguiar dos Anjos. À Cara Snyder pela generosa e caprichada tradução do resumo para o inglês.

Ao Raphael Piva e à Marina Mattar, que deram a ideia ajudaram a fazer o evento “Pelo Direito de Torcer”, no Al Jannah. Estendo os agradecimentos a Analu Tomé, Guilherme Agostini e Isadora Moraes que gentilmente aceitaram participaram do debate e deram relatos incríveis.

À Jacqueline Moraes Teixeira, a Jacque, que já mereceria agradecimento especial pela ótima professora que é e por ter me ajudado a decifrar algumas das ideias presentes na obra de Judith Butler, que se tornaram fundamentais para o desenvolvimento dessa pesquisa. Felizmente, posso também desfrutar da sua amizade e agradeço muito as palavras de carinho e apoio ao longo desse processo.

À Martha Hitner, pelo teto, pelo apoio e amizade nos momentos mais difíceis. À Daniela Camargo, pelo apoio, confiança e pelas parcerias de trabalho em diferentes momentos. À Flávia Fávori, ex-colega de firma e de fretado, que se tornou amiga, companheira de mestrado, de EACH e de botecos. A tantxs amigos e amigas queridxs que a vida me proporcionou e que foram tão importantes para que eu chegasse até aqui: Angélica Ferreira (Bee), Gláucia Silva, Bruna Kocsis, Cintia Masil, Adriana Dantas, Christian Guimarães, Daniela Blanco, Raquel Piñas, Rodrigo Alves, Kléber Danoli, Tatiane Martins, Giuliana Lima, Fernanda Prado, Felipe Carrilho, Paula de Barros, Gustavo Sanchez, Manuela Prado, Amanda Luzia.

Ao Sheik, pela Libertadores e por ter me dado de presente um tema de pesquisa, ao qual me joguei de cabeça.

Por fim, quero agradecer a Aline Ribeiro, a Lin, que apesar de ter conhecido há pouco mais de um ano, certamente foi a pessoa que mais vivenciou esse meu processo de feitura do mestrado. Dentre tantos motivos para te agradecer, começo pelo apoio e compreensão ao compartilhar comigo dessa experiência de fazer uma dissertação de mestrado (estarei agora mais presente para poder acompanhar a conclusão da tua dissertação). Pelas conversas e momentos prazerosos em tua companhia e pelos tantos ensinamentos. Também pelas leituras, revisões e comentários que foram fundamentais para enriquecer esse trabalho. Pelo amor e companheirismo ao longo dessa nossa convivência juntxs. Agradeço a sorte daquela cadeira vaga, que me possibilitou ter sentado ao teu lado naquele karaokê... Obrigado por tudo e isso e muito mais, bonita. Amo você!

*“Afirmar que os poemas resistem a essa soberania não significa dizer que vão alterar o curso da guerra ou que, em última instância, vão se provar mais poderosos que o poder militar do Estado. Mas sem dúvida têm consequências políticas: oriundos de cenários de subjugação extrema, são o testemunho de vidas obstinadas, vulneráveis, donas e não donas de si próprias, despojadas, enfurecidas e perspicazes. Como uma rede de comoções transitivas, os poemas – na sua criação e na sua disseminação – e são atos críticos de resistência, interpretações insurgentes, atos incendiários que, de algum modo e inacreditavelmente, vivem através da violência à qual se opõem.”*  
(BUTLER, 2016, p. 96-97)

## RESUMO

PINTO, Maurício Rodrigues. **Pelo direito de torcer**: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol. 2017. 126 p. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Versão original.

Em um contexto caracterizado pela exacerbação da masculinidade, no qual a homofobia e a misoginia são reiteradas e, muitas vezes, naturalizadas, com o propósito também de demarcar seres abjetos por não se adequarem a essa norma, o presente trabalho estuda a trajetória de grupos e de movimentos de torcedores cujos discursos e performance vão na contramão da ideia de que o futebol brasileiro é um jogo “pra machos”, reduto de homens cisgêneros e heterossexuais. Tal exercício tem como propósito analisar as ações de grupos, que por meio de sua ação política em diferentes períodos históricos, reivindicaram o direito de torcer pelas pessoas LGBT e mulheres, desestabilizando, assim, a norma regulatória baseada em um modelo de masculinidade hegemônica. Para isso, serão estudadas as torcidas gays do final da década de 1970, como a **Coligay** (torcida do Grêmio Foot Ball Porto Alegrense) e a **Fla-Gay** (torcida do Clube de Regatas Flamengo), que surgem em meio ao regime militar brasileiro, e os movimentos de torcedorxs contemporâneos contrários à homofobia e à misoginia no futebol brasileiro, que constroem a sua visibilidade principalmente por meio do site de rede social Facebook: **Galo Queer** (formada por torcedorxs do Clube Atlético Mineiro), **Bambi Tricolor** (que reúne torcedorxs do São Paulo Futebol Clube), **Palmeiras Livre** (coletivo de torcedorxs da Sociedade Esportiva Palmeiras) e **Movimento Toda Poderosa Corinthiana** (coletivo de torcedoras do Sport Club Corinthians Paulista).

Palavras-chave: Futebol. Masculinidades. Homofobia. Machismo. Torcidas Gays. Torcidas Livres. Facebook.

## ABSTRACT

PINTO, Maurício Rodrigues. **For the right to support: from gay fans to the movements of fans against machismo and homophobia in football.** 2017. 126 p. Dissertation (Master's Degree in Sciences) - School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2018. Original version.

In a context characterized by the exacerbation of masculinity, in which homophobia and misogyny are reiterated and often naturalized, with the purpose of also demarcating abject beings for not conforming to this norm, the present work studies the trajectory of groups and of movements of fans whose discourse and performance go against the idea that Brazilian football is a game "for machos," a stronghold of cisgender, heterosexual men. The purpose of this paper is to analyze the actions of groups that, through their political action in different historical periods, have claimed the right to support for LGBT people and women, thus destabilizing the regulatory norm based on a model of hegemonic masculinity. To this end, I will study the gay fans of the late 1970s, such as **Coligay** (supporters of Grêmio Foot Ball Porto Alegrense) and **Fla-Gay** (supporters of the Clube de Regatas do Flamengo), as well as the movements of contemporary fans against homophobia and misogyny in Brazilian football, who construct their visibility mainly through the social network site Facebook: **Galo Queer** (formed by fans of Clube Atlético Mineiro), **Bambi Tricolor** (that unites supporters of the São Paulo Futebol Clube), **Palmeiras Livre** (a collective of fans from the Sociedade Esportiva Palmeiras) and **Movimento Toda Poderosa Corinthiana** (a collective of female supporters from Sport Club Corinthians Paulista).

Keywords: Football. Masculinities. Homophobia. Male chauvinism. Gay Football Supporters. Queer Football Supporters. Facebook.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Meme postado pela Palmeiras Livre ironizando Emerson Sheik .....	85
Figura 2 – Primeira versão da página Galo Queer.....	91
Figura 3 – Atual identidade visual da Galo Queer .....	91
Figura 4 – Primeira identidade visual da Bambi Tricolor, de 15/04/2013 .....	92
Figura 5 – Identidade visual atual da página Bambi Tricolor .....	92
Figura 6 – Primeira identidade visual da página Palmeiras Livre.....	93
Figura 7 – Atual identidade do coletivo Palmeiras Livre, que faz referência aos símbolos dos movimentos LGBT, feminista, negro e transexual.....	93
Figura 8 – Capa do Jornal Lance!, do dia 24/03/2016.....	100
Figura 9 – Mensagem encaminhadas à Campanha #MachismoNãoÉTradição .....	103
Figura 10 – Postagem do MTPC sobre o informativo da Estopim da Fiel.....	109
Figura 11 – Ação da Galo Queer na Marcha das Vadias de 2013.....	117
Figura 12 – Torcedoras do MTPC durante a ação Tire o Machismo de Campo.....	117

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b>	12
2	<b>DISCUSSÕES TEÓRICAS SOBRE MASCULINIDADES E O FUTEBOL BRASILEIRO COMO UM TERRITÓRIO DO “MACHO”</b>	22
2.1	O EPISÓDIO RICHARLYSON E A NEGAÇÃO DO “BAMBI”	27
2.2	O “SELINHO” QUE EXPÔS O PRECONCEITO	35
3	<b>AS DESCONSTRUÇÕES DO FUTEBOL COMO ‘JOGO PRA MACHO’: O PIONEIRISMO DAS TORCIDAS GAYS</b>	43
3.1	A TRAJETÓRIA DA COLIGAY: O ATIVISMO GAY GANHA OS ESTÁDIOS	46
3.2	A ‘PRAGA’ DA FLA-GAY	56
4	<b>OS NOVOS “SUJEITOS-TORCEDORXS”: GALO QUEER, BAMBI TRICOLOR, PALMEIRAS LIVRE E MOVIMENTO TODA PODEROSA CORINTHIANA</b>	73
4.1	AS TORCIDAS LIVRES E QUEER: A INTERNET COMO UM ESPAÇO DE TORCER E DE ATIVISMO	77
4.2	MOVIMENTO TODA PODEROSA CORINTHIANA: O FEMINISMO NA ARQUIBANCADA	99
5	<b>LUTAS PELO DIREITO DE TORCER: A PRODUÇÃO DE DISCURSOS “DESAUTORIZADOS” E DE RESISTÊNCIA</b>	113
	<b>REFERÊNCIAS</b>	120

## 1. INTRODUÇÃO

“Taticamente muito bem organizado, jogadores de uma entrega fora do normal. Uma equipe de homens, uma equipe de homens que sabe o que quer!” (Fábio Carille, técnico do Sport Club Corinthians Paulista).

No dia 12/07/2017, o Sport Club Corinthians Paulista venceu o seu principal rival histórico, a Sociedade Esportiva Palmeiras, pelo placar de dois a zero em partida válida pelo Campeonato Brasileiro. A vitória fez o time alvinegro consolidar ainda mais a sua liderança, com uma das melhores campanhas da história da competição até então. Na entrevista coletiva, o técnico corinthiano Fábio Carille, ao explicar o sucesso do seu time frente aos demais, o sintetizou através de uma frase – colocada aqui como epígrafe da introdução – que ganhou repercussão na mídia especializada<sup>1</sup>. Mais uma vez, ganhava visibilidade uma ideia muito reiterada no futebol brasileiro: a de que o futebol “é coisa para homem”. De acordo com essa concepção, mais do que a competência, a superioridade técnica e tática, a disciplina e o talento do time, para ser bom no futebol é preciso ser – e mostrar-se – mais homem que o adversário.

A colocação de Carille é apenas um exemplo em meio à multiplicidade de falas proferidas pelos diferentes atores sociais do campo futebolístico que circulam e contribuem para o efeito de naturalização de uma norma que regula comportamentos e posturas, estabelecendo o homem cisgênero e heterossexual como o participante e interlocutor legítimo do futebol, colocando em posição periférica e até mesmo de exclusão quem não se enquadra a essa norma, como as mulheres e as pessoas LGBT:

Diversos trabalhos etnográficos que se referem a grupos de homens e à construção da identidade masculina nesses grupos relatam que, entre homens, o sobrepor-se a outro em uma disputa traz para o vencedor um incremento simbólico à própria masculinidade (GASTALDO E BRAGA, 2011, p. 884).

No que diz respeito à materialização e naturalização dos corpos generificados em uma sociedade heteronormativa – regulada por uma matriz binarista (homem e mulher cisgênero) e heterossexual –, a filósofa Judith Butler (2007), estabelecendo diálogo com Foucault (1988) quando este discorre sobre os dispositivos necessários para o estabelecimento de um poder, argumenta que é preciso que haja a reiteração e a reelaboração de discursos performativos provenientes de diferentes autoridades, em variados intervalos de tempo. O conceito de

---

<sup>1</sup> A fala foi destacada em diversas matérias feitas após o jogo. O site esportivo Globoesporte.com atribuiu a seguinte manchete: “Corinthians surpreende até Carille, que faz elogios após Déربي: "Equipe de homens"”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/corinthians-surpreende-ate-carille-que-faz-elogios-apos-derbi-equipe-de-homens.ghtml>. Acesso em 13/07/2017.

*performatividade*, bastante presente na obra de Butler, é fundamental para a compreensão desse processo de materialização dos corpos, por meio de uma propriedade discursiva que, pela sua reiteração e reelaboração constantes, produzem o efeito daquilo que é nomeado:

A performatividade deve ser compreendida não como um "ato" singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia. O que, eu espero, se tornará claro no que vem a seguir é que as normas regulatórias do "sexo" trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual (BUTLER, 2007, 153)<sup>2</sup>.

Nesse sentido, é possível afirmar que os homens não são naturalmente aptos e dotados de competência e capacidade superiores para jogar futebol e, sim, de que essa ideia foi e segue sendo construída discursivamente ao longo da história, como, por exemplo, na fala destacada de Carille. É justamente a grande proliferação desses discursos que acabaram por naturalizar que o homem cisgênero e heterossexual é o legítimo participante do jogo.

O esporte moderno, invenção do século XIX, é um universo que historicamente privilegia o homem. Para Pierre de Coubertin, idealizador dos Jogos Olímpicos da era moderna, cuja primeira edição foi realizada em 1896, “o atleta masculino individual é o verdadeiro herói olímpico” (VIGARELLO, 2013, p. 277). Por mais que o esporte na atualidade se constitua em um “exemplo do recuo maciço do ‘viril’, da encenação de modelos físicos masculinos e femininos radicalmente transformados” (VIGARELLO, 2013, p. 297), nele ainda residem pontos de resistência que fazem com que o esporte continue sendo um território masculino:

A ‘guerra’ esportiva é também um espaço particular; aquele onde as qualidades mais reiteradas do masculino pretendem, algumas vezes ainda, conservar um privilégio contestado em outros contextos, em virtude sem dúvida de sua ‘fiscalidade’ imediata (VIGARELLO, 2013, p. 299).

Tal fato pode explicar, por exemplo, a menor visibilidade alcançada por modalidades esportivas praticadas por mulheres e o uso de discursos que visam resgatar “as ‘dominações’ perdidas: a referência ‘agressiva’, o comentário ‘viril’, a atitude ‘áspera’, ‘abrupta’, aquela destinada aos homens e somente a eles” (VIGARELLO, 2013, p. 299).

---

<sup>2</sup> No mesmo artigo, Butler fornece um exemplo para explicar como se dá, na prática, a produção de efeito por meio da nomeação de um ser “neutro”, atribuindo àquele corpo uma história e significados que são anteriores à sua existência: “Nesse sentido, a matriz das relações de gênero é anterior à emergência do ‘humano’. Consideremos a interpelação médica que, apesar da emergência recente das ecografias, transforma uma criança, de um ser ‘neutro’ em um ‘ele’ ou em uma ‘ela’: nessa nomeação, a garota torna-se uma garota, ela é trazida para o domínio da linguagem e do parentesco através da interpelação do gênero. Mas esse tornar-se garota da garota não termina ali; pelo contrário, essa interpelação fundante é reiterada por várias autoridades, e ao longo de vários intervalos de tempo, para reforçar ou contestar esse efeito naturalizado. A nomeação é, ao mesmo tempo, o estabelecimento de uma fronteira e também a inculcação repetida de uma norma” (BUTLER, 2007, p.161).

Para mim, homem, cisgênero, heterossexual, corinthiano e apaixonado por futebol desde criança, tais discursos, muitas vezes carregados de exacerbação de uma masculinidade violenta e viril, contendo forte teor homofóbico e misógeno, foram durante muito tempo encarados como naturais e constituintes das dinâmicas e sociabilidades envolvidas no jogo de futebol. Raramente questionava o senso comum de que pessoas LGBT e mulheres “não gostam de futebol” e também reproduzia comportamentos e posturas que estigmatizavam e hierarquizavam essas pessoas em relação ao gosto e pertencimento ao futebol.

Foi no ano de 2013, quando ingressei na especialização em Sociopsicologia, na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), que me dei conta que o futebol pode também ser entendido como um espaço no qual é possível a construção de discursos e performatividades dissonantes, que foram abrindo a possibilidade de se pensar o futebol não só como o lugar do “macho”. No primeiro semestre desse ano, começavam a surgir páginas na rede social Facebook criadas por pessoas e grupos que se apresentavam como torcidas livres e *queer* e que se posicionavam principalmente como movimentos de torcedorxs<sup>3</sup> contrários à homofobia e ao machismo no futebol.

Em agosto do mesmo ano o jogador Émerson Sheik, então atacante do Corinthians, postou uma foto na rede social Instagram acompanhada de uma legenda que trazia uma fala contra a homofobia e o machismo. Isso provocou grande repercussão na mídia, conquistando o apoio desses grupos, mesmo estes sendo, na maioria, formados por torcedorxs de times rivais ao Corinthians. Conforme será discutido mais adiante, o gesto de Sheik também causou enorme indignação por parte de muitos torcedores do Corinthians e foi ridicularizado por boa parte da mídia esportiva.

O acompanhamento deste episódio e dos seus desdobramentos foram decisivos para que eu decidisse investigar e questionar o porquê do futebol, reconhecido como o “esporte nacional”, apresentar-se como um espaço hostil à presença e participação de mulheres e pessoas LGBT, assim como pesquisar a trajetória de grupos e movimentos de torcedores que desestabilizaram a ideia do futebol como um reduto masculino e heterossexual. Também foi decisivo para que eu questionasse a forma como me relaciono com o jogo de futebol e, mais profundamente, o meu lugar enquanto sujeito político, o que me levou a ingressar no programa de mestrado Mudança Social e Participação Política, da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, no início de 2015.

---

<sup>3</sup> A opção pelo uso de “torcedorxs”, para se referir a integrantes e pessoas que apoiam os movimentos e coletivos contrários ao machismo e à homofobia no futebol, foi uma forma de demarcar, por meio da linguagem não-binária, o posicionamento político desses grupos diante da norma que define o homem cisgênero e heterossexual como o legítimo participante do futebol.

Desde então, cada vez mais têm-se debatido as relações entre futebol e questões de gênero, também com movimentos de torcedorxs que abordam tais temáticas conquistando novos espaços de fala. Além disso, violências de gênero antes naturalizadas começaram a ser nomeadas, discutidas e são cada vez mais alvo de questionamentos, com entidades que organizam o futebol, clubes, torcidas e a mídia especializada passando também a ser interpelados a se pronunciarem sobre o assunto e a reverem seus posicionamentos. Outras performatividades e formas de apropriação do jogo, que questionam e subvertem a ideia do futebol como um reduto do homem cisgênero e heterossexual, foram se consolidando e conquistando maior visibilidade. Dentre essas ações, é possível destacar:

- O manifesto realizado pelo Corinthians aos seus torcedores, em 2014, pedindo o fim dos gritos “bicha” dirigidos ao goleiro do time adversário no momento em que este cobra o tiro de meta<sup>4</sup>;
- A ação realizada pelo Movimento 20-9, formada por torcedores do Palmeiras, para que palmeirenses que fossem até o estádio do time, o Allianz Park, gritassem “Porco” ao invés de “Bicha”, colocando a manifestação de apoio ao time acima de um grito homofóbico<sup>5</sup>;
- As punições dadas pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) à Confederação Brasileira de Futebol (CBF), pelas manifestações homofóbicas de torcedores brasileiros durante jogos da Seleção Brasileira de futebol masculino realizados no país, válidos pelas Eliminatórias para a Copa do Mundo de 2018<sup>6</sup>;
- A campanha “A comunidade LGBT é bem-vinda no estádio do Rio Claro FC”, organizada pelo Rio Claro Futebol Clube, time que atualmente disputa a segunda divisão do Campeonato Paulista. No início de 2017, o Rio Claro fez um convite público, via redes sociais, à comunidade LGBT para assistir jogos no estádio em que o

---

<sup>4</sup> Mais detalhes na matéria publicada pelo site Trivela, com a manchete: “Corinthians tem atitude gigante contra a homofobia em manifesto à torcida”. Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/corinthians-tem-atitude-gigante-contra-homofobia-em-manifesto-torcida/>. Acesso em 20/05/2017.

<sup>5</sup> Ver reportagem da Folha de São Paulo com a manchete “Contra homofobia, palmeirenses querem emplacar grito de ‘porco’”. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2016/10/1825417-contra-homofobia-palmeirenses-querem-emplacar-grito-de-porco.shtml>. Acesso em 01/05/2017.

<sup>6</sup> A CBF recebeu três punições da FIFA por atitudes homofóbicas de torcedores brasileiros em jogos da Seleção Brasileira realizados entre 2016 e 2017. A última punição foi aplicada na forma de multa no valor de trinta e cinco mil francos suíços (o que corresponde a mais de R\$110 mil reais). Ver a matéria “CBF leva multa da Fifa e escapa de punição mais dura por gritos homofóbicos”. Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,cbf-leva-multa-da-fifa-e-escapa-de-punicao-mais-dura-por-gritos-homofobicos,70001754481>. Acesso em 02/06/2017.

time sedia os seus jogos. Na ação, o clube também se posicionou repudiando manifestações homofóbicas nas arquibancadas<sup>7</sup>;

- Também no ano de 2017, a Banda Alma Celeste, uma das maiores torcidas do Paysandu Sport Club, tradicional time de futebol da cidade de Belém (PA), decidiu abolir os cantos homofóbicos dirigidos ao time rival, o Clube do Remo. Dias depois, durante um jogo contra o Santos Futebol Clube, disputado em 10/05/2017, a torcida estendeu na arquibancada do estádio uma bandeira com as cores do arco-íris que simboliza o Movimento LGBT,<sup>8</sup>;
- Em 10 de junho de 2017, foi realizado o I Encontro de Mulheres de Arquibancada, que reuniu cerca de 350 torcedoras, representando 50 torcidas, de onze diferentes estados brasileiros. O evento realizado no Museu do Futebol (SP) e organizado por um grupo de mulheres ligadas a variadas torcidas de times brasileiros, teve o propósito de promover o diálogo sobre as diversas experiências de participação das mulheres nos espaços de torcer, pensar e fazer futebol, além de propor encaminhamentos de ações para maior visibilidade das mulheres no futebol e ampliação da participação das mulheres nas arquibancadas dos estádios<sup>9</sup>;
- Em 17 de junho de 2017, o Complexo Desportivo do Ibirapuera recebeu a primeira edição dos Jogos da Diversidade, evento realizado através de parceria do Comitê Desportivo LGBT (CDG-Brasil) e a Associação Parada do Orgulho LGBT de São Paulo (APOLGBT). O futebol foi uma das modalidades que integrou os Jogos, contando com a participação de times LGBT amadores, como Bulls, Natus FC, Meninos Bons de Bola e Afronte FC, todos da cidade de São Paulo, que começam a construir representatividade para a prática do futebol por pessoas LGBT. O futebol

<sup>7</sup> O Rio Claro FC lançou a campanha contra a homofobia em suas redes sociais. O manifesto divulgado no Facebook, em 7 de fevereiro de 2017, faz o convite para a comunidade LGBT: “A comunidade LGBT é bem-vinda no estádio do Rio Claro FC”. Disponível em: <https://www.facebook.com/rioclarofc/photos/a.314500831921512.71358.221818031189793/1343760942328824>. Acesso em 10/02/2017.

<sup>8</sup> Sobre as ações realizadas pela torcida Banda Alma Celeste, abolindo cantos homofóbicos e estendendo a bandeira do orgulho LGBT, ver a notícia “Torcida se desculpa por chamar rival de gay e abre bandeira LGBT em estádio”, publicada pelo portal UOL Esportes. Disponível em: <https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2017/05/18/torcida-se-desculpa-por-chamar-rival-de-gay-e-abre-bandeira-lgbt-em-estadio.htm>. Acesso em 19/05/2017. Pelas iniciativas, a Banda Alma Celeste recebeu o Prêmio Cidadania em Respeito à Diversidade, conferida pela Associação da Parada do Orgulho LGBT (APOLGBT).

<sup>9</sup> Sobre o I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada, ver a divulgação do evento feita pelo Museu do Futebol, que colaborou com a organização e sediou o evento: <http://museudofutebol.org.br/evento/1-encontro-nacional-de-mulheres-de-arquibancada>. Acesso em 15/07/2017. Sobre a repercussão do evento, ver o artigo “Pioneiras, as Mulheres de Arquibancada fazem história!”, postado no site “A bola que pariu”, cujo conteúdo é produzido exclusivamente por mulheres que acompanham e discutem assuntos relacionados ao futebol. Disponível em: <http://abolaquepariu.com.br/2017/06/pioneiras-as-mulheres-de-arquibancada-fazem-historia/>. Acesso em 13/06/2017.

jogado por homens gays e transexuais tem ganhado visibilidade no Brasil, com a formação de novos times nas cidades do Rio de Janeiro e Belo Horizonte<sup>10</sup>;

- Em 29 de junho de 2017, o jogo entre Iranduba Esporte Clube da Amazônia e Santos, válido pela semifinal da quinta edição do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, reuniu o maior público de uma partida envolvendo times de futebol feminino no Brasil. Foram 25.371 pessoas presentes na Arena da Amazônia, em Manaus, para prestigiar o jogo e apoiar o Iranduba. Este também foi o recorde de público de partida de futebol, masculino ou feminino, disputada com a participação de times do Estado do Amazonas, mostrando que o futebol jogado pelas mulheres tem maior visibilidade e adesão neste Estado<sup>11</sup>.

Ainda que o debate sobre a homofobia e o machismo tenha crescido, da mesma forma que a visibilidade sobre outras performatividades e discursos relacionados ao futebol no Brasil, é fato que a hostilidade às mudanças e à visibilidade dessas ações segue presente e ainda são impostas grandes resistências e dificuldades à participação de mulheres e pessoas LGBT.

Haja vista a adesão aos gritos em coro “Bicha” nos estádios brasileiros, dirigidos ao goleiro adversário no momento em que este vai cobrar um tiro de meta, hábito que começou a fazer parte do modo de torcer a partir da Copa do Mundo de Futebol de 2014, realizada no Brasil (CAMARGO, 2017); as manifestações homofóbicas em represália às ações desenvolvidas por clubes e torcidas, como, por exemplo, a agressão a integrantes da Banda Alma Celeste durante uma partida do Paysandu, em repúdio às manifestações da torcida contrárias à homofobia no futebol<sup>12</sup>; em maio de 2017, torcedores do Guarani Futebol Clube, da cidade de Campinas (SP), dispararam bombas em frente ao Estádio Brinco de Ouro da

---

<sup>10</sup> Sobre os Jogos da Diversidade, recomendo a leitura do texto do pesquisador Wagner Xavier Camargo (UFSCar) para o site Ludopédio, com o título “Jogos da Diversidade de São Paulo”. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/jogos-da-diversidade-de-sao-paulo/>. Acesso em 03/07/2017. Sobre os times de futebol LGBT, ver a reportagem especial produzida pelo canal esportivo ESPN Brasil, que integra a série “Futebol Fora do Armário”. Disponível em: [http://espn.uol.com.br/video/706758\\_futebol-fora-do-armario-nos-campos-de-pelada-o-futebol-lgbt-ja-e-realidade-veja-a-reportagem-final-da-serie](http://espn.uol.com.br/video/706758_futebol-fora-do-armario-nos-campos-de-pelada-o-futebol-lgbt-ja-e-realidade-veja-a-reportagem-final-da-serie). Acesso em 30/06/2017.

<sup>11</sup> O recorde de público presente para o jogo Iranduba e Santos foi destacado na matéria “Com público histórico, Santos bate Iranduba nas semis do Brasileiro feminino”, do site Globoesporte.com. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/am/jogo/29-06-2017/iranduba-santos/>. Acesso em 30/06/2017.

<sup>12</sup> Após a partida entre Paysandu e Luverdense, válida pela segunda divisão do Campeonato Brasileiro 2017, torcedores da Terror Bicolor, uma das principais torcidas organizadas do Paysandu, dirigiram ameaças e agrediram integrantes da Banda Alma Celeste, ainda dentro do estádio. As agressões foram motivadas pela visibilidade alcançada pelas ações contrárias à homofobia, citadas anteriormente, promovidas pela Banda Alma Celeste. Mais detalhes na reportagem “Torcida do Paysandu que apoiou a causa LGBT sofre represálias e membros são agredidos em estádio”, publicada pelo site da ESPN. Disponível em: [http://espn.uol.com.br/noticia/707545\\_torcida-do-paysandu-que-apoiou-a-causa-lgbt-sofre-represalias-e-membros-sao-agredidos-em-estadio](http://espn.uol.com.br/noticia/707545_torcida-do-paysandu-que-apoiou-a-causa-lgbt-sofre-represalias-e-membros-sao-agredidos-em-estadio). Acesso em: 02/07/2017.

Princesa, no momento em que acontecia a apresentação do novo reforço do clube, Richarlyson, jogador com passagens de destaque por São Paulo, Atlético Mineiro e Seleção Brasileira, mas que teve a sua carreira marcada por questionamentos e perseguições em relação à sua sexualidade.

Assim, a homofobia e o machismo ainda estão muito presentes em comportamentos e falas de diversos atores sociais estabelecidos nas práticas e lugares que dão sentido ao futebol no país. Na área dedicada aos comentários dos leitores das reportagens que tratam de episódios ligados à homofobia e misoginia no futebol ou que mostram mulheres e pessoas LGBT praticando futebol, muitas pessoas expõem sem pudor o seu incômodo e preconceito, reafirmam que o futebol é exclusivo do “grupo dos verdadeiros homens” (BOURDIEU, 2002, p. 64). Depreciam e subestimam a importância dessas ações, tratando-as como “mimimi do politicamente correto” que quer acabar com o “verdadeiro futebol”, como se houvesse uma única forma e sentido de se apropriar do futebol. Ignora-se que a própria história do futebol no Brasil, inicialmente praticado por representantes de elites majoritariamente de descendência europeia, é perpassada por lutas pelo direito de jogar bola e de torcer, pelo direito de ser reconhecido como jogador e torcedor de futebol.

Ao fazer isso, além de reafirmar uma norma de que o futebol é jogo para “machos”, por meio da homofobia e do machismo busca-se também demarcar o que Butler (2007) denomina de “campo de abjeção”, do qual fariam parte as pessoas cuja subjetividade e performatividade não se adéquam a tal ideal normativo:

Esta matriz excludente pela qual os sujeitos são formados exige, pois, a produção simultânea de um domínio de seres abjetos, aqueles que ainda não são “sujeitos”, mas que formam o exterior constitutivo relativamente ao domínio do sujeito. O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do “inabitável” é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito. Essa zona de inabitabilidade constitui o limite definidor do domínio do sujeito (BUTLER, 2007, 155).

Butler tem como uma das maiores preocupações em sua obra entender e problematizar as normas e discursos que produzem “não sujeitos” na sociedade contemporânea. Uma das suas inspirações é o pensamento da também filósofa Hannah Arendt – que, assim como Butler, tem origem judia. Por causa da ascensão do nazismo na Alemanha, durante a década de 1930 e período da Segunda Guerra Mundial, Hannah Arendt viu-se obrigada a se refugiar, construindo a sua trajetória acadêmica nos Estados Unidos. Ao refletir sobre a ausência de estatuto legal que contemplasse a pessoa com o status de refugiada (“*displaced person*”), elaborou o conceito de “direito de ter direitos” (ARENDR, 2013), que, segundo ela, seria

condição básica para a cidadania, direito do qual derivam todos os demais direitos e cuja defesa à sua garantia é anterior aos próprios dispositivos legais, sendo fundamental para evitar a ascensão de regimes totalitários:

O que Hannah Arendt estabelece é que o processo de asserção dos direitos humanos, enquanto invenção para convivência coletiva, exige um espaço público. A este espaço só se tem acesso pleno por meio da cidadania. É por essa razão que, para ela, o primeiro direito humano, do qual derivam todos os demais, é o direito a ter direitos (LAFER, 1988, p. 166).

Butler (2016), ao atualizar o direito de ter direitos, por meio da ideia de “direito à aparição”, diz que este só pode ser concretizado no social, na medida em que aqueles entendidos como seres abjetos se articulem em aliança e, por meio da apropriação da palavra e da construção de discursos contra-hegemônicos, rompam com as normas opressoras:

Este direito não está codificado em lugar algum. Ele não é concedido a partir de outro lugar ou pela lei vigente, mesmo que nesta ou naquela ocasião ele encontre suporte justamente ali. Ele é, de fato, o direito de ter direitos, não enquanto lei natural ou estipulação metafísica, mas como persistência do corpo contra aquelas forças que buscam debilitá-lo ou erradicá-lo. Esta persistência requer que se invada o regime estabelecido do espaço com um conjunto de suportes materiais, simultaneamente mobilizados e mobilizantes (BUTLER, 2015, p.12).

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a trajetória de grupos, cujos discursos e performatividades, em diferentes períodos históricos, questionaram e afrontaram a norma de que o futebol é coisa para “macho”, abrindo, assim, a possibilidade de que pessoas consideradas abjetas reivindicassem o seu direito de torcer e se apropriassem da identidade “torcedorxs”, passando a serem reconhecidas como sujeitos participantes do futebol.

A partir do levantamento e da análise de diferentes fontes documentais serão reconstituídas as trajetórias das torcidas gays da década de 1970, mais especificamente a **Coligay** (torcida do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre) e a **Fla-Gay** (formada por torcedores do Clube de Regatas Flamengo). Em seguida, serão analisados quatro movimentos de torcedorxs que construíram a sua visibilidade principalmente através da rede social Facebook: **Galo Queer** (formada por torcedorxs do Clube Atlético Mineiro), **Bambi Tricolor** (que reúne torcedorxs do São Paulo Futebol Clube), **Palmeiras Livre** (coletivo de torcedorxs do Palmeiras) e **Movimento Toda Poderosa Corinthiana** (movimento formado por mulheres corinthianas).

No primeiro capítulo, intitulado “Discussões teóricas sobre masculinidades: a configuração do futebol brasileiro como um território do ‘macho’”, serão problematizados

discursos hegemônicos e que fazem parte do repertório de atores sociais estabelecidos<sup>13</sup> (ELIAS, 2000) no futebol, e que contribuem para consolidar a norma do futebol como lugar exclusivo do homem cisgênero e heterossexual. Serão analisados mais detidamente dois episódios envolvendo atletas de renome no futebol brasileiro contemporâneo, que tiveram a sua trajetória marcada – e prejudicada – por gestos e posicionamentos que foram entendidos como “transgressões” a essa norma: os já citados Richarlyson e Emerson Sheik. Essa análise será empreendida a partir de narrativas produzidas principalmente pela mídia especializada em diálogo com referenciais dos estudos de gênero e de estudos acerca do conceito de masculinidades.

Para Raewyn Connell, uma das principais estudiosas das relações entre masculinidades, “o conhecimento da masculinidade nasce dentro do projeto de entender as relações de gênero” (CONNELL, 1995, p. 44, tradução minha). Ou seja, o debate sobre as relações entre masculinidades no esporte passa também pelos debates em torno das performances de gênero em uma sociedade ainda regida de forma predominante pela norma da heterossexualidade compulsória.

No segundo capítulo, intitulado “As desconstruções do futebol como ‘jogo pra macho’: o pioneirismo das torcidas gays”, serão discutidos o surgimento da Coligay e o da Fla-Gay ao final da década de 1970, e de qual forma essas torcidas repercutiram no campo futebolístico brasileiro. Elas surgiram em meio ao contexto de ditadura militar e de cerceamento de liberdades individuais e de direitos políticos, mas também de florescimento de um cenário cultural e político que deu forma a movimentos e ativismos políticos no Brasil em defesa de grupos considerados como minorias, dentre eles o movimento homossexual.

No terceiro capítulo, “Os novos ‘sujeitos-torcedorxs’: Galo Queer, Bambi Tricolor, Palmeiras Livre e Movimento Toda Poderosa Corinthiana”, serão analisados os coletivos e movimentos de torcedorxs que criaram páginas na rede social Facebook a partir de 2013, e que se apresentam como espaços para torcedores contrários à homofobia e à misoginia no futebol. A proposta desse capítulo é entender a relação dessas torcidas e coletivos de

---

<sup>13</sup> Ao tratar da configuração estabelecidos-outsiders, Norbert Elias assim a caracteriza: “A peça central dessa figuração é um equilíbrio instável de poder, com as tensões que lhe são inerentes. Essa também é uma precondição decisiva de qualquer estigmatização eficaz de um grupo *outsider* por um grupo estabelecido. Um grupo só pode estigmatizar o outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído. Enquanto isso acontece, o estigma de desonra coletiva imputado aos *outsiders* pode fazer-se prevalecer. [...] Afirmar o rótulo de ‘valor humano inferior’ a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter a sua superioridade social. Nessa situação, o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar na autoimagem deste último e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo (ELIAS, 2000, p. 23-24).

torcedores com o contexto político, social e cultural mais amplo, e as suas estratégias para conquista de visibilidade enquanto “sujeitos-torcedorxs”. Outro objetivo é o de compreender as trajetórias dessas comunidades, principalmente a partir da análise das suas páginas nas redes sociais e de relatos obtidos ao longo pesquisa, através de entrevistas realizadas com integrantes desses coletivos.

Nas considerações finais, intituladas “Lutas pelo direito de torcer: a produção de discursos ‘desautorizados’ e de resistência”, será realizada uma reflexão acerca da importância desses ativismos em seus respectivos contextos históricos, na medida em que enfrentam concepções conservadoras em relação às mulheres e pessoas LGBT na sociedade brasileira e produzem discursos e narrativas alternativas sobre o futebol no país.

## 2. DISCUSSÕES TEÓRICAS SOBRE MASCULINIDADES E O FUTEBOL BRASILEIRO COMO UM TERRITÓRIO DO “MACHO”

“— Futebol é jogo pra homem.

E como era jogo pra homem, fora a conclusão a que o brasileiro chegara a 16 de julho de 1950, tínhamos perdido o campeonato do mundo” (RODRIGUES FILHO, 2003, p. 300).

No dia 16 de julho de 1950, a Seleção Brasileira de futebol masculino disputava na condição de franca favorita a final da Copa do Mundo de 1950 contra o selecionado do Uruguai. A partida foi realizada no Estádio do Maracanã (RJ), que viria a receber o nome de Estádio Mário Filho, em homenagem ao importante cronista esportivo brasileiro e autor do clássico livro “O Negro no futebol brasileiro”. Este jogo entrou para a história como o jogo do “Maracanazo”, ocasião em que o atacante uruguaio Alcides Gigghia silenciou os mais de 200 mil espectadores presentes no estádio, após anotar o segundo gol que marcava a virada uruguaia. A Seleção Brasileira era derrotada em casa, pelo placar de dois a um, e o Uruguai se tornava bicampeão da Copa do Mundo de Futebol.

Às vésperas da decisão, o clima de “já ganhou” tomava conta do país. Tal confiança foi exacerbada após a goleada da Seleção Brasileira sobre a Espanha, por seis a zero. Ao Brasil cabia apenas um empate diante da seleção uruguaia<sup>14</sup>, considerada uma equipe mais envelhecida e inferior tecnicamente. Mário Rodrigues Filho (2003) descreve a atmosfera e a empolgação que tomou conta dos torcedores antes do jogo derradeiro:

A vitória contra a Espanha, porém, virou a cabeça do brasileiro. Não do jogador brasileiro; do brasileiro que ficava de fora e que já se sentia campeão do mundo. Ainda mais porque o Uruguai no finzinho do jogo, um jogo perdido, ganhara da Suécia a duras penas. Enquanto isso o Brasil goleava a Suécia e a Espanha. Que dúvida podia haver? As fábricas de flâmulas trataram de fazer centenas de milhares de flâmulas: “Brasil, campeão do mundo”. As tipografias imprimiram milhões de cartões-postais com o escrete brasileiro: “Brasil, campeão do mundo”. Os gabinetes fotográficos reproduziram em milhares de cópias uma pose do escrete brasileiro com letras gravadas em preto: “Brasil, campeão do mundo”. O Prefeito Mendes de Moraes<sup>15</sup> mandou preparar o Carnaval, o maior Carnaval que já se vira no mundo. Em cima da marquise milhares de sacos de confete para serem despejados, lá de cima, logo que o juiz desse o jogo por terminado (RODRIGUES FILHO, 2003, p. 283).

<sup>14</sup> A Copa de 1950, que contou com 13 times no total, teve um formato diferente de outras edições da Copa do Mundo de Futebol, sendo decidida em um quadrangular final, no qual o campeão seria o time que somasse o maior número de pontos. Participaram do quadrangular decisivo as seleções da Espanha, Suécia, Brasil e Uruguai. O jogo entre Brasil e Uruguai, marcado para a última rodada do quadrangular, coincidentemente reuniu as seleções que tiveram melhor desempenho ao longo da fase decisiva da Copa. Por ter melhor campanha, o Brasil podia ser campeão até com o empate. Ao Uruguai, só a vitória, por qualquer placar, garantiria a conquista do título.

<sup>15</sup> Ângelo Mendes de Moraes foi prefeito nomeado do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, entre 1946 e 1951.

Ao final da partida o que se viu foi um retumbante anticlímax, de proporção igual ou superior à euforia da véspera. Após empate sem gols no primeiro tempo, a Seleção Brasileira abria o placar com gol de Friaça, logo aos dois minutos da segunda etapa. Mas aos 21 minutos, Schiaffino concluiu jogada feita por Alcides Gigghia e o Uruguai empatava a partida. Aos 34 minutos, após novo avanço pela lateral do campo, o mesmo Gigghia, autor da assistência do primeiro gol uruguaio, superava o goleiro Barbosa, que não conseguiu defender o chute desferido pelo avante uruguaio. Mário Filho faz o relato do que teria se passado com o time brasileiro e os torcedores presentes no estádio entre os dois gols uruguaio:

Um silêncio como nunca houvera antes baixou sobre o Maracanã. Ainda éramos campeões do mundo, o um a um não tinha mudado nada. Para o brasileiro, porém, mudara tudo. Era a vergonha. Lá embaixo, no gramado, como num pesadelo, os jogadores brasileiros sentiram o peso esmagador daquele silêncio. E foi em meio ao silêncio de duzentos e vinte mil brasileiros que Gigghia fez o segundo gol. Avançou como da primeira vez, Bigode recuando, recuando. Só que, quando Gigghia chegou quase junto a linha de fundo, Barbosa se lembrou do passe para trás no primeiro gol. Deu um passo à frente; se Gigghia centrasse, ele cortaria o centro. Gigghia chutou para o gol. A bola ia para fora, para as redes do lado de fora. Barbosa, porém, atirou-se e, quando sentiu que a bola passara, levou a mão esquerda para trás, como às vezes fazia. Em vez de puxá-la, o que fez foi desviar-lhe o caminho, de fora para dentro do gol (RODRIGUES FILHO, 2003, p. 288-289).

No relato sobre o segundo gol, Mário Filho destaca dois jogadores brasileiros: o lateral-esquerdo Bigode e o goleiro Barbosa, que ficaram marcados pela derrota diante dos uruguaio. Bigode, ainda no primeiro tempo, teria tomado um tapa do capitão uruguaio, Obdúlio Varela. Temendo ser expulso, Bigode não devolveu a agressão do uruguaio e no lance do gol teria adotado postura passiva, recuando diante do avanço do adversário. Nas narrativas pós-jogo feitas pela crônica esportiva da época, o não revide foi considerado uma demonstração de covardia: “a sua passividade, o seu controle das emoções e da agressividade contribuíram para fazer desmoronar outro ideal: o ‘ideal-nós’ de masculinidade” (PACHECO, 2010, p. 63). Já Barbosa teria sucumbido à pressão do jogo decisivo, tendo tomado dois gols em chutes que foram considerados defensáveis, tornando-se um dos principais símbolos daquela derrota<sup>16</sup>.

As masculinidades hegemônicas são constituídas a partir de “uma circulação de modelos de conduta masculina admirável, que são exaltados pelas igrejas, narrados pela mídia de massa ou celebrados pelo Estado” (CONNELL; MESSERCHIMIDT: 2013, p. 252). Dessa forma, esses modelos de masculinidades reverenciados são construídos a partir de processos

---

<sup>16</sup> A derrota foi tão marcante na vida de Moacir Barbosa Nascimento, a ponto do ex-goleiro, ídolo do Vasco da Gama (RJ) nas décadas de 1940 e 1950, ter declarado mais de 40 anos depois do “Maracanazo”: “a pena máxima para um crime no Brasil é de 30 anos. Eu pago por aquele gol há mais de 40 anos”. Barbosa faleceu em 2000, aos 79 anos.

sociais, então, podendo variar de acordo com momentos, lugares e contextos históricos e socioculturais:

As masculinidades hegemônicas podem ser construídas de forma que não correspondam verdadeiramente à vida de nenhum homem real. Mesmo assim esses modelos expressam, em vários sentidos, ideais, fantasias e desejos muito difundidos. Eles oferecem modelos de relações com as mulheres e soluções aos problemas das relações de gênero. Ademais, eles se articulam livremente com a constituição prática das masculinidades como formas de viver as circunstâncias locais cotidianas. Na medida em que fazem isso, contribuem para a hegemonia na ordem de gênero societal (CONNELL; MESSERCHIMIDT, 2013, p. 253).

Conforme fica evidente na frase da epígrafe, de Mário Filho, há a idealização de uma masculinidade hegemônica no futebol, que era um esporte para homens, logo, para jogar e triunfar nele, era preciso ser “macho”. Não é por acaso que naquele que é considerado um dos episódios mais marcantes da história do futebol brasileiro, apareça com ênfase o elemento da masculinidade, valor que é considerado central na maneira como se construiu e se afirma até hoje o futebol brasileiro. O escrete brasileiro, então produto e representante da ideia de miscigenação da sociedade brasileira, ficou distante de um ideal de masculinidade necessário para a conquista da Copa do Mundo sediada pelo país. A masculinidade miscigenada, da malandragem, que se forjou ao longo da campanha brasileira na Copa do Mundo (PACHECO, 2010, p. 55), não foi páreo para a masculinidade demonstrada pelos uruguaios, calcada no valor da virilidade, “sinônimo de força, ou pelo menos ela a supõe: força física, simbólica, mas também moral – fala-se de força de caráter –, considerada e valorizada como um traço essencial do masculino” (HAROCHE, 2013, p. 16).

Mário Filho mostra a reverência do público brasileiro à garra e à força demonstrada pelos uruguaios, simbolizada pela figura do meio-campista e capitão da Celeste Olímpica, Obdúlio Varela, o “ídolo que queríamos para nós”:

Era o ídolo que queríamos para nós. O que lamentávamos era não ter um Obdúlio Varela, El Gran Capitán. Se Obdúlio Varela tivesse jogado pelo Brasil, o Brasil teria sido campeão mundial. E o brasileiro se esquecia, ou talvez não se esquecesse, pelo contrário, que Obdúlio Varela era mulato. [...] [19]50, devia coroar um ídolo brasileiro, foi buscar um ideal de ídolo num mulato uruguaio. Secretamente o admirávamos, talvez mais do que tínhamos admirado Friedenreich e Leônidas: porque tinha tudo o que nos faltara naquela tarde de luto nacional de 16 de julho (RODRIGUES FILHO, 2003, p. 290).

A derrota de 1950 evidencia também as intersecções entre os marcadores de classe, raça, sexualidade e gênero presentes no processo de construção da identidade brasileira. Por trás de um discurso que muitas vezes pretendia valorizar a miscigenação, na configuração social fica evidente uma hierarquização das masculinidades que “alça o homem branco e heterossexual à norma, relegando mulheres e não-brancxs à subalternidade” (MISKOLCI,

2014, p. 20). Nesse caso, a subalternidade explicaria o fato dos jogadores de ascendência negra, considerados os principais responsáveis pela “falta de hombridade” demonstrada pela seleção brasileira diante dos uruguaios, serem os principais alvos de desqualificação pela feminização dos seus corpos e atuações:

Na Copa do Mundo de 1950, disputada no Brasil, a derrota para o Uruguai na final foi atribuída à falta de hombridade e a fatores raciais. Ou melhor, a “falta de masculinidade de negros e mulatos” seria responsável pela nossa derrota. O negro e o mulato são representados quase como afeminados. Foram considerados os maiores culpados da derrota brasileira: o goleiro Barbosa, que teria falhado no segundo gol do Uruguai, e o jogador Bigode, que teria levado um tapa de Obdúlio Varela, capitão do time uruguaio, ambos escolhidos, justamente, por possuírem ascendência negra (SOUZA, 1996, p. 127).

Apesar do futebol brasileiro ter adquirido status de “futebol-arte”, baseado na habilidade, na técnica e no improviso, a virilidade e a capacidade de se sobrepor ao adversário pela força são características valorizadas nas disputas competitivas e aparecem com grande frequência nos discursos e performatividades dos atores sociais que fazem parte do campo futebolístico no Brasil<sup>17</sup>. Florenzano (1998) aponta que, na década de 1960, em especial por conta da instalação do regime militar em 1964 e a derrota precoce na Copa do Mundo de 1966 – logo após a Seleção Brasileira de Futebol Masculino ter ganho dois títulos mundiais em sequência (nas Copas de 1958 e 1962) –, a categoria “futebol-força” ganhou maior evidência no Brasil, a partir também da crescente influência de militares na preparação física e técnica dos atletas, reforçando a ideia do esporte como mais um aparelho de disciplinarização dos corpos e das atitudes.

Partindo do pressuposto de Foucault (2009), em sua proposta de uma “descrição arqueológica”, não se pretende aqui estabelecer uma “marca de origem” de como o futebol espetáculo no Brasil tornou-se um reduto masculino ou estabelecer em que momento começaram a ser elaborados os discursos que deram forma à norma de que este é um jogo “pra macho”. A partir da inspiração na descrição e análise das formações discursivas, proposto por Michel Foucault (2009), serão analisados discursos, que dada a sua reiteração e acúmulo, fizeram materializar corpos e atitudes entendidas como abjetas e inadequadas de acordo com essa norma:

---

<sup>17</sup> Esses atores sociais, seguindo o modelo explicativo proposto por Toledo (2000), podem ser classificados da seguinte forma: “Independentemente da leitura sociológica que se faça sobre o futebol jogado profissionalmente, das conjunturas políticas e institucionais que tencionam e se entrelaçam ao referido esporte, ele se mostra configurado numa estrutura mais estável, [...] a partir de três referências, ou seja, os *profissionais* (jogadores, técnicos, dirigentes, juízes, preparadores, médicos, etc), os *especialistas* (as crônicas esportivas, sim, no plural mesmo) e o conjunto genérico de *torcedores*, “comuns” ou nomeados e reunidos em certas coletividades específicas (TOLEDO: 2000, p. 5).

Descrever um conjunto de enunciados, não como a totalidade fechada e pletórica de uma significação, mas como figura lacunar e retalhada; descrever um conjunto de enunciados, não em referência à interioridade de uma intenção, de um pensamento ou de um sujeito, mas segundo a dispersão de uma exterioridade; descrever um conjunto de enunciados para aí reencontrar não o momento ou a marca de origem, mas sim as formas específicas de um acúmulo, não é certamente revelar uma interpretação, descobrir um fundamento, liberar atos constituintes; não é, tampouco, decidir sobre uma racionalidade ou percorrer uma teleologia. É estabelecer o que eu chamaria, de bom grado, uma positividade. Analisar uma formação discursiva é, pois, tratar um conjunto de performances verbais, no nível dos enunciados e da forma de positividade que as caracteriza; ou, mais sucintamente, é definir o tipo de positividade de um discurso (FOUCAULT, 2009, p. 141-142).

Se Foucault fala da “positividade” ou de efeitos produzidos por um determinado discurso, Butler afirma que as “normas regulatórias do ‘sexo’ trabalham de uma forma **performativa** para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, [...] materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual” (BUTLER, 2007, p. 153, grifo nosso). Dentro do recorte proposto para essa pesquisa, a norma de que o futebol no Brasil é um jogo “pra macho” foi se estabelecendo pela reiteração de discursos e de performatividades condizentes ao ideal de masculinidade hegemônica, com o propósito de naturalizar o homem cisgênero e heterossexual como o legítimo participante e interlocutor desse esporte.

Segundo Louro (2007), a afirmação de determinadas identidades sociais e culturais são políticas. Da mesma forma, é possível também afirmar que é política e também se dá no plano discursivo a negação da visibilidade de outras identidades:

Distintas e divergentes representações podem, pois, circular e produzir efeitos sociais. Algumas delas, contudo, ganham uma visibilidade e uma força tão grandes que deixam de ser percebidas como representações e são tomadas como sendo a realidade. Os grupos sociais que ocupam as posições centrais, "normais" (de gênero, de sexualidade, de raça, de classe, de religião etc) têm possibilidade não apenas de representar a si mesmos, mas também de representar os outros. Eles falam por si e também falam pelos "outros" (e sobre os outros); apresentam como padrão sua própria estética, sua ética ou sua ciência e arrogam-se o direito de representar (pela negação ou pela subordinação) as manifestações dos demais grupos. Por tudo isso, podemos afirmar que as identidades sociais e culturais são políticas. As formas como elas se representam ou são representadas, os significados que atribuem às suas experiências e práticas é, sempre, atravessado e marcado por relações de poder (LOURO, 2007, p. 16).

Não por acaso, as ofensas e gestos homofóbicos e misóginos recorrentes em estádios de futebol, têm por objetivo depreciar o adversário por meio da sua feminização. Estão presentes na maioria dos cantos das torcidas que fazem referência ao adversário<sup>18</sup>, e também

---

<sup>18</sup> Recentemente o portal da Folha de São Paulo publicou uma reportagem especial intitulada “Voz das Arquibancadas”, sobre os cantos das torcidas organizadas dos times brasileiros que disputam a Série A do Campeonato Brasileiro. Referências homofóbicas e feminizantes ao adversário estão presentes nos cantos de

nos termos depreciativos, como “bambi”, “Maria” e “galinha”<sup>19</sup> ou mesmo nos gritos “bicha”, dirigidos ao goleiro do time adversário toda vez que este vai cobrar o tiro de meta. São interpretadas como “piadas”, “brincadeiras” e “provocações” que fazem parte do jogo, mas que torcedores, jogadores e times, em geral, não aceitam para si, por evocarem grupos sociais vistos como inferiores naquele universo, mais precisamente as mulheres e as pessoas LGBT:

É bastante comum na construção identitária de macho viril utilizar como referência, como fronteira constantemente vigiada e que nunca deve ser ultrapassada, a construção do personagem antagonico fazendo com que esse seja depositário do que de ruim poderia ser atribuído a um grupo identitário. O que eu sou depende do que não sou (BANDEIRA; SEFFNER, 2013, p. 252).

Para compreender como se dá essa dinâmica de regulação dos corpos e comportamentos no futebol pela norma da masculinidade hegemônica por meio dos discursos, serão analisadas mais detidamente as trajetórias de dois personagens de visibilidade dentro do futebol espetáculo brasileiro: os jogadores Richarlyson, atualmente defendendo o Guarani Futebol Clube, da cidade Campinas (SP), e Émerson Sheik, ex-atacante do Corinthians e atualmente jogando pela Associação Atlética Ponte Preta, também de Campinas. Ambos têm em comum o fato de terem se envolvido em episódios nos quais os seus comportamentos e modos de agir colocaram em xeque a norma regulatória de que o futebol é jogo “pra macho”. As inadequações e subversões à norma – independente se feitas com esse propósito ou não –, fizeram com que ambos tivessem a sua sexualidade questionada e fossem alvos de contestações estigmatizações por grande parte dos atores sociais estabelecidos e legitimados dentro do futebol, além de terem as suas trajetórias profissionais marcadas e prejudicadas por essas “transgressões”.

## 2.1 O EPISÓDIO RICHARLYSON E A NEGAÇÃO DO “BAMBI”

“A presente Queixa-Crime não reúne condições de prosseguir. [...] Não vejo nenhum ataque do querelado ao querelante. Em nenhum momento o querelado apontou o querelante como homossexual. Se o tivesse rotulado de homossexual, o querelante poderia optar pelos seguintes caminhos:

- Não sendo homossexual, a imputação não o atingiria e bastaria que, também ele, o querelante, comparecesse no mesmo programa televisivo e declarasse ser heterossexual e ponto final;
- Se fosse homossexual, poderia admiti-lo, ou até omitir, ou silenciar a respeito. Nesta hipótese, porém, melhor seria que abandonasse os gramados... Quem é, ou foi **BOLEIRO**, sabe muito bem que estas infelizes colocações exigem réplica imediata, instantânea, mas diretamente entre o ofensor e o ofendido, num “**TÊTE-À TÊTE**”. Trazer o episódio à Justiça, outra coisa não é senão dar dimensão

---

todas as torcidas. Disponível em: <http://arte.folha.uol.com.br/esporte/2017/voz-arquibancadas/#/homofobia>. Acesso em 22/06/2017.

<sup>19</sup> Ofensas usadas por torcidas adversárias para se referir aos torcedores dos times São Paulo Futebol Clube, Cruzeiro Esporte Clube e do Sport Club Corinthians, respectivamente.

exagerada a um fato insignificante, se comparado à grandeza do futebol brasileiro. [...] Já que foi colocado, como lastro, este Juízo responde: futebol é jogo viril, varonil, não homossexual. [...] Esta situação, incomum, do mundo moderno, precisa ser rebatida... Quem se recorda da “COPA DO MUNDO DE 1970”, quem viu o escrete de ouro jogando (**FÉLIX, CARLOS ALBERTO, BRITO, EVERALDO E PIAZA; CLODOALDO E GÉRSO; JAIRZINHO, PELÉ, TOSTÃO E RIVELINO**), jamais conceberia um ídolo seu homossexual. [...] Não que um homossexual não possa jogar bola. Pois que jogue, querendo. Mas, forme o seu time e inicie uma Federação. Agende jogos com quem prefira jogar contra si. [...] O que não se mostra razoável é a aceitação de homossexuais no futebol brasileiro, porque prejudicariam a uniformidade de pensamento da equipe, o entrosamento, o equilíbrio, o ideal... Para não se falar no desconforto do torcedor, que pretende ir ao estádio, por vezes com seu filho, avistar o time do coração se projetando na competição, ao invés de perder-se em análises do comportamento deste, ou daquele atleta, com evidente problema de personalidade, ou existencial; desconforto também dos colegas de equipe, do treinador, da comissão técnica e da direção do clube. [...] É assim que eu penso... e porque penso assim, na condição de Magistrado, digo! Rejeito a presente Queixa-Crime (Trechos da sentença proferida pelo juiz Manoel Maximiniano Junqueira Filho, em 5 de julho de 2007, arquivando a queixa-crime registrada pelo então jogador do São Paulo, Richarlyson, grifo do autor).<sup>20</sup>

No ano de 2007, foi especulado na mídia que um jogador de um grande clube brasileiro assumiria publicamente a sua homossexualidade no programa televisivo dominical Fantástico, da Rede Globo – fato que acabou não se concretizando. Diante do ineditismo do acontecimento o assunto repercutiu, e um dirigente do Palmeiras, José Cyrillo Júnior, convidado de um programa televisivo que discutia os acontecimentos envolvendo os principais clubes, ao ser questionado pelo apresentador Milton Neves se esse jogador gay estaria atuando no alviverde, respondeu prontamente: “O Richarlyson quase foi do Palmeiras...”, afirmando que o jogador em questão seria o atleta, então jogador do São Paulo, que chegou a firmar um pré-contrato com o Palmeiras, mas aceitou proposta para jogar no time do Morumbi, tradicional rival do time alviverde. A revelação da “homossexualidade” de Richarlyson provocou risos dos jornalistas e comentaristas participantes do programa<sup>21</sup>.

O jogador, que sempre se declarou publicamente heterossexual, sentiu-se ofendido com a insinuação feita pelo dirigente palmeirense. Provavelmente porque tinha consciência de que o fato de ter a sua sexualidade questionada e ser “rotulado” como gay poderia causar danos à sua imagem de futebolista. No futebol mundial, a maior parte dos jogadores que tiveram a iniciativa de assumirem publicamente sua homossexualidade, o fizeram ao final de suas carreiras, justamente por temerem as pressões e represálias de patrocinadores, da mídia,

<sup>20</sup> O texto integral da sentença proferida pelo juiz Manoel Maximiniano Junqueira Filho está disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u317519.shtml>. Acesso em 10/03/2016.

<sup>21</sup> O programa em questão chamava-se “Debate Bola” e era exibido pela Rede Record. Há um vídeo que mostra a passagem do programa em que o dirigente palmeirense nega que o jogador homossexual estivesse atuando pelo seu time, afirmando que Richarlyson quase havia sido contratado pelo Palmeiras, disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=AA\\_FIBIQHYI](https://www.youtube.com/watch?v=AA_FIBIQHYI). Acesso em 17/10/2017.

de colegas de clube, comissões técnicas e torcedores<sup>22</sup>. De acordo com Louro (2000), verifica-se a existência de um cenário pouco acolhedor para que um/uma atleta de grande visibilidade venha a declarar publicamente sexualidade destoante da matriz binária e heteronormativa:

Quando uma figura de destaque assume, publicamente, sua condição de gay ou de lésbica também é frequente que seja vista como protagonizando uma fraude; como se esse sujeito tivesse induzido os demais a um erro, a um engano. A admissão de uma nova identidade sexual ou de uma nova identidade de gênero é considerada uma alteração essencial, uma alteração que atinge a "essência" do sujeito. Pela centralidade que a sexualidade adquiriu nas modernas sociedades ocidentais, parece ser difícil entendê-la como tendo as propriedades de fluidez e inconstância. Frequentemente nos apresentamos (ou nos representamos) a partir de nossa identidade de gênero e de nossa identidade sexual. Essa parece ser, usualmente, a referência mais "segura" sobre os indivíduos (LOURO, 2000, p. 14).

Richarlyson entrou com uma queixa-crime contra José Cyrillo por injúria. O caso foi julgado em primeira instância pelo juiz Manoel Maximiano Junqueira Filho, que decidiu pelo seu arquivamento, afirmando que futebol era um jogo "viril e varonil" e que ofensas homofóbicas entre "boleiros" deveriam ser resolvidas dentro do campo, contexto onde tais violências e xingamentos, de acordo com a sua visão, podem ser manifestados, sem prejuízo da imagem pública. Na mesma sentença, o juiz manifestou posicionamento no qual considerava inadequada a participação de homossexuais no esporte e, caso gays quisessem jogar futebol, que criassem uma federação própria em que pudessem competir com os seus semelhantes<sup>23</sup>.

Vê-se na sentença uma reiteração da norma, dessa vez por parte de uma autoridade legal, de que o futebol é reduto do homem cisgênero e heterossexual, demonstrando também como um regime de poder é instalado e reafirmado por diferentes saberes e discursos, reverberando também em lugares que extrapolam o próprio campo futebolístico e

<sup>22</sup> Na reportagem "Homossexualidade no esporte: Brasil mantém futebol dentro do armário", de fevereiro de 2014, o Globoesporte.com fala sobre jogadores profissionais que declararam publicamente a sua homossexualidade e o fato de muitos optarem por fazê-lo ao fim das suas carreiras, caso do ex-jogador da Seleção da Alemanha, Thomas Hitzlsperger, e do estadunidense Robbie Rogers, que chegou a abandonar a carreira, mas meses depois reviu a sua posição e aceitou o convite para atuar no LA Galaxy, time da *Major League Soccer*, liga profissional de futebol dos Estados Unidos. A reportagem também destaca a trajetória do jogador inglês Justin Fashanu, com passagens por grandes times ingleses, como o Norwich, o Nottingham Forest e o Manchester City, que se tornou o primeiro atleta a declarar publicamente a sua homossexualidade, em 1990, quando ainda atuava profissionalmente. Anos depois o atleta cometeu suicídio, após acusação (posteriormente arquivada) de ter abusado de um jovem de 17 anos nos Estados Unidos. Na carta, dizia: "Me dei conta de que eu havia sido condenado. Não quero mais ser uma vergonha para meus amigos e minha família. [...] Espero que Jesus me dê boas vindas e que finalmente eu encontre a paz". Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2014/02/homossexualidade-no-esporte-brasil-mantem-futebol-dentro-do-armario.html>. Acesso em 11/10/2014.

<sup>23</sup> Posteriormente, os advogados de Richarlyson entraram com recurso contra o arquivamento do caso e o juiz Manoel Maximiano Junqueira Filho foi punido com a pena de censura pelo uso de linguagem inapropriada, em processo administrativo disciplinar aberto pelo Tribunal de Justiça de São Paulo, em 2008. Disponível em: [http://www.conjur.com.br/2008-dez-16/juiz\\_punido\\_dizer\\_futebol\\_coisa\\_macho](http://www.conjur.com.br/2008-dez-16/juiz_punido_dizer_futebol_coisa_macho). Acesso em 10/03/2016.

proscurendo as pessoas cujas performances não se adéquam à performatividade hegemônica.

A partir desse episódio, a carreira de Richarlyson, apesar das passagens de destaque e dos títulos conquistados por grandes clubes brasileiros, chegando a ser convocado para a Seleção Brasileira, ficou ainda mais marcada pela homofobia e pelo incômodo que a sua imagem causava, principalmente junto às diretorias e torcidas dos clubes em que atuou ou teve seu nome especulado para atuar.

Dois anos antes, no mês de junho de 2005, o São Paulo anunciava a sua contratação, após disputa nos bastidores com o arquirrival local, o Palmeiras. O jogador, que era vinculado ao Esporte Clube Santo André (SP), negociou inicialmente a sua transferência com o Palmeiras, chegando a fazer exames médicos no clube, mas, no fim, optou por aceitar a proposta feita pelo São Paulo e fechou contrato com a equipe tricolor, gerando descontentamento e irritação entre os dirigentes palmeirenses.

O primeiro gol de Richarlyson pelo São Paulo aconteceu justamente em uma partida contra o Palmeiras. Mais do que o gol ou o próprio placar final da partida válida pelo Campeonato Brasileiro de 2005 – vitória de virada do Palmeiras por dois a um –, o jogo ficou marcado pela dança que Richarlyson fez ao comemorar seu gol. Junto a outros jogadores do São Paulo, ele reproduziu passos de *funk*, rebolando de um lado para o outro com as mãos nos joelhos (ALMEIDA; DERÓS; VON MÜHLEN, 2008, p. 2). Importante dizer que tal forma de comemoração não era incomum no futebol brasileiro. O ex-atacante Viola, por exemplo, com passagens pelo Corinthians, Palmeiras, Santos, Vasco da Gama (RJ) e Seleção Brasileira, entre outros, ganhou destaque na década de 1990 por comemorar gols com danças e coreografias.

A dança de Richarlyson não só foi alvo de ridicularizações por parte de setores da imprensa esportiva e de torcidas adversárias à época, como também foi muito mal recebida por torcedores e dirigentes do São Paulo. Via-se ali algo que poderia reforçar ainda mais um estigma que havia sido atribuído ao time pelos adversários: o “bambi”.

Historicamente o São Paulo era identificado como o time proveniente da elite e as torcidas rivais referiam-se a ele de forma pejorativa como “pó de arroz”, produto cosmético usado para maquiagem. Sobre a escolha e/ou a afirmação de alguns símbolos, mascotes para a designação e ofensa de um determinado time ou de uma torcida, Toledo (1996) elabora a seguinte explicação, comparando os casos do “porco”, em referência aos palmeirenses, e o “veado”, como uma alusão provocativa (e ofensiva) aos torcedores do São Paulo:

A escolha de um símbolo ou dos mascotes, que representam toda a torcida de um time depende de uma série de circunstâncias, fatos, imagens, percepções, qualidades recolhidas no imaginário social complexo que se configura em nossa sociedade. Se o

porco e suas características foram incorporados, de modo dinâmico pela torcida da Sociedade Esportiva Palmeiras, o mesmo não aconteceu, todavia, com as ambiguidades que cercam a figura do veado, que representa os frescos dos burgueses que torcem para o São Paulo Futebol Clube. Aqui todos os estereótipos, preconceitos e ambiguidades sexuais foram veementemente rechaçados pelos são-paulinos, que, no entanto, admitem a imagem de burgueses, muito embora o time hoje tenha um perfil popular, como todos os grandes clubes brasileiros (TOLEDO, 1996, p. 53-54).

Mais especificamente sobre o termo “bambi”, este faz referência ao cervo que dá nome a um famoso filme produzido pelos estúdios Disney na década de 1940. Ganhou status de alusão pejorativa à homossexualidade por conta de uma possível associação desta com a “personalidade dócil e feminina do inocente cervo que estrelava o filme” (GREEN, 2000, p. 180). O apelido se popularizou no Brasil, mas apenas no início da década de 2000 passou a ter conotação de provocação (e ofensa) ao time e à torcida do São Paulo. O ex-jogador corinthiano Vampeta, em uma coletiva de imprensa, revelou o apelido que usava para provocar os seus amigos que jogavam pelo São Paulo. Vampeta deu a seguinte justificativa para o uso do “bambi”: “O Corinthians tem o gambá, o Santos tem a baleia, o Palmeiras tem o porco e o São Paulo precisava adotar um animal de estimação. Essa história do bambi já existia e eu só acordei o gigante adormecido”<sup>24</sup>.

A “provocação” se popularizou e foi recebida com grande hostilidade pela torcida do São Paulo. O fato de um jogador do time ter a sua masculinidade permanentemente questionada contribuiu para que torcedores do São Paulo adotassem uma postura hostil em relação a Richarlyson. Mesmo tendo atuações destacadas nos títulos conquistados pelo São Paulo durante o período em que atuou no clube (entre 2005 e 2011), por muito tempo Richarlyson foi o único jogador do time a não ter o seu nome aplaudido – principalmente por parte de uma das principais torcidas organizadas do time, a Independente – no momento da divulgação da escalação da equipe pelo alto-falante do Morumbi, estádio em que o São Paulo sedia os seus jogos. Além disso, os erros de Richarlyson eram muito mais visados e as vaias e críticas à atuação do jogador eram constantes<sup>25</sup>.

---

<sup>24</sup> Fala extraída da matéria “Ídolo no Corinthians, Vampeta explica o apelido de ‘bambi’ que deu para o São Paulo”. Disponível em: <http://torcedores.uol.com.br/noticias/2016/11/idolo-no-corinthians-vampeta-explica-o-apelido-de-bambi-que-deu-para-o-sao-paulo>. Acesso em 02/05/2017.

<sup>25</sup> No final de 2015, Richarlyson comentou sobre a perseguição que sofreu por parte de setores da torcida são paulina no período em que defendeu o clube: “Eu sempre fui tranquilo quanto a isso. Claro que quando você tem apoio da torcida você fica bem, mas quando não tem você trabalha do mesmo jeito. O importante é estar bem com você mesmo. É engraçado, não gritavam meu nome e eu cheguei à Seleção Brasileira. Tinha algo errado nisso. Eu nunca liguei e nunca vou ligar”. Disponível em: <http://www.goal.com/br/news/10692/futebol-paulista/2015/12/13/18291012/richarlyson-agradece-torcida-do-s%C3%A3o-paulo>. Acesso em 01/04/2016. Sobre o fato de parte da torcida do São Paulo não cantar o nome do jogador antes do início das partidas ver: [http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/Sao\\_Paulo/0,,MUL87145-4286,00.html](http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/Sao_Paulo/0,,MUL87145-4286,00.html). Acesso em 01/04/2016.

McClintock (2010) trabalha com a ideia de que a diferenciação e a essencialização de determinados grupos no interior de uma sociedade com o propósito de hierarquização e controle do seu ir e vir, seriam invenções do imperialismo e da modernidade industrial ocidental – o esporte moderno e, mais especificamente, o futebol, criado e institucionalizado em 1863, na Inglaterra, são também “invenções” desse mesmo período histórico. Dessa forma, tendo o corpo “como um *locus* privilegiado para que se instaure a racialização de um grupo ou sujeito” (NOLETO, 2015, p. 125), busca-se a delimitação das “classes perigosas”, que devem ser policiadas e/ou mantidas proscritas de determinados ambientes e práticas sociais (MCCLINTOCK, 2010, p. 20).

Richarlyson sofreu com o estigma quando foi novamente especulada a sua contratação pelo Palmeiras, no final de 2011. À época, o jogador estava atuando pelo Clube Atlético Mineiro e a imprensa dava o negócio como praticamente acertado entre os clubes. A diretoria do Palmeiras teria chegado a um acerto salarial com o jogador, solicitado pelo então técnico do time, Luis Felipe Scolari. No entanto, a notícia da negociação foi muito mal recebida por parte da torcida palmeirense, que fez pressão para que a contratação não acontecesse. Integrantes de uma torcida organizada do Palmeiras, a Mancha Alviverde, promoveram um protesto no Centro de Treinamento do time e interpelaram representantes da diretoria palmeirense. Chamou a atenção uma faixa levada e estendida pelos torcedores participantes do protesto, que dizia explicitamente: “A homofobia veste verde”<sup>26</sup>. Tomando como base o antropólogo Miguel Vale de Almeida, a homofobia é um recurso performativo usado para a preservação do ideal da masculinidade hegemônica, tendo também a função de delimitar e “exorcizar os perigos” que acabam expondo a falta de concretude da própria norma reguladora:

A masculinidade é frágil, em termos sexuais nada se pode mostrar de concreto (de visível, de mais observável que o discurso verbal), pelo tanto que o medo como a forma de agressão mais comum se fazem na linguagem da homossexualidade, enquanto categoria passiva, simbolizada na imagem da penetração anal, feminizando assim o homem. Este recurso é utilizado em todas as relações competitivas e conflituosas entre homens, seja no trabalho, nos negócios ou no jogo. Por sua vez, **a homofobia situa e exorciza o perigo homossexual da homosocialidade**. Nunca é demais referir que uma das características centrais da masculinidade hegemônica, para além da ‘inferioridade’ das mulheres, é a homofobia (ALMEIDA, 2000, p. 68, grifo nosso).

Richarlyson seguiu no Atlético Mineiro e a diretoria palmeirense da época alegou que

---

<sup>26</sup> Sobre o assunto que foi amplamente noticiado na mídia é possível encontrar maiores informações em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2012/01/16/vetado-pela-torcida-palmeirense-richarlyson-lamenta-perseguido-com-vida-pessoal.htm>. Acesso em 03/04/2016; [http://espn.uol.com.br/noticia/233845\\_torcida-do-palmeiras-apimenta-polemica-com-faixa-a-homofobia-veste-verde](http://espn.uol.com.br/noticia/233845_torcida-do-palmeiras-apimenta-polemica-com-faixa-a-homofobia-veste-verde). Acesso em 02/04/2016.

tudo não passou de boato divulgado pela imprensa, que em nenhum momento negociou ou mostrou interesse na contratação do jogador. Mas é inegável que a notícia da possível ida de Richarlyson para o Palmeiras foi muito mal recebida por parte dos torcedores e mesmo dentro da diretoria do clube, e que houve pressão para que a negociação não se concretizasse.

Interessante perceber o quanto Richarlyson – que também afirma já ter sofrido discriminação por ser negro – sempre atraiu atenção da mídia, em especial no acompanhamento e exposição de aspectos da sua intimidade, destoantes do estereótipo do “boleiro”. A abordagem, em geral, tinha algo de caricato e que visava deliberadamente exacerbar a imagem de um personagem que não se adequava ao padrão esperado do jogador “macho” e viril.

Um exemplo disso ocorreu no final de 2009, quando ainda atuava pelo São Paulo. Após o encerramento da temporada do futebol no Brasil, Richarlyson foi pauta de uma reportagem do programa diário “Globo Esporte” por ter colocado um aplique, deixando os seus cabelos compridos, ao estilo do jogador brasileiro Ronaldinho Gaúcho. A repercussão à reportagem e à imagem veiculada fez com que o jogador virasse alvo de ofensas e ameaças veiculadas principalmente em redes sociais. Apesar de se dizer bastante satisfeito com o novo visual, já na reapresentação ao time tricolor, em janeiro de 2010, o jogador apareceu sem o aplique, voltando a adotar cabelos curtos. Segundo o empresário do jogador, Richarlyson não manteve o cabelo comprido porque já sabia qual era “a norma de conduta que o jogador deve adotar dentro do clube. Não é uma regra, mas é o que deve ser feito”<sup>27</sup>.

Já no início de 2015, após ter anunciado que encerraria a carreira ao final de 2014, o mesmo programa apresentou uma reportagem que mostrava a participação de Richarlyson em um torneio amador de vôlei, no interior de São Paulo. O intuito, a princípio, seria o de saber se o jogador seguiria a carreira de futebolista e o porquê do jogador estar participando de um torneio de outra modalidade esportiva. Mas a abordagem realizada pela equipe de reportagem, de tom explicitamente sensacionalista, pouco tratou da atuação de Richarlyson como jogador de vôlei, dando maior destaque à tentativa de fazê-lo “abrir o jogo”. Diante da recusa do jogador em dar entrevista, a reportagem iniciou uma perseguição ao jogador, já fora do ginásio, expondo momentos da sua intimidade na companhia de amigos. Diante de mais uma

---

<sup>27</sup> A declaração completa dada pelo empresário do jogador, Julio Fressato, foi a seguinte: “Nas férias um jogador gosta de jogar futebol, outro toma uma cervejinha, e ele quis adotar o cabelo comprido. Isso é normal, é uma brincadeira, faz parte da descontração. Ele vai se reapresentar sem o novo visual, pois sabe qual norma de conduta deve adotar dentro do clube, ninguém precisa dizer isso a ele. Quando um atleta assina com o São Paulo já sabe a postura que deve tomar. Não é uma regra, mas é o que deve ser feito”. Disponível em: <http://esportes.r7.com/futebol/times/sao-paulo/area-publica/noticias/richarlyson-vai-cortar-aplique-na-reapresentacao-20091216.html>. Acesso em 09/07/2017.

abordagem da reportagem após a saída de um restaurante, Richarlyson, visivelmente contrariado, saiu com seu carro sem dar qualquer tipo de resposta. Tudo isso sendo registrado pelas câmeras e, depois, transmitido para uma grande audiência<sup>28</sup>.

É possível dizer que, em comparação à grande maioria dos jogadores de futebol, a intimidade de Richarlyson foi mais exposta e colocada em discurso. De acordo com Foucault (1988), essa “polícia dos enunciados”, além de reafirmar e naturalizar uma norma, tem a função de controle e classificação de subjetividades que se desviam do padrão.

No primeiro volume da “História da Sexualidade”, Foucault analisa o controle da sexualidade no século XVIII, por meio de uma polícia dos enunciados. Ao invés de se proibir a fala sobre o sexo, o controle e a normalização do sexo e da sexualidade acontece pela incitação da fala, pela sua colocação em discurso. Dessa forma, os corpos, sexualidades e comportamentos entendidos como “desviantes”, passaram a ser objeto de controle para que fosse possível obter maior êxito na sua normalização:

O cerceamento das regras de decência provocou, provavelmente, como contra efeito, uma valorização e uma intensificação do discurso indecente. Mas o essencial é a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio exercício do poder: incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais; obstinação das instâncias do poder a ouvir falar e a fazê-lo falar ele próprio sob a forma da articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado (FOUCAULT, 1988, p. 22).

Por mais qualificado que Richarlyson se mostrasse como jogador, tendo a sua capacidade constantemente elogiada por colegas e técnicos ao longo da sua carreira, o fato de ser visto como possuidor de uma masculinidade distinta dos seus pares, não adequada ao padrão hegemônico reverenciado, contribuiu para que ele fosse mais exposto a estigmas e retaliações e tivesse a sua competência como futebolista mais questionada. Essa dinâmica mostra como as masculinidades se estabelecem em relações de hierarquia:

Reconhecer a diversidade das masculinidades não é suficiente. É preciso também reconhecer as *relações* entre os diferentes tipos de masculinidade: relações de aliança, dominação e subordinação. Essas relações são construídas através de práticas que excluem e incluem, que intimidam, exploram e assim por diante. Há uma política de gêneros dentro das masculinidades. [...] Ao reconhecer diferentes tipos de masculinidade, então, não devemos usá-las como categorias fixas. [...] É essencial reconhecer o dinamismo das relações nas quais o gênero é constituído (CONNELL, 1995, p. 37-38, tradução minha, itálico da autora)<sup>29</sup>.

<sup>28</sup> A reportagem foi veiculada na edição de São Paulo do programa Globo Esporte, do dia 23/01/2015, e posteriormente publicada pelo site Globoesporte.com com o título “No interior paulista, Richarlyson estreia no vôlei e foge das câmeras”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sp/sorocaba/noticia/2015/01/no-interior-paulista-richarlyson-estrela-no-volei-e-foge-das-cameras.html>. Acesso em 02/03/2017.

<sup>29</sup> O texto original da citação diz: “To recognize diversity in masculinities is not enough. We must also recognize the relations between the different kinds of masculinity: relations of alliance, dominance and subordination. These relationships are constructed through practices that exclude and include, that intimidate, exploit and so on. [...] In recognizing different types of masculinity, then, we must not take them as fixed categories. [...] It is

Em maio de 2017, Richarlyson, depois de um período de inatividade, foi contratado e apresentado pelo Guarani, clube que atualmente disputa a Série B do Campeonato Brasileiro. Na sua apresentação, houve um protesto por parte de um pequeno grupo de torcedores, que atiraram bombas na direção do local em que estava sendo realizada a coletiva de imprensa do jogador, em repúdio à contratação do jogador.

Já aos 34 anos e mais perto do final da carreira, Richarlyson fala mais abertamente sobre a homofobia que viveu ao longo da sua trajetória como jogador de futebol profissional e adota tom mais crítico à heteronormatividade e à cultura machista que rechaçam a participação de pessoas declaradamente gays no futebol profissional e as estigmatizam e oprimem também na sociedade:

Hoje, infelizmente, a grande maioria dos apaixonados pelo futebol são homens. [...] Os homens tiram o dinheiro de casa para ir assistir ao jogo e pra eles é uma afronta. Por que o futebol é o que? É porrada, é voadora... Então, eles acham que um gay não pode jogar futebol, porque senão ele vai virar a bunda pra bola. Eu acho que esse é o pensamento. É engraçado, mas deve ser isso. Acha que no vestiário vai ficar olhando pro cara, desrespeitar o cara e não existe isso! Porque em qualquer outra profissão, seja o cara gay ou hétero, ele é respeitador. Academia, por exemplo, tem um vestiário. O cara gay é respeitado, vai tomar banho junto. Nem por isso um cara vai malhar e dizer: “Sai daqui, veado!”. E por que no futebol tem isso? Eu também queria entender. Quando uma pessoa se apresenta pra você e ela é heterossexual, ela não vira e diz: “Sou fulano e sou heterossexual”. [...] Por que quando o cara fala que é homossexual, já vira uma coisa banalizada? A pessoa vai se apresentar e tem de dizer: “Oi, eu sou fulano e eu sou homossexual”. Você tem que saber respeitar a pessoa e isso é o mais importante<sup>30</sup>.

A visibilidade obtida por Richarlyson e suas recusas em tentar se adequar a um modelo normativo dos boleiros mostram uma trajetória marcada por transgressões à norma de que o futebol é reduto para uma única expressão de masculinidade. Porém, a violência e a hostilidade dirigida a ele ao longo de sua carreira ajudam a compreender a dificuldade de se romper essa norma e de como a sua reiteração não vem de um único lugar, mas é realizada por múltiplos atores.

## 2.2 O “SELINHO” QUE EXPÔS O PRECONCEITO

“Tem que ser muito valente para celebrar a amizade sem medo do que os preconceituosos vão dizer. Tem que ser muito livre para comemorar uma vitória assim, de cara limpa, com um amigo que te apoia sempre. Hoje é um dia especial.

---

essential to recognize the dynamism of the relationships in which gender is constituted.” (CONNELL, 1995, p. 37-38).

<sup>30</sup> Trecho de entrevista concedida por Richarlyson ao “Programa do Porchat”, transmitido pela Rede Record. Disponível em: <http://chuteirafc.cartacapital.com.br/richarlyson-preconceito/>. Acesso em 15/07/2017.

Vencemos, estamos mais perto dos líderes...” (Émerson Sheik, ex-atacante do Corinthians)<sup>31</sup>.

No dia 18 de agosto de 2013, o jogador de futebol Emerson Sheik, à época atacante do Corinthians e protagonista de uma das principais conquistas do clube na história, o título da Libertadores da América de 2012, postou uma foto na sua página pessoal na rede social Instagram, na qual dava um selinho em um amigo, dono de um restaurante em São Paulo. A foto, postada horas depois de uma vitória do time no Campeonato Brasileiro, era acompanhada da mensagem destacada aqui na epígrafe dessa seção. A reação à foto e à legenda tanto por parte da mídia esportiva, como por parte de torcedores foi imediata.

Considerado um jogador irreverente e provocador, Sheik buscou auto atribuir para si a imagem de uma figura transgressora para além de assuntos e acontecimentos de dentro das quatro linhas. É possível fazer uma analogia com a caracterização que o antropólogo José Paulo Florenzano (1998) faz do jogador Afonsinho, que atuou no Clube de Regatas Botafogo, no fim da década de 1960.

Após uma viagem à Europa em 1970, em que pôde acompanhar mais de perto movimentos políticos e de contracultura, principalmente na França, Afonsinho passou a adotar um estilo e comportamento que se contrapunham ao comportamento considerado modelo para um jogador, principalmente em um contexto de apogeu do regime militar no Brasil:

No universo disciplinar do futebol brasileiro, onde os clubes transfiguravam-se em acampamentos militares, Afonsinho viria a se constituir numa espécie de neotrovador da rebeldia, renunciando a entrada em campo da revolução cultural, desencadeando, através de um gesto de recusa, as novas e decisivas lutas de resistência contra as práticas de poder existentes na esfera do futebol (FLORENZANO, 1998, p. 90).

Ao se reapresentar ao Botafogo com o cabelo mais comprido e barba por fazer, trazendo também um discurso mais politizado, Afonsinho entrou em conflito com o que o autor denomina “universo autoritário e disciplinar do futebol”. Segundo o próprio Afonsinho: “Na época muitos jogadores usavam cabelo comprido ou no estilo sarará. Era moda. Mas meu

---

<sup>31</sup> A foto postada por Sheik no Instagram foi destaque da matéria “Sheik comemora vitória do Corinthians com selinho em amigo”, feita pelo portal Uol Esportes. Disponível em: <http://uolesporte.blogosfera.uol.com.br/2013/08/19/sheik-comemora-vitoria-do-corinthians-com-selinho-em-amigo/>. Acesso em 10/10/2014.

aspecto desleixado e a minha cara punham medo. Eles me achavam parecido com Che Guevara. No fundo, mesmo, era o modo de calarem a minha boca”<sup>32</sup>.

A recusa em fazer a barba e cortar os cabelos fez com que Afonsinho entrasse em conflito com o então treinador do Botafogo, Zagallo, que decidiu impedi-lo de treinar com o time principal e não mais relacioná-lo para as partidas. Proibido de jogar pelo clube com o qual tinha o passe preso, Afonsinho entrou na Justiça Desportiva contra o Botafogo, pleiteando o seu passe e tornou-se o primeiro jogador brasileiro a ganhar o direito de ter o seu passe livre e decidir por qual clube seria contratado.

Ainda que em um contexto totalmente distinto, Sheik esboçou essa rebeldia e assumiu estar enfrentando uma norma estabelecida no futebol, a da reverência à masculinidade hegemônica, que tem como características marcantes o machismo e a homofobia. No dia seguinte a postagem da foto, durante a sua participação em um programa televisivo que aborda os acontecimentos cotidianos do futebol, Emerson falou a respeito da publicação e manteve o posicionamento externado na rede social, rebatendo opiniões contrárias ao seu gesto. Pela primeira vez um jogador de renome do futebol brasileiro posicionou-se de forma contundente contra a homofobia no esporte:

Em primeiro lugar, o mundo do futebol é muito machista. Quero deixar bem claro que se alguém se sentiu desrespeitado, desculpa. Lá era o Emerson pessoa, não o jogador. Tenho enorme carinho pelo Isaac, que é um amigo muito especial. Ele é um queridão, a esposa está grávida de nove meses. E daí a galera levou para o lado errado. É um preconceito babaca. Tenho enorme respeito pelo torcedor do Corinthians. A página que postei tem foto minha dando selinho no meu filho. A Hebe beijava todo mundo. **A brincadeira foi exatamente para abordar um assunto polêmico. Esse sou eu fora de campo**<sup>33</sup> (grifo nosso).

No mesmo dia, cinco torcedores ligados a uma das torcidas organizadas do Corinthians foram até o Centro de Treinamento do clube e fizeram um protesto contra o jogador, que teve amplo destaque da mídia. Levavam faixas que traziam as seguintes mensagens: “Vai beijar a P.Q.P! Aqui é lugar de homem” e “Viado não”<sup>34</sup>. Esse pequeno grupo de torcedores, atribuindo para si a condição de representantes da torcida e da própria instituição Corinthians, expressava um sentimento de indignação e de defesa da integridade

<sup>32</sup> Declaração de Afonsinho para a reportagem “Perfil: Afonsinho, o homem que mudou o jogo”, feito pelo jornal O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/perfil-afonsinho-homem-que-mudou-jogo-9691469#ixzz4p6S3Qo30>. Acesso em 31/07/2017.

<sup>33</sup> O programa em questão foi o “Donos da Bola”, exibido pela Rede Bandeirantes, apresentado pelo ex-jogador de futebol Neto. O referido trecho do programa pode ser visto em: <https://www.youtube.com/watch?v=KjxKFEOzGk>. Acesso em 25/03/2016.

<sup>34</sup> Sobre o referido protesto, assim como a recepção de Sheik pelos seus colegas após a publicação da foto, foram relatados na reportagem “Após beijo, Sheik ganha aplausos, protesto, e ataca: ‘Preconceito babaca’”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2013/08/apos-polemica-sheik-ganha-aplausos-do-grupo-e-protesto-de-torcedores.html>. Acesso em 11/10/2014.

do time, como pode ser observado na seguinte fala de um dos torcedores participantes do referido protesto: “A nação inteira está freneticamente indignada. Pode até ser a opção dele, mas nós estamos sempre tirando sarro dos *bambis*. O mínimo que ele tem de fazer é um pedido de desculpas”<sup>35</sup>.

A partir das ideias de Norbert Elias (2000), que trabalha com a dualidade “estabelecidos-*outsiders*”, pode-se analisar que a reação de ofensa por parte de torcedores corinthianos parte da ideia de que Sheik, ao permitir-se aparecer dando um selinho em um amigo e posicionando-se contra o machismo e a homofobia no futebol, estaria indo na contramão da masculinidade hegemônica e da performance considerada adequada para os integrantes do grupo estabelecido. Dessa forma, Sheik estaria “sujando” o nome da instituição Corinthians e de todos os seus representantes:

Em quase toda parte, os membros dos grupos estabelecidos e, mais até, os dos grupos que aspiram a fazer parte do establishment, orgulham-se de ser mais limpos, nos sentidos literal e figurado. [...] O sentimento difundido de que o contato com membros dos grupos *outsiders* contamina, observado nos grupos 'estabelecidos, refere-se à contaminação pela anomia e pela sujeira misturadas numa coisa só. [...] No caso de diferenciais de poder muito grandes e de uma opressão correspondentemente acentuada, os grupos *outsiders* são comumente tidos como sujos e quase inumanos (ELIAS, 2000, p. 29, *itálico do autor*).

Os dias posteriores ao selinho foram marcados por novos protestos realizados por representantes de torcidas organizadas e por gozações feitas por jogadores e representantes de times rivais do Corinthians. Companheiros de time e dirigentes optaram por não emitir posicionamento público em apoio ao posicionamento político de Sheik. A mídia especializada, de forma geral, deu ampla repercussão ao episódio, mas foram poucas manifestações em defesa ao atleta ou discussões que problematizassem o machismo e a homofobia no futebol. Sheik, por haver questionado um elemento que se constitui em uma norma dentro do entendimento do que se formou sobre o que é o futebol no Brasil, a de que se trata de um jogo “pra macho”, naquele momento ficou praticamente isolado dentro do campo futebolístico.

Três dias depois da postagem da foto, Sheik foi o centro das atenções na partida seguinte do Corinthians, contra o Luverdense Esporte Clube (MT), válida pela Copa do Brasil. Durante o jogo, foi o principal alvo das provocações e xingamentos dos torcedores e jogadores do time adversário, especialmente por conta da grande visibilidade dada ao episódio

---

<sup>35</sup> Fala de Marco Antônio, o “Capão”, integrante da diretoria da Camisa12, participante do protesto, para a matéria “Organizada faz protesto em CT e Emerson fala em ‘preconceito babaca’”. Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2013/08/19/torcedores-de-organizada-fazem-protesto- contra-emerson-no-ct.htm>. Acesso em 10/10/2014.

do “selinho”. No segundo tempo da partida, Sheik envolveu-se em uma discussão e “empurra-empurra” com o zagueiro do Luverdense, Zé Roberto, e acabou sendo expulso. Também expulso no lance, Zé Roberto fez o seguinte comentário em entrevistas ao final da partida: “O Emerson reclamou, eu falei para ele ir devagar, ele acabou revidando. **Ele não está em um momento bom psicologicamente**, e a gente acabou ‘tretando’. Não sou cara que vai levar beijo de ninguém, não aceito esse tipo de coisa”<sup>36</sup> (grifo nosso).

A expulsão foi repercutida pela mídia e muitas matérias associaram a discussão ao episódio do beijo. Nesse caso, não foi considerado o histórico do jogador, conhecido pela irreverência e por provocações aos adversários durante as partidas, mais especificamente aos zagueiros que o marcavam. No jogo decisivo da Libertadores da América de 2012, além dos dois gols marcados, a mídia deu enorme destaque às provocações de Sheik ao zagueiro argentino Caruzzo, que atuava pelo Boca Juniors, da Argentina, chegando até a mordê-lo em um lance da partida. Nesta ocasião, foi reverenciada a “malandragem” de Sheik, e como ele soube usar das provocações para desestabilizar e tirar vantagem sobre os argentinos.

Voltando ao episódio da expulsão contra o Luverdense, a imprensa também deu destaque ao desequilíbrio emocional demonstrado pelo jogador, sinalizando que Sheik estaria pouco focado no jogo. Tudo isso como forma de desqualificar suas ações e demarcar os seus atos como não condizentes com a masculinidade hegemônica esperada de um jogador de futebol, tratando-as como se fossem não “naturais” e até mesmo equivocadas dentro do campo futebolístico. Via-se a mídia e a imprensa esportiva fazendo o que Florenzano, em diálogo com Foucault, cumprindo um papel de “tribunal” a serviço da preservação e difusão do poder normalizador:

Os programas esportivos na televisão, no rádio e as páginas esportivas dos jornais encontram-se em boa parte transformados em tribunais nos quais a conduta do jogador, dentro e fora do campo, é classificada, julgada e condenada consoante o “padrão de normalização” imposto no futebol pelas disciplinas (RABINOU; DREYFUS, 1995, p. 212). O jornalista, conforme veremos, assume cada vez mais na modernização o papel do juiz da normalidade que identifica o desviante, classifica-o na categoria do jogador-problema e solicita para ele a sanção normalizadora (FLORENZANO, 1998, p. 14).

A partir da leitura de Florenzano, é possível dizer que o tratamento conferido a Sheik foi similar às narrativas construídas sobre outros jogadores que contestaram normas do

---

<sup>36</sup> A declaração dada por Zé Roberto foi extraída da notícia “Zé Roberto lamenta expulsão e critica postura de Sheik: ‘Não está bem’”, do portal Globoesporte.com. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/mt/futebol/times/luverdense/noticia/2013/08/ze-roberto-acha-expulsao-injusta-e-critica-postura-de-emerson-sheik.html>. Acesso em 27/03/2016.

futebol na década de 1970, como o já citado Afonsinho e Paulo César Lima (ou Paulo César Caju), que ganharam o status de “malditos” ou “jogadores-problema”:

O jogador-problema no futebol brasileiro, com efeito será sempre um craque com instabilidade emocional, com desequilíbrio psicológico, alma atormentada a exigir intervenção normalizadora [...]. A invenção da categoria do jogador-problema estará a serviço da expansão do poder da Norma no futebol brasileiro. Na verdade, a loucura da rebeldia revelar-se-á enquanto loucura moral, produto de uma vontade má que se recusa à sujeição escolhendo o caminho temerário da contestação. E, de fato, o jogador-problema será designado como jogador-maldito (FLORENZANO, 1998, p. 123).

Dois dias após essa partida, integrantes da torcida organizada Gaviões da Fiel tiveram acesso ao Centro de Treinamento do Corinthians para uma reunião com Sheik, que também teve a participação de representantes da diretoria corinthiana. Foi colocado o incômodo causado pela foto e reclamou-se que aquela postura, em um contexto de rivalidade que existe entre os times e as torcidas, depunha contra a imagem do Corinthians e de sua torcida. Ainda mais considerando que isso dava munição aos torcedores de um dos maiores rivais, o São Paulo, constantemente provocados e estigmatizados como “bambis”, poderem revidar à altura a ofensa homofóbica feita pelos corinthianos. Momentos depois da reunião, o site da Gaviões da Fiel divulgou uma nota oficial sobre a reunião contendo uma declaração de retratação de Emerson Sheik – que não foi confirmada ou desmentida posteriormente pelo jogador:

Na tarde desta sexta-feira (23/08), a Diretoria dos Gaviões se reuniu com o jogador Sheik para conversar sobre o ocorrido no último domingo. Emerson postou uma foto em uma rede social pessoal, postagem que gerou uma grande polêmica. Em reunião com nossos dirigentes, Emerson disse que não imaginava tamanha repercussão e que não queria esse desgaste todo por conta de uma foto, que nos contou que também sofreu muito por conta dessa postagem e lamenta: "Não poderia ter feito isso, foi sem intenção, mas jogo em um clube de futebol, em um mundo cheio de rivalidades e provocações, qualquer comentário é motivo de chacota". Complementa dizendo: "Lamento se ofendi a torcida do Corinthians, não foi a minha intenção. Foi só uma brincadeira com um grande amigo meu, até porque eu não sou são-paulino". Gostaríamos de ressaltar que não temos nenhum tipo de preconceito, porém, os Gaviões, como a maior torcida organizada do Sport Club Corinthians Paulista, têm o dever de dar satisfação e relatar tudo o que gera algum tipo de desconforto com o nome da Fiel Torcida<sup>37</sup>.

É interessante perceber que, mesmo um jogador com um histórico de ser provocador e desafiador de padrões e posturas estabelecidas como “adequadas” para um jogador profissional, acabou recuando frente à norma que estabelece a masculinidade, a virilidade e a violência como valores a serem reverenciados. Mais do que se desculpar por ter transgredido uma norma tão protegida, a declaração de Sheik apresenta uma referência de caráter homofóbico com o propósito de desqualificar o torcedor do time rival, o que além de

<sup>37</sup> Extraído da reportagem do site Globoesporte.com, intitulada Torcida publica nota com explicação de Emerson: 'Não sou são-paulino'. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2013/08/torcida-publica-nota-com-explicacao-de-emerson-nao-sou-sao-paulino.html>. Acesso em 10/10/2014.

contradizer o posicionamento que pretendeu assumir anteriormente, serve como uma prova do seu esforço em querer se “reintegrar” ao grupo e adequar-se aos valores e ideias propagadas pela “nação” da qual é representante:

Já afirmei que os grupos dominantes com uma elevada superioridade de forças atribuem a si mesmos, como coletividades, e também àqueles que os integram, como as famílias e os indivíduos, um carisma grupal característico. Todos os que “estão inseridos” neles participam desse carisma. Porém têm que pagar um preço. A participação na superioridade de um grupo e em seu carisma grupal singular é, por assim dizer, a recompensa pela submissão às normas específicas do grupo. Esse preço tem que ser individualmente pago por cada um de seus membros, através da sujeição de sua conduta a padrões específicos de controle dos afetos (ELIAS, 2000, p. 29).

Para ratificar esse realinhamento com o discurso hegemônico, Sheik, novamente em sua página pessoal no Instagram, divulgou uma foto em que está vestido com o uniforme do Corinthians e abraçado aos seus três filhos. A escolha dessa imagem é representativa, pois demonstra um esforço do jogador de reafirmação da sua heterossexualidade e masculinidade diante do campo futebolístico. A imagem é acompanhada de um texto de agradecimento à “linda torcida corinthiana”, no qual novamente o jogador se desculpa por algum gesto considerado ofensivo ou desrespeitoso aos torcedores: “Não tive a intenção de ofender ninguém, muito menos a nação Corinthiana, vou continuar honrando essa camisa como tem sido nos últimos anos... Vai Corinthians!! Não para nunca!!”<sup>38</sup>.

Mesmo com esse realinhamento ao discurso hegemônico, o prestígio de Sheik no clube e junto à torcida ficou abalado, não conseguindo também manter a sua regularidade em campo. A postura irreverente – até então, admirada como um valor que se aproximava do ser “maloqueiro”, uma das marcas do Corinthians e status com o qual muitos dos seus torcedores se identificam – passou a ser lida como falta de compromisso com o time, fazendo com que o jogador outrora ídolo, passasse a ser visto como dispensável. No ano seguinte, foi emprestado ao Botafogo (RJ) e, após um breve retorno ao clube paulista, no início de 2015, foi negociado em definitivo com o Flamengo e deixou o Corinthians.

Por outro lado, o episódio do “selinho” e o posicionamento externado por Emerson na ocasião possibilitaram maior visibilidade e espaços para que fossem debatidas as relações entre futebol e sexualidade. Ainda que tenha sido pressionado e acuado pelos atores estabelecidos do universo futebolístico, o jogador e seu gesto foram alçados, por um momento, como símbolos de uma resistência e combate à norma que estimula as

---

<sup>38</sup> Para mais detalhes sobre a reunião e a foto postada por Sheik no Instagram, acompanhada de mensagem de retratação é possível ler a matéria “Emerson se desculpa por polêmica, e Gaviões provoca São Paulo”. Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,emerson-se-desculpa-por-polemica-e-gavioes-da-fiel-provoca-sao-paulo,1067187>. Acesso em 08/04/2016.

manifestações homofóbicas e misóginas no futebol.

Passou a ser mais questionado, principalmente nas redes sociais e, em muitos casos, por pessoas que não se viam plenamente integradas ao campo futebolístico, o porquê de ao longo da história, nenhum jogador de um grande clube brasileiro tenha assumido que era homossexual, ou o que faz serem tão comuns as ofensas de caráter feminilizante dentro do contexto do jogo e, mesmo, porque ainda é muito subestimada a prática de futebol por mulheres no Brasil.

É nesse contexto que ganham maior visibilidade as páginas criadas no site de rede social Facebook que se apresentam como torcidas livres e *queer*, surgidas meses antes do episódio do selinho, tais como a Galo Queer, Cruzeiro Maria, Bambi Tricolor, Palmeiras Livre, Corinthians Livre, Grêmio Queer, Queerlorado, entre outras. Estas páginas, criadas a partir da articulação de torcedoras e torcedores, além da defesa e da manifestação da torcida pelo time de coração, também produziam e compartilhavam conteúdos com o propósito de questionar a ideia de que o futebol é um jogo exclusivamente “pra machos”, reivindicando o direito de participação de mulheres e pessoas LGBT, figuras historicamente segregadas e vítimas de opressão em práticas e experiências sociais que dão sentido ao jogo, como o jogar e o torcer. Assim, o debate já estabelecido em outras esferas da sociedade brasileira sobre a heteronormatividade, o machismo e a homofobia, também alcança o futebol, pela reivindicação do direito de torcer.

No entanto, no final da década de 1970, alguns grupos de torcedores questionaram e desafiaram tal norma de que futebol é um jogo para homens cisgênero e heterossexuais. O próximo capítulo apresentará as trajetórias das torcidas gays, mais especificamente a Fla-Gay e a Coligay, sendo que esta última chegou a marcar presença nas arquibancadas dos estádios, acompanhando os jogos do Grêmio de Foot Ball Porto Alegre (RS).

### 3. AS DESCONSTRUÇÕES DO FUTEBOL COMO ‘JOGO PRA MACHO’: O PIONEIRISMO DAS TORCIDAS GAYS

No final da década de 1970, em meio ao processo de abertura do regime militar brasileiro – que culminaria com o fim do regime em 1984 e o início de um processo de redemocratização do país – foram criadas brechas no campo futebolístico para uma maior participação de mulheres e de pessoas LGBT. Florenzano (2014) considera esse momento, que denomina de “República do Futebol”, o período mais revolucionário do futebol brasileiro:

Os anos de 1978 a 1984 correspondem ao período mais revolucionário do futebol brasileiro. A “República do Futebol”, como o Brasil foi chamado em alguns momentos, era constituído não apenas pelos 7.892 jogadores profissionais registrados pelas muitas federações do Brasil e organizado em muitos coletivos esportivos, mas também por aqueles que, fora do circuito oficial, atuaram como indivíduos criativos em faixas empoeiradas e times amadores que conspiraram estratégias de sobrevivência e desenvolveram experiências de auto-organização. Baseado nos princípios de igualdade, liberdade e participação, o Brasil abrigou um povo deliberativo, disposto a colocar em questão desde o significado de ser um atleta, atravessando os vínculos entre o campo e as arquibancadas, e incluindo o sentido que reveste o jogo (FLORENZANO, 2014, p. 148, tradução minha).

Para justificar essa afirmação, o autor cita personagens e eventos ligados ao futebol que, pelo seu caráter antiautoritário e democrático, conseguiram alcançar enorme visibilidade, por desafiarem e questionarem as normas vigentes no futebol brasileiro – caracterizado por uma utopia da formação de jogadores através de mecanismos de disciplinarização influenciados pelo processo de militarização em curso no futebol brasileiro e no país (FLORENZANO, 2014, p. 157) – e, mesmo, o próprio regime político instalado no país desde o golpe militar de 1964.

Nesse período, alguns jogadores obtiveram enorme destaque pela qualidade do futebol que apresentavam e, principalmente, pela sua atuação política: o já mencionado Afonsinho, o atacante Reinaldo (um dos maiores ídolos do Atlético Mineiro), além de Sócrates, Wladimir e Casagrande, principais líderes da Democracia Corinthiana<sup>39</sup>. Para o Florenzano, a emergência de jogadores politizados – que, pela ótica dos discursos hegemônicos, eram considerados “jogadores problema” – nesse período histórico não se dá por mero acaso e é um indicativo do

---

<sup>39</sup> No ano de 1981, o sociólogo Adilson Monteiro Alves foi convidado pelo então presidente do Corinthians, Waldemar Pires, para ser diretor de futebol. Junto com algumas das principais lideranças do elenco corinthiano, como Sócrates, Wladimir e Casagrande, implementou a Democracia Corinthiana (1982-1984) que consistia em um modelo de gestão democrática e participativa, que envolvia atletas, comissão técnica e funcionários na tomada de decisões do clube. Mais do que um rompimento com o modelo de administração dos clubes brasileiros ainda caracterizado pelo autoritarismo e concentração dos poderes nas mãos de dirigentes e comissão técnica, a Democracia Corinthiana representou também um marco político na medida em que também se opunha ao regime político ao qual vivia o país, com as principais lideranças do movimento também participando ativamente das manifestações pelas Diretas Já.

“crescimento da radicalização dos jogadores-trabalhadores” (FLORENZANO, 2014, p.162, tradução minha).

Outro fator apontado por Florenzano como responsável por essa maior politização do futebol brasileiro foi o crescimento da prática do futebol feminino em diferentes partes do Brasil ao longo da década de 1970, desafiando a lei nº3199, de quatro de abril de 1941, implementada durante o Estado Novo, que proibia a prática do futebol pelas mulheres. A maior visibilidade pública do futebol feminino contrapunha-se aos discursos hegemônicos que preconizavam a inadequação da prática do futebol para os corpos femininos:

Nas décadas de 1970 e 1980, o futebol feminino foi rapidamente ganhando proeminência na vida brasileira, com o jogo sendo praticado nas praias, parques, terrenos baldios e em qualquer outro espaço que estivesse disponível. Em Recife, capital do estado de Pernambuco, as mulheres eram particularmente entusiastas do esporte e lá foi realizado o primeiro Congresso de Futebol Feminino, com o principal objetivo de estabelecer uma liga e um campeonato estadual. [...] Com efeito, a República do Futebol, constituiu o cenário privilegiado de um jogo mais diverso que atraiu fãs e possibilitou a criação de times e a organização de ligas pelo Brasil. Esse processo deixou o Conselho Nacional de Desportos sem opção a não ser retirar a proibição que havia se mostrado incapaz de interromper a disseminação de práticas que a pareciam, a princípio, contrárias às suas propostas e ideias (FLORENZANO, 2014, p. 162-163, tradução minha).

Silva (2015), em sua pesquisa sobre as narrativas produzidas pela imprensa paulista acerca do futebol feminino durante o período de vigência do decreto-lei, apresenta uma notícia sobre a equipe de futebol feminino da Associação Desportiva da Polícia Militar (ADPM), que se apresentava como um time de feministas que fez sucesso no circuito do futebol feminino de várzea da cidade de São Paulo:

“Feministas”? Elas dizem que sim. Querem levar a luta pela igualdade de direitos entre o homem e a mulher até para dentro dos campos de futebol, provando que bola, calção e chuteiras não devem mais ser um privilégio dos marmanjos. E, ontem, a equipe feminina de futebol da A. D. P. M. (Associação Desportiva Polícia Militar), completou sua trigésima nona partida invicta, ganhando da Portuguesinha da Casa Verde com uma goleada: quinze a zero, em jogo de dois tempos de trinta minutos cada um. A equipe adversária não era lá mesmo muito boa, mas elas garantem que já fizeram partidas muito disputadas e difíceis. Lúcia, uma meia-esquerda dona de um chute muito forte, disse que essa história de que o futebol é um esporte violento demais para ser praticado por mulheres não passa de conversa fiada do inimigo: “Pratico o futebol porque gosto. Existem muitas outras atividades mais violentas em que a mulher participa sem qualquer preconceito. Por exemplo, já joguei handebol na seleção paulista e acabei trocando esse esporte pelo futebol, depois de sofrer uma contusão violenta”. [...] A equipe da A.D.P.M. pratica futebol há três anos e seu principal objetivo é obter o reconhecimento do futebol feminino junto aos cartolas da C.B.D. (SILVA, 2015, p. 72).<sup>40</sup>

<sup>40</sup> Essas feministas de calção e chuteiras. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 jan. 1979, Esporte, p. 2; Elas calçam chuteiras. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, 15 jan. 1979, p. 2.

Outro evento que vem ratificar a ideia de que este tenha sido o período mais transgressor e revolucionário do futebol brasileiro aconteceu no ano de 1977, quando um grupo de torcedores do Grêmio Foot Ball Porto Alegrense (RS), frequentadores da boate gay Coliseu, organizou uma caravana até Santa Cruz do Sul (RS) para acompanhar uma partida do Grêmio contra o Futebol Clube Santa Cruz, válida pelo Campeonato Gaúcho. Assim surgia oficialmente a Coligay, a primeira e até então única torcida gay a conseguir marcar presença nos estádios de futebol, chegando a ser reconhecida como uma das torcidas organizadas do Grêmio durante a sua existência entre os anos de 1977 e 1983.

Dois anos depois, era repercutido pela imprensa esportiva da época o aparecimento de uma nova torcida gay que se apresentava ao público, a Fla-Gay, que declarava ter como objetivo marcar presença no então maior estádio do mundo, o Maracanã, para mostrar seu apoio ao clube mais popular do país, o Clube de Regatas Flamengo (RJ).

Para Rancière, a subjetivação política é um processo de rompimento com a lógica policial que rege as sociedades e atua no sentido de manter uma “ordem dos corpos, [...] que faz tais corpos sejam designados por seu nome para tal lugar e tal tarefa” (RANCIÈRE, 1996, p. 42). Tal questionamento faz com que toda subjetivação seja uma recusa, um “arrancar à naturalidade de um lugar” (RANCIÈRE, 1996, p. 48) ao qual alguns grupos são relegados.

Nesse contexto, começa a haver maior fortalecimento e articulação entre os movimentos políticos formados por grupos de minorias da sociedade brasileira, como os movimentos negro, feminista e/ou homossexual que, por não terem suas pautas e demandas contempladas em projetos de movimentos políticos da esquerda brasileira, passaram a lutar pela maior visibilidade e igualdade de direitos, de cidadania e de oportunidades para essas populações. Fry e MacRae (1985, p. 22) destacam que o ano de 1978 “viu o nascimento do Movimento Negro Unificado, o pleno desabrochar do movimento feminista e o surgimento dos primeiros núcleos do movimento homossexual”:

Tanto os negros quanto as mulheres tinham uma longa história de lutas que, no passado, visavam assegurar os direitos plenos de cidadania que lhes eram sistematicamente negados. [...] As transformações ocorridas na sociedade, a partir da década de 70, fizeram com que negros e mulheres retomassem velhas reivindicações e levantassem novas exigências. Encontrando pouco respaldo entre os grupos políticos constituídos e até por parte de alguns esquerdistas, que achavam secundárias as suas lutas, eles passaram a elaborar, com autonomia, novas teorias e novos esquemas de atuação. Devido aos aspectos em comum entre suas organizações, negros e mulheres se tornariam interlocutores e aliados privilegiados dos grupos de militância homossexual, que como eles, não viam no seu status minoritário motivo para o desmerecimento de suas reivindicações específicas, voltadas aos seus problemas imediatos (MACRAE, 1990, p. 25).

Neste capítulo, será realizada a reconstituição da trajetória das torcidas Coligay e Fla-Gay, entendendo-as como desdobramentos desses ativismos e movimentos políticos articulados por “minorias”, em especial o movimento homossexual. A primeira conseguiu criar uma brecha para entrar e demarcar seu espaço nas arquibancadas, obtendo a aceitação por parte dos atores estabelecidos do campo futebolístico, tendo a sua trajetória atualmente vinculada à história oficial do Grêmio. Mesmo podendo considerar a experiência da Coligay como bem-sucedida, a Fla-Gay teve o seu acesso aos estádios proibido, o que mostra como a norma da masculinidade hegemônica atua e produz forte resistência à ideia de que homens declaradamente gays possam expor e manifestar publicamente a sua torcida por um time de futebol.

### 3.1 A TRAJETÓRIA DA COLIGAY: O ATIVISMO GAY GANHA OS ESTÁDIOS

“Em acintoso desafio ao machismo gaúcho, foi fundada, no mês passado, em Porto Alegre, uma insólita torcida futebolística, a Coligay, de cujos membros se exige apenas não levar muito a sério a masculinidade” (Coluna “Gente”, Revista Veja, nº 456, de 01/06/1977, p. 70).

Em 10 de abril de 1977, o time do Grêmio ia até a cidade de Santa Cruz do Sul enfrentar o time local em partida válida pela fase classificatória do Campeonato Gaúcho. O maior objetivo do time era impedir que o seu arquirrival, o Internacional – à época uma das grandes potências futebolísticas do país, liderado pelo craque Paulo Roberto Falcão –, conquistasse o inédito octacampeonato gaúcho, consolidando ainda mais a sua hegemonia dentro do estado do Rio Grande do Sul. A princípio, seria mais uma partida envolvendo um grande time nacional contra um time de menor expressão, se não fosse pela estreia da primeira torcida gay a entrar em um estádio e apoiar o time de coração:

A turma chegou ao estádio com seis das dezenas de seus integrantes vestindo longas túnicas listradas, as caftãs, perpassadas por filetes azuis pretos e brancos. Cada qual trazia em sua caftã, bem grande, uma das letras da palavra G-R-E-M-I-O, formatadas em ordem para se perfilarem no nome do clube que era a motivação dos rapazes sob a mirada curiosa dos outros torcedores, a maioria perplexa, alguns chocados e boa parte achando tudo aquilo muito divertido (GERCHMANN, 2014, p. 19).

É assim que o jornalista gaúcho e gremista Léo Gerchmann narra a primeira aparição pública da torcida Coligay, em seu livro “Coligay: Tricolor e de todas as cores”. “Tricolor” em alusão às cores do Grêmio, o tricolor gaúcho (que ostenta nos seus uniformes e distintivo

as cores azul, preto e branco) e todas as cores em referência à bandeira arco-íris, símbolo internacional do orgulho e da comunidade LGBT<sup>41</sup>.

O livro de Gerchmann, publicado em 2014, surge como uma história “oficial” da torcida: “um registro jornalístico (mais descritivo do que analítico), porque a intenção do autor é a de preservar a memória de uma atuação torcedora extremamente importante dentro do futebol brasileiro, até então praticamente esquecida...” (SOUSA; CAMARGO, 2015, p. 5). É a partir da análise dessa obra e de reportagens da época – principalmente do ano da sua fundação – que será realizada a reconstituição histórica e a análise da trajetória dessa torcida.

A Coligay é reconhecida como a primeira e única torcida declaradamente gay a ocupar espaços em estádios no futebol profissional no Brasil. A sua existência coincide com o período mais vitorioso da história do Grêmio, entre os anos de 1977 e 1983, período que coincide com o fim da hegemonia regional do arquirrival, o Sport Club Internacional (heptacampeão gaúcho entre os anos 1970 e 1976), a finalização da construção do estádio próprio, o Estádio Olímpico, e culminaria com as conquistas da Copa Libertadores da América e do Mundial Interclubes, ambas no ano de 1983.

A Coligay nasceu por iniciativa de Volmar Santos, empresário e dono da boate gay Coliseu, situada em Porto Alegre (RS). No Coliseu, dentre outras atrações, destacavam-se as apresentações e performances artísticas – que faziam grande sucesso naquele período – protagonizadas por travestis e transformistas, recebendo não apenas o público gay, mas também os “simpatizantes” e pessoas que apreciavam a vida boêmia de Porto Alegre. Em entrevista para Gerchmann, Volmar conta o que o motivou a querer criar a torcida e qual foi a inspiração para o seu nome:

Apesar de tanto trabalho à frente da Coliseu, eu sempre tirava um tempinho para ir ver os jogos do meu clube do coração. [...] Um dia, em uma das partidas, comecei a notar que as torcidas estavam muito desanimadas, no meu modo de ver, e não apoiavam o time como deviam. [...] Fiquei com uma ideia na cabeça, de fundar uma torcida mais animada e totalmente diferente das outras. Um dia, após o término do horário de funcionamento da boate, reuni vários gays frequentadores da Coliseu e lancei a ideia, que foi muito bem aceita para todos. Aí veio o nome de escolha da torcida. Pensei em ColiGrêmio, mas não gostei. Foi então que surgiu a proposta de colocar parte do nome da boate com o público que a frequentava, que era gay. Então resolvemos que a nova torcida seria Coli, de Coliseu, e gay, do público que a frequentava. Ficou, então, Coligay, o que foi aceito por todos (GERCHMANN, 2014, p. 36).

A Coligay se constituiu a partir do modelo de agrupamento de torcedores uniformizados em torno de um torcedor-símbolo – no caso, Volmar –, forma de torcer, de

---

<sup>41</sup> A criação da bandeira arco-íris é atribuída ao designer estadunidense Gilbert Baker. Formada atualmente por seis cores (vermelho, laranja, amarelo, verde, azul e violeta), a bandeira foi lançada em 1978, para a celebração do Dia de Liberdade Gay da cidade de São Francisco, na Califórnia, Estados Unidos.

acordo com o antropólogo Luiz Henrique de Toledo, característica da “primeira fase das torcidas organizadas no Brasil” (1996, p. 22).

Como mencionado anteriormente, a Coligay fez a sua estreia em uma partida do Grêmio fora de casa, contra o Santa Cruz, no interior do Estado do Rio Grande do Sul. A torcida chamava atenção pelas suas indumentárias, túnicas longas com as cores do tricolor gaúcho, e também por contar como uma banda própria, a “charanga”, que impulsionava os cantos em apoio ao Grêmio puxados pela torcida ao longo de toda a partida. Dessa forma, a Coligay destacou-se por apresentar uma prática de torcer, conforme as palavras do próprio Volmar, “mais animada”, que buscava se distinguir das então torcidas “oficiais”, já estabelecidas, como a Eurico Lara e a Força Azul. O Grêmio venceu a partida pelo placar de dois a zero e a torcida estreava com o rótulo de ser “pé-quente”, que acabaria se tornando uma marca da Coligay.

O vínculo da torcida com uma casa de espetáculos bastante frequentada por um público predominantemente homossexual demonstra que o surgimento da Coligay fez parte de um processo mais amplo de consolidação do movimento homossexual brasileiro, caracterizado pela conquista de visibilidade pública desses sujeitos e da constituição de um cenário cultural e artístico, principalmente no eixo Rio-São Paulo, mas também alcançando outros estados brasileiros. Esses ativismos homossexuais passaram a ganhar maior visibilidade em meio a um processo lento de abertura política do regime militar instalado no país desde 1964 – caracterizado pelo autoritarismo, pela repressão violenta a movimentos oposicionistas, a supressão de direitos políticos e de cidadania e pela censura da liberdade de expressão –, com o crescimento de movimentos políticos de contestação ao regime ditatorial e a emergência de novas formas de organizações políticas na sociedade brasileira:

Ao invés de identificar apenas um efeito negativo na ditadura militar na possibilidade de organização de um movimento homossexual, é importante, por exemplo, notar o quanto a ditadura estimulou a formação de resistências em diversos setores sociais e como ela pode ter sido, inclusive, responsável pelo perfil fortemente antiautoritário que marcou a “primeira onda” do movimento homossexual brasileiro. Ainda que a “abertura” tenha tido o papel de abrir espaço para que vozes mais ou menos isoladas e abafadas, de vários setores viessem a público, não podemos negar que a ditadura produziu, por assim dizer, boa parte das condições para o “boom” movimentalista que ocorreu no decorrer da década de 70 e pode ter marcado sensivelmente as trajetórias individuais e modos de atuação dos primeiros militantes homossexuais brasileiros (FACCHINNI, 2002, p. 65).

O principal expoente da primeira onda do movimento homossexual brasileiro foi o Somos – Grupo de Afirmação Homossexual, de São Paulo, fundado em 1978, que contribuiu posteriormente para o surgimento de outros agrupamentos e movimentos políticos que se posicionavam em favor dos direitos da população homossexual brasileira.

Rafael de Souza (2013), em sua dissertação de mestrado, apresenta algumas características da atuação política do movimento homossexual brasileiro. Para além da oposição ao regime militar, o movimento homossexual brasileiro, influenciado pelo discurso da “Liberação Sexual”<sup>42</sup>, buscava também inserir no debate público a situação de “condenação moral e cultural de minorias e identidades coletivas estigmatizadas” (SOUZA, 2013, p. 46):

Para certos movimentos de temáticas comportamentais, foi preciso um incentivo adicional, ou seja, **mudanças de natureza cultural que permitiram a tematização de assuntos antes tratados como tabu – transformações que abriram certas oportunidades culturais. Sem essas modificações que representaram uma abertura das possibilidades de enunciação das identidades sexuais estigmatizadas não teria sido possível o desenvolvimento de um ativismo homossexual.** A imprensa alternativa e os circuitos de consumo de material artístico “marginal” configuraram uma oportunidade na qual os atores procuraram se exprimir na cena pública” (SOUZA, 2013, p. 46, grifo nosso).

A formação da Coligay e, principalmente, a conquista de espaços nas arquibancadas e a apropriação da identidade torcedores, podem ser compreendidas como formas de ativismo político deste grupo, ao desafiar e subverter um espaço que se considerava de hegemonia exclusivamente masculina e heterossexual. O esporte e, mais especificamente, o futebol, constitui-se em um universo dentro da sociedade heteronormativa que exerce forte controle e disciplinarização da subjetividade, inibindo os desvios da norma. Louro (2007) analisa a dificuldade que homens homossexuais têm para participar e conseguirem espaços em universos nos quais o ideal de masculinidade hegemônica é constantemente afirmado e reverenciado:

Através de múltiplas estratégias de disciplinamento, aprendemos a vergonha e a culpa; experimentamos a censura e o controle. Acreditando que as questões da sexualidade são assuntos privados, deixamos de perceber sua dimensão social e política. As coisas se complicam ainda mais para aqueles e aquelas que se percebem com interesses ou desejos distintos da norma heterossexual. A esses restam poucas alternativas: o silêncio, a dissimulação ou a segregação. A produção da heterossexualidade é acompanhada pela rejeição da homossexualidade. Uma rejeição que se expressa, muitas vezes, por declarada homofobia. Esse sentimento, experimentado por mulheres e homens, parece ser mais fortemente incutido na produção da identidade masculina. Em nossa cultura, a manifestação de afetividade entre meninos e homens é alvo de uma vigilância muito mais intensa do que entre as meninas e mulheres. De modo especial, as expressões físicas de amizade e de afeto entre homens são controladas, quase impedidas, em muitas situações sociais. Evidentemente elas são claramente codificadas e, como qualquer outra prática social, estão em contínua transformação (LOURO, 2007, p. 27).

---

<sup>42</sup> De acordo com Souza (2013, p. 91), “o enquadramento interpretativo ‘Libertação Sexual’ foi fundamental para interpretar a conjuntura política específica da liberalização do regime militar e conectá-la à experiência de estigmatização sofrida pela comunidade homossexual, já que ambos os termos incluíam em si uma mesma ideia: a de que a superação da subordinação política e social só seria possível pela promoção da liberdade nos mais diversos âmbitos”.

Após a sua constituição, a torcida passou a contar com apoio material e de recursos do movimento gay de Porto Alegre e de pessoas simpatizantes que também passaram a se juntar às fileiras da Coligay, acompanhando o Grêmio onde ele estivesse. O jornal gaúcho Zero Hora, em outubro de 1977, dedicou uma reportagem de página inteira à Coligay, intitulada “O grito (alegre) da Coligay ajudou o Grêmio a ser campeão”. Entrevistado na ocasião, Volmar explicou como se dava, à época, a mobilização e o apoio financeiro que possibilitou o crescimento da torcida:

O grupo tem muita estabilidade: “Somos sustentados pelo Movimento gay de Porto Alegre [...] e organizamos jantares beneficentes, temos um livro de ouro e assim conseguimos o dinheiro necessário”. O patrimônio da Coligay está cada vez maior: elas têm uma Kombi, já investiram muito dinheiro na charanga e nas túnicas que servem de uniforme “Mas agora a camionete (sic) ficou muito pequena para nós. Vamos de ônibus alugado para o interior. Mas talvez a gente compre um microônibus (sic) para o grupo” (GERCHMANN, 2014, p. 97)<sup>43</sup>.

A visibilidade da Coligay e sua articulação com a cena e o movimento gay porto alegreense foram também destacadas em uma reportagem especial feita pela Revista Veja, intitulada “Um *gay power* a brasileira”, publicada em 24/08/1977: “E em Porto Alegre, afinal, a singular expansão de estabelecimentos do setor [LGBT] desaguou, recentemente, na criação da Coligay – a torcida declaradamente homossexual do Grêmio Porto-Alegrense, com 150 adeptos”<sup>44</sup>.

A conquista de maior representatividade pelos ativismos homossexuais e, mais especificamente, o surgimento de uma torcida como a Coligay nas arquibancadas dos estádios naquele contexto, podem ser compreendidas como “oportunidades culturais” aproveitadas, que possibilitaram a proposição de discursos alternativos (por meio da ação política, mas também das manifestações artísticas e culturais) que rompiam e desestabilizavam a heteronormatividade. Este conceito é mobilizado por Souza (2013) a partir da teoria dos movimentos sociais proposta por William Gamson e David Meyer (1996):

O conceito mobilizado para compreender esse ciclo de transformações, que exerceu forte apelo no imaginário político da época, é o de oportunidades culturais (GAMSON; MEYER, 1996). Por oportunidades culturais entende-se o conjunto de atividades de caráter simbólico que estruturam o estoque de percepções das oportunidades políticas. Arranjos mais ou menos institucionalizados de bens e serviços culturais atuam indiretamente na produção de enquadramentos da política. Oportunidades culturais dizem respeito a toda produção e distribuição cultural que seja relevante para a captação de novas formas de compreensão das oportunidades políticas. Mitos, narrativas, bens culturais, performances públicas ou privadas, espaços discursivos, dentre outras coisas *podem servir* aos ativistas como oportunidades culturais de reinterpretação do contexto sociopolítico. Elas fornecem

<sup>43</sup> O grito (alegre) da Coligay ajudou o Grêmio a ser campeão. **Zero Hora**, 02/10/1977, p. 50.

<sup>44</sup> Um *gay power* a brasileira. **Revista Veja**, n° 456, 24/08/1977, p. 66.

uma linguagem para *falar e agir* sobre o mundo político (SOUZA, 2013, p. 61, grifo do autor).

Dessa forma, por mais que isso não apareça explicitamente na narrativa histórica de Gerchmann, é possível afirmar que a Coligay fazia ativismo político pelo fato de apropriar-se para si do status de torcida, fazendo com que pessoas, cujas existências e subjetividades eram ignoradas dentro daquele universo, passassem a ser reconhecidos como sujeitos. De acordo com Rancière (1996), a atividade política:

É a que desloca um corpo do lugar que lhe era designado ou muda a destinação de um corpo do lugar que lhe era designado ou muda a destinação de um lugar; ela faz ver o que não cabia ser visto, faz ouvir um discurso ali onde era só tinha lugar o barulho, faz ouvir como discurso o que era só ouvido como barulho (RANCIERE, 1996, p. 42).

Sousa e Camargo (2015, p. 4), em resenha do livro de Gerchmann, analisam a importância histórica e política da Coligay na medida em que a torcida “com sua essência e manifestação presente, acabou subvertendo o campo da sexualidade no espectro das relações de (homo)sociabilidade entre torcedores e jogadores”. Ao reconhecerem o ativismo político da Coligay, Sousa e Camargo (2015, p. 4) também rejeitam a ideia de que ela “jogou a lógica da estrutura heteronormativa do torcer”, por ter conseguido se inserir em um universo considerado masculino e heterossexual.

Na narrativa do livro de Gerchmann, a torcida, tida como inovadora, buscava a integração e a aceitação pelo universo futebolístico também pelo uso de performatividades consolidadas neste campo, como as manifestações e ofensas homofóbicas e machistas. Dentre elas, é possível destacar a passagem na qual Volmar fala da maneira que integrantes da Coligay se comportavam quando o juiz da partida fazia alguma marcação contra o Grêmio, apelando à homofobia como inferiorização do outro, neste caso, o juiz:

Era uma festa total. No primeiro jogo em que fomos ao [Estádio] Olímpico, a surpresa e o desespero dos torcedores foi geral, tanto que queriam brigar e surrar os componentes da torcida por não aceitarem aqueles gays cantando, rebolando e chamando o juiz e bandeirinhas de bichas quando erravam contra o Grêmio (GERCHMANN, 2014, p. 93).

Essa necessidade de aceitação junto ao grupo estabelecido aparece também na importância que o livro dá ao fato da torcida ter um comportamento “irrepreensível” e no esforço feito para mostrar-se capaz de ser autônoma, independente de recursos do time – outra prática de torcer, na qual a Coligay se distinguia das torcidas “oficiais”.

Uma reportagem feita pela revista Placar, intitulada “Para o que der e vier”, de autoria do jornalista Divino Fonseca, para a edição de maio de 1977, aborda o surgimento da Coligay

e a (então) recente visibilidade conquistada pela torcida, que representava “o mais recente golpe no lendário machismo gaúcho”. A reportagem mostra as resistências à nova torcida tanto por parte de outros torcedores gremistas, como por parte da diretoria do clube.

Convidado a opinar sobre a Coligay, o comissário Teotásio Pielewski, apresentado como chefe do setor de meretrício e vadiagem da Delegacia de Costumes, ao mesmo tempo em que destaca o comportamento de seus integrantes e ressalta que nada há de ilegal na presença de uma torcida gay nos estádios, indica que a nova torcida, destoante da norma da masculinidade hegemônica, estava sob o controle e a vigilância policial: “Estamos de olho nos rapazes e até agora não notamos nenhuma atitude inconveniente. Se algum provocar os outros torcedores, será retirado. Só isso. Nem a faixa que os identifica como homossexuais é ilegal”<sup>45</sup>.

Mesmo apresentando uma performance de torcer considerada mais “animada” – em oposição à “frieza que caracteriza os torcedores do Grêmio”<sup>46</sup>, a narrativa do livro também faz questão de exaltar a “vibração ordeira” (GERCHMANN, 2014, p. 120) dos rapazes da Coligay, por conta de comportamentos e manifestações que não eram consideradas violentas. Nesse processo foi importante a conquista também da aceitação do então presidente do Grêmio, Hélio Dourado, que após relutância inicial – conforme destacada pela reportagem da Placar –, deu o aval para que a torcida tivesse o seu espaço no Olímpico e fosse reconhecida como uma torcida oficial do clube:

- Eles conquistaram você pela conduta?
- Pela conduta, pela conduta. Inclusive, quando eles vieram falar comigo, os achei completamente diferentes dos outros. Pediram licença para serem uma torcida, a Coligay, no Grêmio Porto Alegre, que eles adoravam. Pensei: tudo bem. A única coisa que me pediram foi uma pecinha lá no Olímpico para guardarem seus adereços, suas coisas. Não podiam levar e trazer para o campo sempre. E eu cedi para eles (GERCHMANN, 2014, p. 170-171).

Essa busca por um enquadramento e uma aceitação pelo campo futebolístico e de ser reconhecida como uma torcida legítima pode ajudar também a compreender o fato da Coligay recusar a participação de travestis na torcida. Vale ressaltar que travestis, além de frequentadoras, eram também atrações de destaque em boates gays, como a Coliseu. Ainda assim, de acordo com a cultura heteronormativa e binária, as travestis (e as pessoas trans de forma geral) ocupam uma condição de maior precariedade (BUTLER, 2016), o que faz com que sejam vistas como mais abjetas pela sociedade e estejam mais sujeitas a sofrerem

<sup>45</sup> Para o que der e vier. **Revista Placar**, nº 370, 27/05/1977.

<sup>46</sup> Idem nota 44.

violências e exclusões<sup>47</sup>. Os próprios ativismos homossexuais da época pouco abordavam e não contemplavam as demandas de transexuais e travestis, que só vieram a constituir as suas próprias organizações e ativismos a partir da década de 1990 (CARVALHO, p. 20):

A precariedade implica viver socialmente, isto é que o fato de que a vida de alguém está sempre, de alguma forma, nas mãos do outro. Isso implica estarmos expostos não somente àqueles que conhecemos, mas também àqueles que não conhecemos, isto é, dependemos das pessoas que conhecemos, das que conhecemos superficialmente e das que desconhecemos totalmente. Reciprocamente, isso significa que nos são impingidas a exposição e a dependência dos outros, que, em sua maioria, permanecem anônimos. [...] Nós não nascemos primeiro e em seguida nos tornamos precários; a precariedade é coincidente com o próprio nascimento [...]. É exatamente porque um ser vivo pode morrer que é necessário cuidar dele para que possa viver. Apenas nas condições nas quais a perda tem importância o valor da vida aparece efetivamente. Portanto, a possibilidade de ser enlutada é um pressuposto para toda vida que importa. [...] Sem a condição de ser enlutada, não há vida, ou, melhor dizendo, há algo que está vivo, mas que é diferente de uma vida [...], e que não será enlutada quando perdida (BUTLER, 2016, p. 31-33).

A dinâmica das masculinidades mostra que o entendimento que se tinha em relação às travestis revela também uma confusão entre as definições de identidade de gênero e orientação sexual. A reportagem especial da Revista Veja, citada anteriormente, mostra a maneira como se percebia as diferenças entre homem “gay” e “travesti”, referindo-se a elas pelo masculino e classificando – hierarquizando – essas categorias em relação ao seu grau de masculinidade, sendo as travestis consideradas “menos homens” ou, nos termos da reportagem, “mais assumidos” que os gays:

Na verdade seria injusto colocar o homossexual como único discriminado na sociedade brasileira. Ou se esquecer que há uma escala de preconceitos – desigual para os travestis que perambulavam pela avenida Angélica, de São Paulo, para os *midnight cowboys* com aspecto mal alimentado da Cinelândia carioca ou os habitués do Sótão. Certamente, por serem os mais marginalizados, os travestis são – na terminologia homossexual – os mais “assumidos”<sup>48</sup>.

No livro de Gerchmann, Volmar explica o porquê do veto à participação de travestis na torcida, contradizendo o argumento do autor, que diz que “para entrar na Coligay havia apenas esta condição: ser gremista” (GERCHMANN, 2014, p. 114). A condição de ser gremista é destacada, porque torcedores homossexuais do Internacional chegaram a

<sup>47</sup> De acordo com a reportagem “Caminhada trans: de que lado você está?”, disponível no portal de notícias da revista Carta Capital: “Um levantamento feito pelo grupo Transgender Europe mostra que 51% (689) dos homicídios de pessoas trans na América Central e do Sul ocorreram no Brasil. De acordo com pesquisa do IBGE de 2013, a expectativa de vida desse grupo social não passa dos 35 anos, menos da metade da média nacional de 74,9 anos da população em geral”. A mesma organização produziu estudo que mostra que o Brasil é o país que mais mata transexuais e travestis no mundo (ao todo 604 homicídios entre 2008 e 2014). Fonte: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/mulheres-e-homens-trans-na-luta-por-seus-direitos>; <http://www.fafich.ufmg.br/nuh/2016/12/28/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-travestis-e-transexuais-no-mundo>. Acesso em 25/10/2017.

<sup>48</sup> Um *gay power* a brasileira. **Revista Veja**, nº 456, 24/08/1977, p. 70.

manifestar interesse em fazer parte da Coligay, mas não foram aceitos por Volmar. No caso, assim como os torcedores rivais, a presença de travestis também era considerada uma ameaça à integridade e à credibilidade conquistada pela torcida:

Se a orientação sexual os unia, também os unia a paixão tricolor. E travestis? Também não costumavam ser aceitos. Por quê? Por questão de segurança, explica Volmar. A avaliação era de que poderiam ser agredidos, em razão da ostensividade das vestes, e de que “**aí seria muita avacalhação**”, como diziam (GERCHMANN, 2014, p. 114, grifo nosso).

Ainda assim, é inegável que a ocupação das arquibancadas de estádios brasileiros por parte da Coligay pode ser considerada um marco no sentido que rompeu com um espaço de sociabilidade tido como exclusivo do homem cisgênero e heterossexual. Mesmo não se considerando “um movimento de vanguarda gay”<sup>49</sup>, Volmar Santos, principal porta-voz da torcida, tinha ciência de que a Coligay, com o seu entusiasmo e devoção ao Grêmio, estava rompendo preconceitos. Além de mostrar que homens gays poderiam gostar e fazer parte do contexto futebolístico, havia também a consciência de que estava em jogo a conquista de mais um espaço de visibilidade pública de corpos e subjetividades consideradas dissonantes, abjetas: “Pela primeira vez num Estado machista como o nosso, os homossexuais se manifestam em público. Não é pouca coisa, não? Às vezes, chego a ficar assustado. Mas, pelo que se viu, Porto Alegre está madura para nos aceitar”<sup>50</sup>.

O fim da Coligay em 1983 coincide com o próprio fim da “primeira onda” do movimento homossexual brasileiro. O movimento passou por um processo de rearticulação, principalmente com o fim do jornal “Lampião da Esquina” em 1981 (cuja trajetória e importância para o movimento homossexual brasileiro serão analisadas mais adiante), e com a dissolução do Somos, em 1983. De acordo com Fachinni (2002), a desarticulação da primeira onda do movimento homossexual tem relação com o fim da ditadura, em 1984. Os movimentos políticos e ativismos homossexuais da primeira onda tinham “perfil mais comunitarista e antiautoritário” (FACCHINNI, 2002, p. 74), em resposta justamente à repressão do regime ditatorial: “a continuidade num período de pós-redemocratização exigiria toda uma adaptação do ideário do estilo da militância desses grupos ao novo contexto”. (FACCHINNI, 2002, p. 74)

A Coligay encerrou as suas atividades após a saída do seu torcedor-símbolo, Volmar Santos. A torcida inspirou articulações para a constituição de outras torcidas gays ainda no final da década de 1970, porém não há registros de torcidas que tenham conseguido marcar

<sup>49</sup> O grito (alegre) da Coligay ajudou o Grêmio a ser campeão. **Zero Hora**, 02/10/1977, p.50. (GERCHMANN, 2014, p. 97)

<sup>50</sup> Fala de Volmar Santos para a reportagem “Para o que der e vier”. **Revista Placar**, nº 370, 27/05/1977.

presença nos estádios, principalmente porque todas enfrentaram resistências e rejeição à sua presença nas arquibancadas.

A oportunidade cultural construída e aproveitada pela Coligay ocorreu em um cenário em que era totalmente inusitado e até mesmo impensável o aparecimento de uma torcida gay em um estádio de futebol. Apesar das resistências que a torcida enfrentou ao longo de sua existência, houve uma aceitação à Coligay por parte da instituição do Grêmio, tanto da parte do clube como, inclusive, por parte das demais torcidas do time. Outros times e as suas torcidas recusaram-se a ter que lidar com um eventual estigma que surgisse por contarem com uma torcida gay, o que explica a rejeição e a mobilização para impedir o acesso da Fla-Gay às arquibancadas, conforme será analisado mais adiante.

Além da chegada de surpresa aos estádios e das animadas manifestações de apoio ao Grêmio, é possível dizer que a aceitação da Coligay se deve também ao fato de ter se tornado uma torcida “pé-quente”, fruto da coincidência do seu surgimento em um período de vitórias e conquistas gremistas. É dessa forma que o sociólogo André Forster analisa o “fenômeno” Coligay na reportagem do Jornal Zero Hora, mencionada anteriormente, feita após a conquista do título do Campeonato Gaúcho de 1977 pelo Grêmio:

O que aconteceu – segundo o sociólogo André Foster, analisando o grupo – é que as pessoas não racionalizaram a sua aceitação à Coligay. Simplesmente eles descobriram que aquele grupo era mais um interessado em que o Grêmio fosse campeão. Descobriram que eles estavam ali para incentivar o time, como todos os outros. Além disto, eram simpáticos e então foram aceitos. Não como uma classe, e sim como um grupo de apoio ao Grêmio. A sorte é que o clube venceu e eles conservam uma imagem simpática. Se o Grêmio perdesse, eles seriam linchados (GERCHMANN, 2014, p. 97)<sup>51</sup>.

A Coligay e de modo mais abrangente a primeira onda do movimento brasileiro homossexual tiveram grande importância e deixaram grande legado para a comunidade LGBT do Brasil, que repercute para além do período da sua existência:

É inegável a eficácia dos grupos homossexuais em vários sentidos. Talvez a principal tenha sido a construção de sociabilidades unindo (e também promovendo) um novo tipo de homossexual que não é dominado por sentimentos de culpa e não se considera doente ou anormal. Mesmo depois de cessadas as atividades declaradamente ‘militantes’, essas redes têm sobrevivido e sido, em muitos casos, cruciais na história de vida dos seus participantes, influenciando na sua escolha de moradia, de emprego, de atividade de lazer e de opção política (MACRAE, 1985, p. 465).

Como parte de uma estratégia recente de apresentação do Grêmio como o clube “mais plural” do futebol brasileiro – até em função da repercussão negativa do episódio de racismo envolvendo torcedores do Grêmio contra o então goleiro do Santos, Aranha, que rendeu como

---

<sup>51</sup> O grito (alegre) da Coligay ajudou o Grêmio a ser campeão. **Zero Hora**, 02/10/1977, p.50.

punição ao clube a eliminação da Copa do Brasil, em 2014<sup>52</sup> (BANDEIRA, 2017) – além do livro em homenagem à existência da Coligay, atualmente a torcida é reconhecida como parte da história oficial do clube, tendo sido recentemente incluída no atual Museu do Grêmio. Aberto ao público em dezembro de 2015, o Museu do Grêmio apresenta uma narrativa museológica sobre os mais de 100 anos de história do clube. No painel dedicado a Coligay, destaca-se a coragem da torcida, que “vestindo figurino extravagante e ousado” e carregando as cores do Tricolor Gaúcho, “encarou a ditadura e tomou para si o desafio de reerguer o moral do clube”<sup>53</sup>.

### 3.2 A ‘PRAGA’ DA FLA-GAY

“É preciso acabar com esse negócio de que o Flamengo é machão latino-americano. Flamengo é povo, é tudo. [...] Vamos fechar no Maracanã, dando um show de plumas e paetês, naturalmente, sempre incentivando o Mengão (Fala de Pedro Paradelá em “Torcida deslumbrará domingo no Mário Filho”, *Jornal dos Sports*, edição nº13510, 07/10/1979, p. 7).

“O presidente do Flamengo, Márcio Braga, esteve reunido com o comandante do 6º Batalhão da Polícia Militar, ocasião em que pediu que as várias torcidas do Flamengo sejam protegidas do mau que representa a Fla-Gay. O dirigente explicou que 'as minorias não podem se misturar à torcida' e que é a favor das facções formadas por homens de mente e corpo são, o que não acontece com os que pretendem formar a Fla-Gay. Procurado por vários líderes de torcida do Flamengo, Márcio Braga se viu obrigado a comunicar a posição do clube, em virtude das notícias que dão conta da criação da nova facção Gay, que pretende incentivar o Flamengo. Juridicamente, não existe nada que impeça a sua criação, mas Márcio Braga adiantou que essa facção não será aprovada pelo Conselho Diretor do Clube” (“Márcio pede proteção contra a Fla-Gay”, *Jornal dos Sports*, edição nº13516, 13/10/1979, p. 14).

---

<sup>52</sup> O episódio aconteceu na partida entre Grêmio e Santos, no dia 28/08/2014, em Porto Alegre, válido pela Copa do Brasil. O Santos vencia por dois a zero, quando, Aranha se recusou a dar sequência ao jogo por conta de ofensas e manifestações racistas provenientes de torcedores gremistas que estavam na arquibancada atrás do gol que defendia. “O fato de ter uma campanha contra o racismo no telão da outra vez não é à toa. A torcida xingar e pegar no pé é normal. Mas daí começaram a falar ‘preto fedido’, ‘cambada de preto’, fiquei nervoso, mas fiquei me segurando. Fizeram rápido e pouco um coro de macaco, para não dar tempo de pegar. Pedi para o câmera virar e mostrar, mas ele não fez isso. Fico p... com essas coisas acontecerem aqui. Mas isso dói, dói. Não é possível. Vem falar que eu estava insultando a torcida, virei e falei que eu era preto sim, negão”, afirmou o goleiro. Semanas depois, o caso foi levado para o Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), que decidiu pela exclusão do Grêmio da competição, por conta das injúrias raciais dirigidas a Aranha. Pela primeira vez um time brasileiro era excluído de uma competição organizada pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), por conta de episódio de racismo ocorrido em campo ou nas arquibancadas. Fonte: [http://espn.uol.com.br/noticia/436034\\_aranha-e-chamado-de-macaco-por-torcida-do-gremio](http://espn.uol.com.br/noticia/436034_aranha-e-chamado-de-macaco-por-torcida-do-gremio); [http://espn.uol.0063om.br/noticia/437296\\_stjd-decide-excluir-gremio-da-copa-do-brasil-por-racismo-contra-goleiro-aranha](http://espn.uol.0063om.br/noticia/437296_stjd-decide-excluir-gremio-da-copa-do-brasil-por-racismo-contra-goleiro-aranha). Acesso em 18/04/2016.

<sup>53</sup> Informação compartilhada pela pesquisadora Luiza Aguiar dos Anjos (UFRGS), que desenvolve pesquisa de doutorado sobre a história da Coligay.

Em outubro de 1979, o Clube de Regatas Flamengo (RJ) entrava na fase final do Campeonato Carioca na condição de franco favorito para a conquista do tricampeonato estadual. O time, que era liderado pelos craques Zico e Júnior, ambos formados na base rubro-negra, tornou-se uma das equipes mais vencedoras da história do futebol brasileiro.

Em meio à expectativa de mais uma conquista, um evento extracampo ganhou destaque no noticiário esportivo carioca: o surgimento de uma nova torcida organizada do Flamengo, a Fla-Gay, facção gay que estava sendo formada e preparando a sua estreia oficial no Maracanã. Depois de adiamentos e problemas nos preparativos, a grande estreia aconteceria em um dos clássicos mais populares do futebol brasileiro: o Fla-Flu, que reúne o Flamengo e um de seus principais rivais, o Fluminense Football Club (RJ).

Para reconstituir a polêmica em torno da estreia da Fla-Gay que acabou não se concretizando, foi feito um trabalho de levantamento e consulta ao acervo do *Jornal dos Sports*<sup>54</sup> – à época, o jornal esportivo mais popular do Rio de Janeiro, famoso pelas suas páginas cor de rosa. Fazendo a pesquisa pela palavra-chave “FlaGay” no site da Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional<sup>55</sup>, foi possível localizar um total de 32 menções, 30 delas no mês de outubro de 1979, quando houve a repercussão em torno da estreia da torcida no Maracanã.

As notas e matérias publicadas por este jornal a respeito da Fla-Gay às vésperas do Fla-Flu mostram um esforço de caracterizá-la como um acontecimento que não se adequava ao contexto do futebol, descrevendo as ações da torcida como se esta estivesse se preparando para ir a um desfile de fantasias ao invés de ocupar um espaço em uma arquibancada para apoiar o time de coração. Tal caracterização contribuiu para uma rejeição da torcida – que seria expressa também por leitores do jornal – e até mesmo para um clima de hostil e, mesmo, violento contra a presença da nova torcida no Maracanã, que também foram repercutidos e destacados pelo jornal.

A primeira menção à Fla-Gay feita pelo *Jornal dos Sports* é de 26 de setembro de 1977. A reportagem intitulada “Evandro fala em Fla-Gay. Calçada só quer o título”, tem como um de seus personagens principais o costureiro e também carnavalesco Evandro de Castro

---

<sup>54</sup> De acordo com Hollanda (2012, p. 81): “No Rio de Janeiro, o *Jornal dos Sports* surgiu em 1931 como o primeiro diário exclusivo de esportes no Brasil. Seus fundadores foram Argemiro Bulcão e Ozéas Mota, que em 1936 venderam-no para o jornalista Mário Filho. Com o novo proprietário, o jornal construiu uma hegemonia que se estendeu ao longo de cinco décadas. Conhecido popularmente como o *Cor-de-Rosa*, tal jornal definiu ao longo dos anos 1990, perdendo o espaço e a força de outrora”. O *Jornal dos Sports* encerrou as suas atividades definitivamente em 2010.

<sup>55</sup> A documentação consultada do *Jornal dos Sports*, correspondente à década de 1970, está disponível para consulta online no site da Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 02/03/2017.

Lima – à época um dos principais rivais de Clóvis Bornay nos desfiles de fantasias<sup>56</sup>. Sendo acompanhado pela reportagem em uma ida ao Estádio Mário Filho, Evandro, aproveitando do ensejo e da popularidade alcançada pela Fla-Gay, anunciava uma nova torcida rubro-negra que estava “em vias de surgir no cenário esportivo”:

Falo da Fla-Gay, que até o Márcio Braga (então presidente do Flamengo) apoia. Ele diz que vai ser uma beleza quando a Fla-Gay aparecer no Mário Filho. Só tem uma coisa: ela não vai ficar espremida na arquibancada. Ficará por aqui, nas cadeiras. Vai ser um barato. Eu vou me incorporar<sup>57</sup>.

Dois anos depois, durante o mês de outubro de 1979, uma série de reportagens, entrevistas, notas em colunas e até cartas enviadas por leitores fazem referência à torcida gay do Flamengo e da expectativa em relação aos seus preparativos para estreiar oficialmente nos estádios cariocas. A primeira matéria a anunciar a criação da Fla-Gay foi feita em 07/10/1979. Intitulada “Torcida deslumbrará, domingo, no MF [Mário Filho]”, a reportagem falava dos preparativos da torcida para a sua estreia oficial e destaca a participação de duas personalidades: o jornalista e radialista Pedro Paradela<sup>58</sup>, apresentado como o líder da torcida, e o famoso carnavalesco Clóvis Bornay<sup>59</sup>, aclamado “padrinho da torcida” e que seria também o responsável por cuidar do figurino dos seus integrantes. Para a estreia, prometiam “incentivo ao Mengão”, “dando um show de plumas e paetês”:

Dirigidos pelo radialista Pedro Paradela e tendo como figurinista o campeoníssimo Clóvis Bornay, a torcida do Flamengo vai lançar nova facção, domingo, no Fla-Flu. Trata-se da Fla-Gay, que promete deslumbrar no Estádio Mário Filho, com plumas e paetês. Paradela, líder da nova facção, falou ao JORNAL DOS SPORTS:  
- É preciso acabar com esse negócio de que o Flamengo é machão latino-americano. Flamengo é povo, é tudo. Portanto, me sinto honrado em ser o presidente de uma facção da torcida tão importante como será a Fla-Gay. Vamos fechar no Maracanã, dando um show de plumas e paetês, naturalmente, sempre incentivando o Mengão. [...] É lógico que não vamos para o Maracanã com as fantasias luxuosas e maravilhosas que ele (Bornay) costuma nos concursos de carnaval. Mas iremos dentro do que pode se chamar de originalidade, com o que há de melhor e mais bonito no Brasil. Como disse, é uma torcida para fechar o Maracanã<sup>60</sup>.

<sup>56</sup> Sobre a rivalidade de Evandro de Castro Lima com Clóvis Bornay nos desfiles de fantasia, ver a reportagem “O luxo dos concursos de fantasia”. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/suplementos/gente/o-luxo-dos-concursos-de-fantasia-1.816952>. Acesso em 28/07/2017.

<sup>57</sup> Evandro fala em Fla-Gay. Calçada só quer o título. **Jornal dos Sports**, edição nº14582, 26/09/1977, p. 5.

<sup>58</sup> Sobre Pedro Paradela há poucas informações disponíveis a seu respeito e carreira. As menções a ele são esparsas, como, por exemplo, uma foto em que aparece junto de João Saldanha, famoso comentarista e técnico da Seleção Brasileira, e integrantes da equipe esportiva da Rádio Nacional. A foto é identificada como de 1969. Ver o artigo intitulado “25 Anos sem João Saldanha”, no site da Associação de Cronistas Esportivos do Rio de Janeiro (ACERJ). Disponível em: <http://www.acerj.com.br/25-anos-sem-joao-saldanha/>. Acesso em 24/08/2017.

<sup>59</sup> Clóvis Bornay (1916-2005) museólogo de profissão, tornou-se mais conhecido pela sua ligação com o universo do carnaval brasileiro. Foi idealizador do Baile de Gala do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, criado em 1937. Carnavalesco e idealizador de fantasias de gala, tornou-se *hour concours* dos bailes de fantasia do calendário carnavalesco.

<sup>60</sup> Torcida deslumbrará domingo no Mário Filho. **Jornal dos Sports**, edição nº13510, 07/10/1979, p. 7.

A mesma reportagem destacava o fato de Clóvis Bornay ser um dos líderes da torcida, uma vez que era conhecido, até então, como torcedor do Botafogo Futebol e Regatas (RJ), clube rival do Flamengo. Segundo Pedro Paradela, Bornay estava se juntando a Fla-Gay porque “o Flamengo é o time da moda e ele só poderia mudar para ser Flamengo”. Outra referência interessante trazida pelo relato de Paradela à mesma reportagem era sobre a existência de outras torcidas gays dos principais rivais, mas que estas adotavam uma linha mais discreta, preferindo manter-se “enrustidas”:

A primeira torcida gay foi a do Fluminense. Sabemos que o Vasco e o Botafogo também têm essa facção, mas são mais discretos. Peço desculpas aos gays tricolores por estarmos copiando. Mas a gente só copia o que é bom. Portanto, será lançada a Fla-Gay. Sua estreia está marcada para o Fla-Flu de domingo.

À época, os quatro grandes clubes do futebol carioca (Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco da Gama) disputavam o turno decisivo do Campeonato Carioca. O Flamengo era considerado franco-favorito a conquistar o tricampeonato carioca consecutivo. A expectativa para o jogo contra o Fluminense era grande, pois uma vitória do Flamengo praticamente garantiria o título para os rubro-negros.

Nos dias seguintes, o *Jornal dos Sports* continuou noticiando a presença da Fla-Gay no Fla-Flu. Em 09/10/1977, a coluna social “Bastidores” dava a seguinte nota sobre a torcida: “A mais jovem torcida do Rio de Janeiro, a Fla-Gay, será batizada neste próximo domingo no Maracanã, no jogo Flamengo x Fluminense. Os padrinhos Clovis Bornay (cheio de paetês, missangas e lantejoulas) e Pedro Paradela estarão brindando o tim-tim na galera”<sup>61</sup>. No dia seguinte, outra coluna do jornal, “Dois Toques”, ratificou a estreia da torcida Fla-Gay para o clássico Fla-Flu, mas a nota já revela uma resistência por parte dos dirigentes do rubro-negro:

Confirmada para domingo a estreia de outra facção da torcida do Flamengo que, mesmo com o protesto dos dirigentes, vingou e promete dar um show no Mário Filho, domingo, contra o Fluminense. Trata-se da Fla-Gay, liderada por Pedro Paradela e Clóvis Bornay, que deixou o Botafogo e agora torce pelo Mengão<sup>62</sup>.

A ênfase no caráter festivo e de espetáculo atribuído à presença da Fla-Gay – presente nas referências às “plumas e paetês”, ao “brinde com “tim-tim” – e no fato de um dos padrinhos da torcida ser originalmente um botafoguense sugerem que a cobertura do *Jornal dos Sports* não dava a devida credibilidade à torcida, dificultando que esta fosse reconhecida e legitimada como uma torcida organizada pelo campo futebolístico. A presença de um “vira-casaca” nas fileiras da torcida pode ser considerada mais um fator que contribuiu para a

<sup>61</sup> Coluna Social “Bastidores”. *Jornal dos Sports*, edição n°13512, 09/10/1979, p. 2.

<sup>62</sup> Coluna “Dois Toques”. *Jornal dos Sports*, edição n°13513, 10/10/1979, p. 14.

rejeição à existência pública de uma torcida gay do Flamengo. Damo (1998) reflete sobre o significado do ser torcedor e o eventual ônus de pertencer, torcer por um time. Para o autor, torcer é uma “profissão de fé”, uma escolha que é definitiva:

À exceção de uns poucos que lhe são indiferentes, quem gosta de futebol não apenas aprecia sua prática ou fruição senão que o faz a partir de um referencial, o "clube do coração". Trata-se de uma "máscara" que resulta, como sugere o poeta Drummond, "da necessidade de optar" e, ainda que não esteja muito claro por que esta necessidade se impõe, sabe-se, contudo, tratar-se de uma "profissão de fé"; a opção é para sempre (DAMO, 1998, p. 8).

As narrativas construídas pelo *Jornal dos Sports* sobre o que seria a estreia de uma nova facção do Flamengo nas arquibancadas do Maracanã, acabam contribuindo para reforçar a imagem da Fla-Gay como um evento extrafutebolístico. Outro exemplo disso vê-se no dia 12/10/1977, em uma nota da coluna “Bola no Chão” (assinada por Milton Salles), que mais parece descrever a entrada de uma escola de samba, com o Maracanã servindo de passarela para o desfile:

ALEGORIAS – A torcida Fla-Gay, que será devidamente inaugurada domingo, por ocasião do Fla-Flu, pretende balançar as estruturas e fechar com um desfile de fazer inveja às chamadas grandes sociedades. A Fla-Gay surgirá no Estádio Mário Filho com três belíssimos carros alegóricos bolados pelo bravo Clóvis Bornay<sup>63</sup>.

Silva (2015), ao analisar as narrativas produzidas pela imprensa escrita durante o período de proibição da prática do futebol feminino, apresenta exemplos que caracterizam o jogo entre mulheres como um espetáculo, o que contribuía também para reforçar a negação do caráter esportivo do jogo praticado pelas mulheres. Tal estratégia discursiva era comum nos registros e reportagens sobre jogos beneficentes em que vedetes atuavam como jogadoras, na década de 1950, como forma de ludibriar a proibição formal ao futebol jogado por mulheres:

Salta aos olhos a qualificação da partida como “espetáculo” e “beneficente”. A linguagem seria uma forma de ludibriar a legislação e o poder público, com a justificativa para a sua realização de que as jogadoras nada mais eram do que vedetes, cuja profissão era justamente ligada ao entretenimento, não ao esporte. Desta maneira, o jogo aparecia esvaziado de seu significado competitivo e passava a figurar como um espetáculo de lazer, sem comprometimento com o resultado. Ao mesmo tempo, o contorno de show beneficente para a partida também estava relacionado diretamente à relação entre mulheres e esporte, particularmente à concepção hegemônica do futebol como algo voltado ao público masculino heterossexual. Assim, ao colocarem mulheres consideradas bonitas para atuarem nesse jogo pretendia-se atrair justamente este público, habituado a ir aos estádios para torcer por seu time e que, no caso do futebol praticado feminino, seria atraído pela intenção não de torcer ou apreciar o esporte, mas sim os corpos das moças (SILVA, 2015, p. 14).

Partindo de uma concepção hegemônica de que o futebol e o público que o consome são formados por homens cisgêneros e heterossexuais, fica mais fácil de compreender que o

<sup>63</sup> Coluna “Bola no Chão”. *Jornal dos Sports*, edição nº13515, 12/10/1979, p.5.

jornal tratasse a iniciativa de uma torcida gay ir ao Maracanã como algo exótico. Ao se referir ao Fla-Gay e seus integrantes, muito pouco se fala do apoio por parte da torcida ao time ou do quanto esses torcedores são apaixonados pelo Flamengo, noções imbricadas à identidade torcedora. Nas narrativas feitas pelo Jornal dos Sports sobre a Fla-Gay é possível perceber um tom caricato – o que contribui para reforçar estereótipos em relação a esta ser uma ação organizada por homossexuais –, que ressalta elementos exteriores ao jogo e diferentes do que se entende como uma prática de torcer.

Márcio Braga, então presidente do Flamengo, e apontado na reportagem de 1977 como um dos possíveis aliados da nova torcida, revelou-se ser um dos seus mais ferrenhos opositores. Com o título: “Márcio apoia a galera contra a Fla-Gay: Presidente do Flamengo, a pedido de diversos líderes de torcidas, foi ontem ao 6º Batalhão da PM e pediu providências”<sup>64</sup>, a capa do Jornal dos Sports no dia anterior à realização da partida, em 13/10/1979, destaca o pedido de Márcio Braga ao Batalhão da Polícia Militar do Rio de Janeiro para que o acesso da Fla-Gay ao Maracanã fosse proibido.

Já a reportagem intitulada “Márcio pede proteção contra a Fla-Gay”, mostra o presidente do clube mobilizando também outros atores sociais, como grupos de torcedores e a Polícia Militar, para manifestar o incômodo e a rejeição à possibilidade de uma torcida gay apresentar-se como parte do Flamengo:

O presidente do Flamengo, Márcio Braga, esteve reunido com o comandante do 6º Batalhão da Polícia Militar, ocasião em que **pediu que as várias torcidas do Flamengo sejam protegidas do mal que representa a Fla-Gay**. O dirigente explicou que **“as minorias não podem se misturar à torcida”** e **que é a favor das facções formadas por homens de mente e corpo são, o que não acontece com os que pretendem formar a Fla-Gay**. Procurado por vários líderes de torcida do Flamengo, Márcio Braga se viu obrigado a comunicar a posição do clube, em virtude das notícias que dão conta da criação da nova facção Gay, que pretende incentivar o Flamengo. Juridicamente, não existe nada que impeça a sua criação, mas Márcio Braga adiantou que essa facção não será aprovada pelo Conselho Diretor do Clube. [...]

- Todas as torcidas que o Flamengo possui no momento são aprovadas pelo Conselho Diretor. Os representantes e líderes recebem inclusive carteira do clube dando permissão para que funcionem. [...] **Isso não ocorrerá com a Fla-Gay. É uma torcida que não é bem aceita pelo Flamengo e não será, portanto, aprovada pelo Conselho Diretor. Fui procurado por vários líderes de torcida que se mostram contrários à nova facção**. Me parece que apenas uma facção da torcida do Flamengo (a Fla-Amor) é a favor da criação da Fla-Gay<sup>65</sup> (grifo nosso).

Ao dizer que “as minorias não podem se misturar à torcida”, além de incitar a violência, o posicionamento do presidente rubro-negro, no esforço de “desumanizar o outro em torná-lo inexoravelmente diferente” (BORRILLO, 2010, p. 35), recorre à homofobia ao

<sup>64</sup> **Jornal dos Sports**, edição nº13516, 13/10/1979, capa.

<sup>65</sup> Márcio pede proteção contra a Fla-Gay. **Jornal dos Sports**, edição nº13516, 13/10/1979, p. 5.

caracterizar os integrantes da Fla-Gay como seres abjetos e indesejáveis, cuja presença no estádio, ou a sua simples evocação, poderia contaminar os demais torcedores e a instituição Flamengo como um todo:

Enquanto violência global caracterizada pela supervalorização de uns e pelo menosprezo de outros, a homofobia baseia-se na mesma lógica de inferiorização: tratando-se da ideologia racista, classista ou antisemita, o objetivo perseguido consiste sempre em desumanizar o outro, em torná-lo inexoravelmente diferente. À semelhança de qualquer outra forma de intolerância, a homofobia articula-se em torno de emoções (crenças, preconceitos, convicções, fantasmas...), de condutas (atos, práticas, procedimentos, leis...) e de um dispositivo ideológico (teorias, mitos, doutrinas, argumentos de autoridade...) (BORRILLO, 2010, p. 34-35).

O tom festivo e animado adotado pelo Jornal dos Sports acerca da estreia da torcida no Maracanã passa a dar lugar a notícias que revelam a rejeição à Fla-Gay, alcançando também o espaço destinado às opiniões de leitoras e leitores que mandavam cartas ao jornal. Em uma delas, a leitora “Elizabeth” expressava a sua revolta com o fato de uma torcida gay apresentar-se como torcida do Flamengo, considerando que uma iniciativa como essa seria mais adequada aos times rivais, como o Vasco e o Fluminense, e conclamando os “machões”, os “verdadeiros” torcedores do Flamengo, para uma luta “anti Fla-gay”:

É uma vergonha o que estão tentando fazer. Formar uma torcida, só que não é uma torcida como as que o Mengão merece, essa espécie de gente nunca poderia torcer pelo “MAIS QUERIDO”, o lugar deles é na torcida do Fluminense e Vasco, mas não na nossa querida GALERA. [...] Onde já se viu, Fla-Gay, parece até piada, contando ninguém acredita, pensa que coisa do outro mundo e é muito ridículo, inaceitável, coisa de palhaço. Eles em vez de ficarem em casa, fazendo as fantasias para os concursos de carnaval, fiquem com suas plumas e brocados, não venham torrar o saco de quem está numa boa, quieto, sem amolar ninguém. [...] Toda facção que nasce no Flamengo é bem recebida, menos esse projeto de torcida, isso até micróbio de torcida (sic). Pra ser FLAMENGO tem que ser machão, não gente degenerada como essas. [...] Faço um grande apelo às outras facções, que ajudem a combater essa peste, isto pode contaminar, nessa luta antifa-gay (sic)<sup>66</sup>.

Tanto na fala de Márcio Braga, como na carta enviada pela leitora, a rejeição à torcida faz também referência à ideia da homossexualidade como uma doença, como na sugestão de que os integrantes da Fla-Gay não eram homens “formados por mente e corpo são” e que representavam uma “peste” a ser combatida, que poderia “contaminar” a verdadeira (e heterossexual) torcida do Flamengo. De acordo com Fry e McRae (1985), os discursos que tratavam a homossexualidade como uma questão médica, uma doença passível de ser curada ou reabilitada, começam a ser produzidos no Brasil no início do século XX<sup>67</sup>:

<sup>66</sup> Coluna “Bate Bola”. **Jornal dos Sports**, edição nº13517, 14/10/1979, p. 2.

<sup>67</sup> Em 17 de maio de 1990, a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da sua lista internacional de doenças mentais em uma Assembleia Geral. Até então, a homossexualidade era tratada como doença e em alguns países, existia “tratamento”. A data é considerada um marco e atualmente comemora-se o

Aqui no Brasil, o médico carioca Pires de Almeida, em 1906, escreve o seu livro *Homossexualismo (A Libertinagem no Rio de Janeiro)*: “Mais que todos os seres, o homem, pelas suas paixões e por seus instintos libidinosos, corrompe e arruína a própria saúde, destruindo as fontes de vida.” Daí em diante, são os médicos que vão reivindicar a sua autoridade de falar a verdade sobre a sexualidade e são eles os agentes da gradual transformação da homossexualidade de “crime”, “sem vergonhice” e “pecado” para “doença”, ao longo dos anos que se seguem. O crime merece punição, a doença exige a “cura” e a “correção” (FRY; MCRAE, 1985, p. 61).

No dia do jogo, a edição do *Jornal dos Sports*, além de destacar o retorno do craque Zico (que havia se recuperado de uma contusão), dá ênfase ao clima de hostilidade que existia em relação à possível presença da Fla-Gay no clássico. Referências a intimidações e ameaças de uso de violência física contra a torcida são recorrentes nas pautas. Na coluna “Bola no Chão”, uma nota repercute que a maior parte dos torcedores rubro-negros não admitia dividir a arquibancada e compartilhar a torcida pelo time com uma facção “refrigerada”, anunciando a possibilidade de integrantes da Fla-Gay, caso apareçam no estádio, serem expulsos “na base do tapa”:

PROTESTO – A maioria da galera do Flamengo não quer nem por brincadeira admitir que uma facção da torcida do seu clube seja refrigerada. Por isso, avisou que não vai permitir que a turma da Fla-Gay, já calculada em 200 alegres criaturas, pinte hoje no Mário Filho. Os mais radicais ameaçam dispensar os gays na base do tapa<sup>68</sup>.

O jornal apresenta o posicionamento da diretoria do clube em relação à presença da Fla-Gay em duas notícias. Em uma delas, na coluna “Objetiva” (assinada por Raymundo Mendonça), um dirigente do Flamengo, Walter Oaquim, eximiu o clube de qualquer responsabilidade em relação à presença da torcida no estádio, dando a seguinte declaração sobre a Fla-Gay: “O problema é da torcida do Flamengo. A diretoria tem que respeitar a vontade dos torcedores. O clube não pode interferir nas arquibancadas. Para nós não importa se é gay ou não”<sup>69</sup>.

Já na notícia intitulada “Fla-Gay é problema social”, que apresenta outro pronunciamento publicado do mesmo dirigente, a contrariedade em relação à torcida fica mais evidente. Em um contexto histórico de regime militar e ainda de forte controle de manifestações públicas de posicionamentos políticos, Walter Oaquim nega o reconhecimento do direito de existência da Fla-Gay, dizendo que não caberia ao Flamengo abrigar o que considera uma “enfermidade social”, assim como não aceitaria que o time fosse usado como plataforma para pautas políticas:

---

Dia Internacional contra a Homofobia. Cinco anos antes, em 1985, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) brasileiro já havia deixado de classificar a homossexualidade como desvio sexual.

<sup>68</sup> Coluna “Bola no Chão”. *Jornal dos Sports*, edição nº13517, 14/10/1979, p.5.

<sup>69</sup> Coluna “Objetiva”. *Jornal dos Sports*, edição nº13517, 14/10/1979, p.4.

O representante do Flamengo na Federação Estadual, Walter Oaquim, disse que a criação da facção Fla-Gay tem de ser encarada como um problema social. Oaquim se disse contra a violência que as demais facções ameaçam fazer contra a torcida, afirmando que o Conselho Diretor do Clube é contra a formação desse grupo.

- Tanto a Fla-Gay, como a Fla-Lésbicas, têm que ser encarada (sic) como problemas sociais. Portanto, a torcida do Flamengo não deve participar do esquema da violência. O Flamengo não vai abrigar a facção Gay, lésbica, machão, o MDB ou o ARENA. [...] Trata-se de uma enfermidade social e o Flamengo não vai abrigar esse tipo de coisa, mas de antemão posso afirmar que sou contra a violência anunciada contra essa facção<sup>70</sup>.

Em outra coluna, “Ponta de Lança” (assinada por Dalton Crispim), dedicada a assuntos sobre o Vasco da Gama, uma nota com o título “No Ceará e no Vasco, não”, ridiculariza a Fla-Gay. Como já aparece expresso no título da coluna, o autor ridiculariza e rechaça a possibilidade de criação de uma torcida gay do Vasco. Mesmo reconhecendo que existem gays em todas as torcidas, o teor da nota reafirma que a homossexualidade no futebol não pode ser visibilizada, tem que se manter “enrustida”, reproduzindo o discurso hegemônico de que esse é um universo no qual uma única performance de masculinidade é considerada “normal”:

Nada tenho contra os adeptos e incentivadores desta facção. O problema é deles. Mas uma coisa eu tenho certeza: no Vasco isso não seria nem mesmo cogitado. Questão de princípio, certo? Os gays existem em todas as torcidas. Tudo bem. Só que enrustidos<sup>71</sup>.

O Flamengo foi derrotado no clássico de forma contundente pelo Fluminense por três a zero, placar que foi considerado surpreendente. A edição do dia seguinte do *Jornal dos Sports* estampou na capa a seguinte manchete sobre o jogo: “Márcio: Foi praga da Fla-Gay”. O tom adotado na capa é reforçado pelo título da matéria que apresenta relatos e opiniões de personagens do Flamengo acerca do jogo: “Márcio: Isto só pode ser praga da Fla-Gay”. Efetivamente, a única fala em relação à Fla-Gay foi feita justamente pelo presidente do clube, Márcio Braga, segundo o jornal, em tom de “gozação”. Por mais que as reportagens trouxessem análises e opiniões sobre a partida e destacassem a superioridade do adversário, o *Jornal dos Sports* optou por adotar um tom mais sensacionalista em sua manchete de capa, dando visibilidade ao fator referido por um único personagem do jogo: de que a derrota do Flamengo podia ser atribuída a Fla-Gay:

Embora fosse visível seu aborrecimento com a atuação do time e conseqüentemente com a derrota para o Fluminense, o presidente Márcio Braga preferiu encarar o problema na gozação, afirmando que o principal motivo da derrota do Flamengo foi a 'praga' rogada pela Fla-Gay, facção da torcida do Flamengo que o clube colocou-se radicalmente contra a sua criação. “Foi praga da Fla-Gay. Só pode ter sido. O

<sup>70</sup> Fla-Gay é problema social. *Jornal dos Sports*, edição nº13517, 14/10/1979, p. 5.

<sup>71</sup> Coluna “Ponta de Lança”. *Jornal dos Sports*, edição nº13517, 14/10/1979, p. 5.

Pintinho fez um gol de cabeça. Os outros foram do Cristóvão e Rubem Galaxe. Isso só pode ser praga da Fla-Gay. Ou será que existe outra explicação? <sup>72</sup>

Considerando que às vésperas do clássico foi dado amplo destaque dado à possível presença da Fla-Gay no Maracanã, é significativo que a cobertura do jogo feita pelo Jornal dos Sports se omita em relação a uma tentativa (ou não) de presença da torcida no Maracanã. O mesmo ocorre nas edições dos dias seguintes à partida.

Por outro lado, os comentários de leitores contrários à Fla-Gay e as manifestações homofóbicas – inclusive feitas por torcedores de times rivais –, tornaram-se mais constantes:

Foi simplesmente maravilhosa a vitória de 3 a 0 sobre o timinho do Fla, provando que o Fluminense é o melhor time do Rio. [...] Demos um show, de bola e de torcida, e a acrescentar, que a maioria dos homens que constituem a galera tricolor, é de elementos do sexo masculino mesmo, sem essas de florzinha na cabeça, paetês e lantejoulas nas bandeiras e coisas similares. [...] Porque somos um time decente e não servimos de gaiatice para os locutores, que têm razão quando metem o malho na Fla-Gay e aberrações cromossomiais desse tipo <sup>73</sup>.

Outra marca das notícias produzidas pelo Jornal dos Sports após o jogo que seria a estreia da Fla-Gay foi a da ironia, a partir da sugestão da criação de torcidas gays por outros clubes cariocas, rivais do Flamengo. Em tom de deboche e fazendo questionamentos abertos à sexualidade de algumas figuras públicas, no dia 19/10/1979, foi publicada a reportagem “Imperial está lançando a Fo-Gay. E espera adesões”. Nela, o comunicador Carlos Imperial foi convidado à redação do Jornal dos Sports para falar sobre uma “novidade” em resposta ao surgimento da Fla-Gay. Imperial, homem cisgênero e heterossexual, – além de personagem polêmico e de bastante projeção à época – divulgava o “lançamento” da Fo-Gay, que seria a torcida gay do Botafogo.

Na entrevista, em tom debochado, Imperial refere-se a “nova torcida” não como um grupo de torcedores que iriam ao estádio com o propósito de apoiar o clube, mas, sim, que seria uma torcida com o propósito de “embelezar os estádios”. Mais uma vez ao se referir à possibilidade de existência de uma torcida gay, a narrativa apresentada pelo Jornal dos Sports descontextualiza aspectos que envolvem a paixão pelo clube e práticas do torcer, privilegiando aspectos que apenas visam reforçar estereótipos do homossexual na sociedade, dentre eles, o distanciamento do contexto futebolístico:

- E a torcida gay pode ajudar um time?  
- Com seus aplausos, pode. E vai embelezar os estádios. O Maracanã, aliás, visto do alto, redondinho do jeito que é, é um símbolo da torcida gay. Vejam do alto e comprovem... <sup>74</sup>

<sup>72</sup> Márcio: Isto só pode ser praga da Fla-Gay. **Jornal dos Sports**, edição nº13518, 15/10/1979, p. 5.

<sup>73</sup> Coluna “Bate Bola”. **Jornal dos Sports**, edição nº153521, 18/10/1979, p. 2.

<sup>74</sup> Idem nota 69.

Em 28/10/1978, o Flamengo se sagrava tricampeão ao derrotar o Vasco da Gama pelo placar de três a dois. Após o tricampeonato, o assunto Fla-Gay parecia já ter sido considerado ultrapassado pelo *Jornal dos Sports*. Uma última menção à torcida no ano de 1979 foi feita por um leitor que enviou carta para a coluna *Bate-Bola*. Curiosamente, trata-se de uma opinião favorável à torcida, apesar do leitor enfatizar que não gosta “desse negócio de homem com homem”:

Muitos são os destaque do nosso tão mau [sic] organizado futebol [...]. Mas a maior decepção foi, sem dúvidas, a desunião das facções rubro-negras. Com a criação da Fla-Gay, houve quase uma evolução entre as torcidas organizadas. Ora, então, não é válido a criação de uma nova torcida e de um novo incentivo para reforçar ainda mais a camisa 12, que é a torcida? Eu, realmente, fico muito triste de ler no jornal a declaração do Márcio Braga ao declarar que não deixaria oficializar a mesma e que preferia que ela não fosse ao Maracanã. O motivo seria eles serem homossexuais ou emplumados? [...] Eu, no meu íntimo, não gosto desse negócio de homem com homem, mas cada um escolhe o seu caminho e ninguém tem o direito de se esquentar<sup>75</sup>.

Por intermédio da reportagem “Jogo Proibido”, publicada pela *Revista Veja*, de 24 de outubro de 1979, é possível inferir que a ida da Fla-Gay ao Maracanã acabou sendo abortada. No entanto, de acordo com a notícia, estava sendo articulada uma nova tentativa de ida da torcida ao estádio – da qual não há registro:

Principal obstáculo à estreia da 61ª torcida organizada do seu clube, o moralista [Márcio] Braga acha que “homossexual não é normal, é doente”, e com isso endossa a intolerância de chefes de torcida como José Vaz, da Dragões Rubro-Negros, que ameaça partir para a agressão física. A reação dos flamenguistas conservadores aumentou quando o escriturário Paulo Roberto Menezes, 26 anos e líder da Fla-Gay, começou a distribuir nas boates de homossexuais de Copacabana e da Lapa anunciando para o Fla-Flu do domingo retrasado a primeira aparição ostensiva do seu grupo. “Nós não vamos desistir”, garantia Menezes, “só porque outros chefes de torcida temem que o nosso incentivo ao time seja mais alegre do que o deles”. E prometia tentar de novo neste domingo, dia 21, no jogo contra o Vasco<sup>76</sup>.

A reportagem adota um tom distinto ao usado pelo *Jornal dos Sports*, fazendo críticas negativas à postura “moralista” do presidente flamenguista e ao conservadorismo de integrantes de torcidas organizadas do Flamengo. Em outro trecho da mesma reportagem, é feita uma contextualização do problema do preconceito ao homossexual no futebol brasileiro, citando outros episódios de intolerância e interdições de torcidas com integrantes LGBT no acesso aos estádios de futebol:

A repressão aos homossexuais em campos de futebol não é um privilégio carioca. No começo do ano, um grupo liderado pelo (sic) travesti Vitória tentou organizar a

<sup>75</sup> Coluna “Bate Bola”. *Jornal dos Sports*, edição nº15336, 02/11/1979, p.2.

<sup>76</sup> Jogo proibido. *Revista Veja*, nº 581, 24/10/1979, p. 88.

torcida Lionsgay, para incentivar o Sport de Recife, cujo símbolo é um viril e feroz leão, e foi ameaçado pelo pessoal da Bafo do Leão – e até hoje não estreou. Mais discretos, torcedores homossexuais do Cruzeiro de Belo Horizonte chegaram a ensaiar uma participação organizada nas arquibancadas do Mineirão, mas desistiram: seu ídolo, o goleiro Raul, foi vendido para o Flamengo justamente quando começavam a despontar na torcida as bandeiras azuis – cor do Cruzeiro – com uma fita amarela – cor da camisa de Raul – pendurada no mastro<sup>77</sup>.

Outra perspectiva interessante sobre a interdição do acesso da Fla-Gay aos estádios foi trazida pelo jornal *Lampião da Esquina*<sup>78</sup>, importante veículo da imprensa alternativa e fortemente vinculado com o movimento homossexual brasileiro. Fundado no Rio de Janeiro em 1978 “por um grupo de intelectuais, jornalistas e artistas envolvidos no gesto de saída do gueto homossexual carioca e paulistano a fim confrontar os padrões culturais vigentes de estigmatização das sexualidades minoritárias” (SOUZA, 2013, p. 67), o *Lampião* repercutiu o fato contrapondo-se às narrativas feitas pelo *Jornal dos Sports*.

Em sua edição de novembro de 1979, o jornal dedicou dois artigos à polêmica em torno da Fla-Gay. Sob o título de “Os gueis<sup>79</sup> do Flamengo e a bixórdia do Sr. Braga” cada um dos artigos, escritos como se fossem cartas endereçadas ao presidente do Flamengo, fazia críticas não só à postura homofóbica de Braga, mas também ao machismo no futebol e à cobertura sensacionalista feita pela imprensa esportiva, na qual pode ser incluída a feita pelo *Jornal dos Sports*.

Em “Os gueis do Flamengo e a bixórdia do Sr. Braga - 1) Uma carta aberta...”, o autor, Antônio Chrysóstomo, um dos jornalistas fundadores do *Lampião da Esquina*, apresenta-se como integrante de um grupo de rubro-negros notáveis que deu sustentação à campanha de Márcio Braga para assumir a presidência do Flamengo. Inicia fazendo elogios a Braga, que “tinha tudo para dar certo, inclusive um lastro democrático representado pelo fato de ter sido o sobrinho predileto de Juscelino Kubistchek”. Em seguida, o autor mostra a sua decepção com a postura de Braga ao se opor à presença da Fla-Gay no Maracanã:

<sup>77</sup> Idem nota 72.

<sup>78</sup> O *Lampião da Esquina* foi um importante jornal da imprensa alternativa brasileira “editado no Rio de Janeiro, por jornalistas intelectuais e artistas homossexuais que pretendiam originalmente lidar com a homossexualidade, procurando forjar alianças com as demais “minorias”, ou seja, os negros, as feministas, os índios e os movimentos ecológicos. [...] O jornal certamente foi de grande importância, na medida em que abordava sistematicamente, de forma positiva e não pejorativa, a questão homossexual nos seus aspectos políticos, existenciais e culturais” (FRY; MCRAE, 1985, p. 21). Circulou de maio de 1978 a junho de 1981, totalizando 37 edições mensais, que no seu apogeu chegou a ter 20 mil edições mensais distribuídas por todo o país (SOUZA, 2013, p. 67). O acervo digitalizado do *Lampião da Esquina* está disponível online em <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>.

<sup>79</sup> Segundo Facchini (2002, p. 80), “na primeira onda do movimento [homossexual brasileiro], o *Somos* e o *Lampião* questionavam o uso da palavra ‘gay’, preferindo utilizar ‘bicha’ ou ‘guei’, o faziam com a justificativa de que ‘gay’ era um termo ligado ao movimento norte-americano”.

Para nós, flamenguistas, tudo corria bem: Flamengo bicampeão era prazer que há muitos anos a gente não experimentava. Mas eis que numa das manhãs desse mês de outubro me liga a colega jornalista Maria Helena Malta, da “Isto é” e “Jornal da República”, com a notícia de que o sr. teria proibido a entrada no Maracanã de uma recém-formada Fla-Gay, uma curtição da moçada guei rubro-negra que, à semelhança da Coli-Gay do Grêmio, de Porto Alegre, pretendia colorir e movimentar um pouco mais a torcida do nosso Mengo. No princípio não acreditei. [...] Segui o noticiário da imprensa e – por incrível que pareça – era verdade sim. O sr. estava mesmo contra a inocente ou folclórica ou desfrutável - dependendo do ângulo que se olhe - tentativa da rapaziada de entrar organizadamente no Maracanã adentro, sem, para isso, ter de esconder as suas preferências sexuais.

Em dado momento da carta, fazendo referência à frase estampada pelo Jornal dos Sports para justificar a derrota diante do rival Fluminense “Foi praga da Fla-Gay”, o autor responde este e outros comentários homofóbicos feitos por Braga, como, por exemplo, o de que “ao Flamengo estamos acostumados a fazer homens”. Contrapondo-se ao presidente do time rubro-negro, Chrysóstomo reafirma mais uma vez ser flamenguista e declara que foi atleta do clube. Dessa forma, além de apresentar uma prova de que era possível ser assumidamente homossexual e também torcedor do rubro-negro, o autor visa também desconstruir a ideia de que a homossexualidade seria uma doença ou sinal de degeneração da saúde, ao enfatizar que fala da posição de um desportista:

No dia seguinte, ao ler o “Jornal dos Sports” dei de cara com uma declaração engraçadíssima do sr.: “Foi praga da Fia-Gay. Só pode ter sido. Ou será que existe outra explicação?”. Ocorre doutor Márcio Braga, que uma eventual praga, seja de hétero ou de homossexual, não tem também tanta força assim - e isso o senhor sabe, pois estava brincando – segundo o jornal – ao confeccionar tal frase de efeito (de péssimo efeito, por sinal será que até o charme e a inteligência o sr. está perdendo? Já pensou que essa frase é boba, sem nenhum outro significado além de fornecer manchete, aos jornais?). Soube também que o sr. afirmou, num grupo de amigos, que mens *sana in corpore in sano* – aquele chavão lema de alguns desportistas – é incompatível com o homossexualismo, pois “homossexual não tem nem mente nem corpo são” (outra bobagem, doutor Márcio, outra bobagem! O sr. sabe - e eu sei que o senhor sabe - que na prática o corpo e a cuca dos homossexuais são iguais ao de qualquer outra pessoa). Depois, na “Última Hora”, li outra afirmativa sua: a Fla-Gay seria “uma ofensa aos bons costumes da sociedade” e que “ao Flamengo estamos acostumados a fazer homens”. Pois foi um homem, doutor Márcio, dotado de pernas, tronco membros (Todos bastante rijos e treinados, membros de atleta) que deu, em 1955, pelo menos uma vitória, no campeonato carioca de natação, ao Clube de Regatas do Flamengo: esse homem sou eu, e o fato de ter sido nadador do Flamengo e membro-fundador do Dragão Negro não me incompatibilizou para o trabalho no Jornal LAMPIÃO. Com essa o sr. não contava, não é? no Dragão Negro, grupo-choque que o ajudou a eleger-se, havia também homossexuais!<sup>80</sup>

Chrysóstomo, usando de termos nos quais manifesta o entendimento do que representa a paixão e a torcida pelo time do coração, conclui a carta de forma amistosa, dando um conselho de “colega de clube” a Márcio Braga: que permita o acesso da Fla-Gay ao Maracanã

<sup>80</sup> Os gueis do Flamengo e a bixórdia do Sr. Braga - 1) Uma carta aberta.... **Lampião da Esquina**, nº18, novembro de 1979, p. 9.

para que esta também possa incentivar o Flamengo nas “vitórias ou derrotas”, já que todos partilhavam de um mesmo sentimento, “o amor pelo seu clube”:

Lhe dou, baseado em alguma vivência e bom senso, um conselho de colega (de clube doutor Márcio, de clube!) - deixe passar essa onda em torno do assunto, não dê mais declarações à imprensa e, quando todo mundo estiver calmo, autorize a Fla-Gay a ir pra arquibancada, incentivar o nosso Flamengo nas vitórias ou derrotas. Assim o sr. estará mostrando que, pelo menos, alguma coisa aprendeu com seu tio JK: a difícil arte da política - e política exercida na plenitude, democraticamente. Não me queira mal, que eu também não quero mal ao senhor: no fundo eu gostaria mesmo é que tivesse tido o juízo de evitar ao nosso Flamengo, o vexame dessa proibição impensada. Nós estamos todos no mesmo barco sr. presidente; somos todos flamenguistas, eu, o sr., o pessoal de Fla-gay. E alguém já disse que o bem maior que um flamenguista leva para a morte, para a – possível – eternidade é o amor pelo seu clube. Saudações Rubro-negras. Antônio Chrysóstomo<sup>81</sup>.

Já em “Os gueis do Flamengo e a bixórdia<sup>82</sup> do Sr. Braga - 2) ... E alguns conselhos”, assinado por A.P. (em referência ao jornalista Alceste Pinheiro), as críticas à Márcio Braga e ao universo machista e homofóbico do futebol são elevadas. A própria Fla-Gay tem a sua credibilidade questionada, uma vez que nela estavam envolvidas figuras consideradas “oportunistas”, com pouca ou nenhuma ligação com o Flamengo e sua torcida: no caso, o jornalista Pedro Paradela e o carnavalesco (e “vira-casaca”<sup>83</sup>) Clóvis Bornay, que, segundo Pinheiro, pareciam mais estar interessados em sair de uma condição de ostracismo. O autor da carta também analisa o papel dos jornais esportivos “sempre abertos a essas baboseiras” e que teriam dado espaço a uma ação de oportunistas, sugerindo que não se tratava de uma ação organizada realmente por torcedores flamenguistas:

Uma oportunidade perdida. Lamentavelmente. Suas imprecações [de Márcio Braga], dirigidas contra um grupo de aproveitadores, a bem da verdade, não deveria [sic] ter sido dirigidas aos homossexuais. Nenhum homossexual tem culpa de o senhor [Pedro] Paradela resolver criar uma torcida só de gays, a Fla-gay. Tudo começou há cerca de um mês. Paradela, conhecido jornalista - menos pelas suas matérias, todas de muito mau gosto, do que por alguns atos que lhe valeram um eterno desemprego, resolveu sair do anonimato e montar a Fla gay. Foi para os jornais, sempre abertos a essas baboseiras, e começou a conclamar os homossexuais a formar uma torcida exclusiva. Falou de [Clóvis] Bomay, que seria o figurinista. O famoso manequim carnavalesco aceitou na hora, posto que o Municipal acabou e o anonimato também lhe bateu à porta. Nisso tudo só o salvou o fato de ser gay, porque torcedor mesmo ele é do Botafogo<sup>84</sup>.

<sup>81</sup> Idem nota 75.

<sup>82</sup> O termo “bixórdia”, que servia de título de uma das colunas regulares do Lampião, aparece pela primeira vez na edição nº5 do jornal, de outubro de 1978, acompanhada da seguinte explicação: “O QUE VEM A SER BIXÓRDIA? Está no dicionário de Mestra Mambaba: BIXÓRDIA, s.f; em machês, palavra originária de bicha, s. i. (substantivo indefinido), somada a mixórdia, s.f mistura, bagunça. Representação do que é livre, autopermitido. Tudo é sério, nada é triste. Paradoxo vivo (finíssimo, adorei) em que se misturam viados, bichas, perobos, tias, sobrinhas, primas, entendidos, gueis, transadores, mariconas, paneleiros, frescos, frutas e xibungos.

<sup>83</sup> De acordo com o dicionário Aulete digital, “vira-casaca” significa: “Pessoa que troca de convicção, time, partido político ou qualquer outro traço de identificação a um grupo por mera conveniência pessoal”. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/vira-casaca>. Acesso em 23/10/2017.

<sup>84</sup> Os gueis do Flamengo e a bixórdia do Sr. Braga - 1) ... E alguns conselhos. **Lampião da Esquina**, nº18, novembro de 1979, p. 9.

As críticas mais contundentes, no entanto, são dirigidas ao destinatário da carta, Márcio Braga, por conta de suas declarações homofóbicas. Segundo o autor, Braga ignora (ou prefere ignorar) o fato de que “em seu próprio clube, circulam muitos veados” e que o seu posicionamento prejudicava também torcedores gays não oportunistas, que se organizavam dentro de uma das torcidas organizadas reconhecidas pelo time, a Flamor, para a formação de uma ala gay na qual poderiam “mostrar a sua própria identidade de torcedor”:

A nova torcida seria inaugurada no Fla-Flu, mas não foi. Márcio Braga chamou a polícia, como se ser homossexual fosse crime, e conclamou a torcida tradicional a agredir as bichas. Para o senhor Márcio, o Flamengo é uma fábrica de saudáveis senhores. Esqueceu-se de si mesmo. [...] O que o senhor Braga precisa ouvir é que, em seu próprio clube, circulam muitos veados. E será que em sua família não tem nenhum? Que nas concentrações - ah se as paredes falassem! - já pintaram muitas sacanagens entre jogadores e dirigentes. E que perdeu uma excelente oportunidade de mudar um pouco a imagem da torcida tradicional. Afinal o futebol, em que pese paixão do povo, é uma festa, e se fosse tratado com a seriedade com que elq quer, já teria acabado há muito tempo no Brasil. Deveria ouvir também pessoas como João Saldanha, Sérgio Noronha e Achilles Chirol, que tomaram uma posição não de defender o homossexual, mas de velar pela liberdade de cada pessoa torcer como quiser. Deveria olhar para a direita e observar que Verinha, da Flamor, tem ao seu lado muitos homossexuais, os quais defende. Aliás triste mesmo ficaram os gays da Flamor, que se preparavam para formar, dentro da torcida, a sua própria ala, e mostrar sua própria identidade de torcedor. Deveria olhar os banheiros da torcida, para constatar se o Flamengo é mesmo uma “fábrica de machões”.

Pinheiro lamenta a homofobia do dirigente rubro-negro, que impediu uma torcida gay de frequentar um estádio de futebol, e a compara com um cenário que, em sua visão, seria de maior tolerância e respeito em relação ao público LGBT por parte de dirigentes e das torcidas dos demais clubes cariocas, como, por exemplo, a torcida do Vasco da Gama que, segundo ele, é “composta de muitos gays e alguns (sic) travestis, onde reina uma absoluta tranquilidade e se defende o direito de torcer como se quiser, sejam putas ou veados”:

Deveria olhar para o outro lado de sua torcida e observar como se comporta a torcida do Vasco, composta de muitos gays e alguns travestis, onde reina uma absoluta tranquilidade e se defende o direito de torcer como se quiser, sejam putas ou veados. Deveria ver que no Vasco, a classe média, onde ele se deita, aprendeu a respeitar o torcedor que, por opção ou não – ninguém tem nada com isso – tem outra forma de sentir prazer porque “qualquer maneira de amor vale a pena”, já diziam Caetano Veloso e Milton Nascimento. Deveria olhar a diferença entre si mesmo e os dirigentes do Botafogo, ou o ex-presidente do Fluminense, Francisco Horta, que disse:

– Eu sou a favor. Sou contra a qualquer discriminação. Delirei com o Dzi Croquetes. Se vou a uma exposição desconheço se o pintor é homossexual. Isso não me interessa. Acho que todos têm o direito de torcer como quiser e, tenho certeza, isso contribuiria muito para a beleza do espetáculo. Pena que o Márcio Braga não tenha percebido isso.

E Horta, uma triste ausência no esporte nacional, é um juiz de Direito, senhor Braga. No Botafogo, de jogadores a dirigentes a aprovação à torcida Gay foi total ao chamado de outro aproveitador, o senhor [Carlos] Imperial. Dé acha que pode se torcer como quiser. Pode-se ir de vestido, de baton, de brinco. Renato Sá, que veio de Porto Alegre, lembra a Coligay, famosa torcida do Grêmio, composta de

homossexuais. No início foi difícil aceitar os novos torcedores, mas agora todos respeitam e hoje Renato Sá acha que é a melhor facção da torcida. Ziza, por seu lado esqueceu a tradicional família mineira, e, mesmo pai de filho, acho ótimo. Aprenda seu Braga<sup>85</sup>.

Pelos dois artigos, vê-se que há uma preocupação de se enfatizar que os gays já fazem parte do contexto do futebol (seja na condição de atleta, torcedor e, mesmo, de dirigente), porém há um esforço por parte do campo futebolístico em invisibilizá-los ou mantê-los na condição de “enrustidos”. Esse tom de crítica é próprio da imprensa alternativa brasileira da época e, mais especificamente, da linha editorial do *Lampião*, que propõe um rompimento com a narrativa da permanência do homossexual “dentro dos armários” e a subversão da ideia de que os *gueis* deveriam viver em guetos. “O ‘sair do gueto’ compreende, nesse sentido, um esforço sistemático, ao nível das práticas e dos discursos mesmo, de desvincular-se ou de combater o estigma inscrito nos corpos e trejeitos dos diversos tipos de ‘pederastas’” (SOUZA, 2013, p. 75).

Houve, naquele momento, o reconhecimento da importância do surgimento das torcidas gays, pois, usando os termos de Souza (2013), estas representavam “exemplos de performances simbólicas”, que ampliavam o debate sobre os direitos da população homossexual na sociedade brasileira, desafiando as normas que fizeram do futebol brasileiro um reduto do homem heterossexual:

Desse modo, escrever e publicar romances homoeróticos, assumir o candomblé como festividade comunitária, montar e dirigir peças de teatro sobre a situação da exploração feminina e outros exemplos de performances simbólicas contam como eventos confrontacionais, na medida em que adquirem aspecto de desafio à ordem cultural e política (SOUZA, 2013, p. 110).

Mesmo não tendo conseguido demarcar seu espaço nas arquibancadas dos estádios – como fez a Coligay – a Fla-Gay, apesar da sua curta existência, conseguiu fazer história ao suscitar debates e questionamentos ao machismo e à homofobia que são características das performances hegemônicas de se fazer parte do campo futebolístico, cumprindo, assim, uma profecia presente em um texto do *Jornal dos Sports* acerca da torcida: “E, o que é pior, liberando ou não esta facção, já ficou o estigma, a marca: Torcida Fla-Gay...”<sup>86</sup>. Prova disso, além das provocações de adversários, foram as tentativas de se “recriar” a Fla-Gay. Uma

<sup>85</sup> Idem nota 78.

<sup>86</sup> A frase foi extraída do artigo “No Ceará e no Vasco, não” para a coluna “Ponta de Lança”, assinada por Dalton Crispim. In: *Jornal dos Sports*, de 14/10/1979, edição nº 15317, p. 5.

delas, em meados da década de 1990, teria chegado a reunir 100 torcedores, que marcavam presença nas arquibancadas<sup>87</sup>.

Além disso, a Fla-Gay e, principalmente, a Coligay, ao se proporem a enfrentar tais violências e preconceitos por meio da reivindicação do direito de torcer e pela apropriação da identidade torcedores, construíram possibilidades alternativas de se fazer ativismo LGBT, alcançando os estádios e os espaços em que se discute e vivencia o jogo, assim, marcando também seus nomes na história do futebol brasileiro e constituindo-se em atores importantes da “República do Futebol”:

O contraste entre a utopia autoritária militar e o movimento democrático República do Futebol não poderia ser maior. No contexto de militarização, o principal objetivo dos donos do poder foi uma expansão da prática do esporte, mas ao mesmo tempo controlando os sentidos do jogo. [...] No contexto da democratização, as novas pessoas que se juntaram ao jogo ofereceram múltiplos significados, expandindo as possibilidades de quem poderia ser atleta [e por extensão, quem poderia ser torcedor], [...] abrindo possibilidade do esporte contribuir para uma dinâmica civil, autônoma e para uma sociedade plural. O período de 1974 a 1978 pode não ter sido o mais bem-sucedido em termos de conquistas e métodos esportivos, nem foram os anos mais favoráveis em termos econômicos. Mesmo assim, visto pela perspectiva da liberdade, é o mais fascinante e inventivo dos períodos, constituindo anos revolucionários para o futebol brasileiro (FLORENZANO, 2014, p.166, tradução minha)<sup>88</sup>.

Além de integrantes de um período revolucionário do futebol brasileiro, Fla-Gay e Coligay podem ser consideradas antecessoras de movimentos contemporâneos que também fazem ativismo ao se posicionarem como torcedorxs que manifestam a paixão pelo time de coração, buscando romper com normatividades opressoras e excludentes, especificamente em relação às identidades de gênero e orientações sexuais. No próximo capítulo, serão analisadas as trajetórias e as práticas discursivas de alguns desses coletivos e movimentos contemporâneos que se posicionam contra o machismo e a homofobia no futebol.

---

<sup>87</sup> A reportagem “Torcidas gays resistem à homofobia nos estádios de futebol”, feita pelo “Brasil de Fato” trata das tentativas de reorganização da Fla-Gay em meados da década de 1990 e no ano de 2003. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/04/14/torcidas-gays-resistem-a-homofobia-nos-estadios-de-futebol/>, Acesso em 02/10/2017.

<sup>88</sup> O texto original da citação diz: “The contrast between the military’s authoritarian utopia and the democracy movement’s Republic of Football could not be greater. In the context of militarisation, the main objective of the holders of power constituted an expansion of sports practice, but at the same time controlling the meaning of game. [...] In the context of the democratisation, the new people joining the game offered multiple meanings, expanding the possibilities of who could be an athlete, [...] opening possibilities of sports contributing to a dynamic civil, autonomous and plural society. The years 1978 to 1984 may not have been the most successful in terms of narrowly defined sporting achievement and methods, nor were these years the most favoured in terms of economics. Nevertheless, seen through the perspective of freedom, this is the most fascinating and inventive of periods, constituting revolutionary years for Brazilian football” (FLORENZANO, 2014, p. 166).

#### 4. OS NOVOS “SUJEITOS-TORCEDORXS”: GALO QUEER, BAMBI TRICOLOR, PALMEIRAS LIVRE E MOVIMENTO TODA PODEROSA CORINTHIANA

Trinta anos depois do fim da Coligay, em abril de 2013, inicia-se uma nova movimentação envolvendo torcedoras e torcedores de diferentes times de futebol, novamente questionando e propondo a desestabilização da norma de que o futebol é um jogo “pra machos”. Essa movimentação se dá por meio de páginas<sup>89</sup>, no site de rede social Facebook<sup>90</sup> que se apresentavam como torcidas *livres e queer*. Além de espaços de exaltação do time “de coração”, essas páginas, criadas por iniciativa de pessoas e de grupos, também se constituíram em canais de produção e divulgação de conteúdos com o propósito de desnaturalizar as ofensas e violências misógina e homofóbica que são constantemente reiteradas no campo futebolístico e questionar o lugar de abjeção ao qual são usualmente relegadas as mulheres e as pessoas LGBT, desconstruindo a ideia de que futebol é um reduto exclusivo do homem cisgênero e heterossexual.

Este capítulo tratará do surgimento e do ativismo praticado por esses movimentos de torcedorxs contemporâneos, com o propósito de compreender a trajetória e a atuação desses movimentos, por meio de análises tanto das práticas discursivas e das interações desses grupos expressas no ciberespaço, como também dos relatos de pessoas que integram esses coletivos e movimentos, obtidos através de entrevistas de história oral.

A análise das páginas e das ações realizadas por esses grupos no Facebook parte do entendimento de que as redes sociais virtuais atualmente constituem-se em mais um espaço de

---

<sup>89</sup> Recorro à explicação de Carvalho (2005) sobre a dinâmica da constituição de redes sociais no site Facebook, que também traz as terminologias que são usadas de forma corrente nessa rede e que também estarão presentes neste trabalho: “O Facebook é uma rede social na qual qualquer pessoa pode criar um “perfil”. Neste perfil, recebem postagens em um mural denominado “linha do tempo”, ou “timeline” como é mais utilizado no Brasil. O conteúdo dessas postagens é variado, incluindo fotos, mensagens escritas pelo dono/a do perfil, compartilhamento de mensagens de outros perfis, links de outros sites e portais de notícias, vídeos, etc. Uma “página”, ou “fanpage”, no Facebook é como um “perfil” destinado a figuras públicas, organizações da sociedade civil, organismos governamentais, partidos, empresas, etc. Nestas “páginas”, apenas os/as moderadores/as podem postar conteúdos, e os perfis que “curtiram” a página podem “comentar” tais postagens. Assim, “postar” é publicar, emitir uma mensagem pública que pode ser multimodal; todas estas postagens podem ser “comentadas” por qualquer perfil da sua lista de contatos; “compartilhar” é replicar uma postagem para sua lista de contatos; “curtir” é demonstrar concordância ou simpatia com uma determinada postagem” (CARVALHO, 2005, p. 203-204)

<sup>90</sup> O Facebook (originalmente, thefacebook) é um site de rede social criado por Mark Zuckerberg em 2004, enquanto este era aluno da Universidade de Harvard. “O foco inicial do Facebook era criar uma rede de contatos em um momento crucial da vida de um jovem universitário: o momento em que este sai da escola e vai para a universidade, o que, nos Estados Unidos, quase sempre representa uma mudança de cidade e um espectro novo de relações sociais. O sistema, no entanto, era focado em escolas e colégios e, para entrar nele, era preciso ser membro de alguma das instituições reconhecidas. Começou apenas disponível para os alunos de Harvard (2004), posteriormente sendo aberto para escolas secundárias (2005)” (RECUERO, 2009, p. 171). Atualmente, o Facebook é o maior site de rede social do planeta, tendo quase 2 bilhões de usuários ativos em todo mundo.

sociabilidade no qual é possível acompanhar e debater sobre o futebol, expressar a torcida por um time e provocar os times rivais:

Redes sociais de relacionamento, como o Facebook, aparecem como extensão dos pontos de discussão do futebol, sejam eles amadores (portarias, clubes, praças etc) ou profissionais (programas de TV, debates esportivos etc). A jocosidade, uma das características mais peculiares e, sobretudo, saudáveis da linguagem e do discursos, acompanhou o deslocamento das disputas entre torcidas rivais, desde as arquibancadas, e encontrou acolhimento e sucesso na rede mundial de computadores (DUTRA; SILVA, 2012, p. 2).

Ao refletir sobre o potencial de abordagens e estudos das redes sociais digitais e de suas apropriações por diferentes atores sociais, Recuero (2009) traça as bases de uma proposta metodológica, em que a busca de “rastros” na rede (como as postagens, dados sobre visualizações e compartilhamentos, além de comentários) permitiria apreender certos padrões nas estratégias discursivas desses grupos, assim como na maneira que outros atores interagem com as suas postagens:

O advento da Internet trouxe diversas mudanças para a sociedade. Entre essas mudanças, temos algumas fundamentais. A mais significativa, para este trabalho, é a possibilidade de expressão e sociabilização através das ferramentas de comunicação mediada pelo computador (CMC). Essas ferramentas proporcionaram, assim, que atores pudessem construir-se, interagir e comunicar com outros atores, deixando, na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais através desses rastros. É o surgimento dessa possibilidade de estudo das interações e conversações através dos rastros deixados na Internet que dá novo fôlego à perspectiva de estudo de redes sociais, a partir do início da década de 90. É, neste âmbito, que a rede como metáfora estrutural para a compreensão dos grupos expressos na Internet é utilizada através da perspectiva de rede social (RECUERO, 2009, p. 24).

Para aprofundar o entendimento sobre o surgimento e atuação desses grupos no Facebook foram também realizadas entrevistas de história oral com integrantes desses movimentos contrários ao machismo e à homofobia no futebol. A história oral é usada nesta pesquisa não apenas como uma técnica para a obtenção de dados e informações específicas sobre esses grupos, mas também por ser uma metodologia de pesquisa que prioriza “o registro de histórias de grupos menos contemplados pela história oficial” (BOM MEIHY, 2005, p. 38).

Em parceria com o Museu do Futebol e o Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB), entre novembro de 2016 e fevereiro de 2017, foram realizadas entrevistas com integrantes dos coletivos Palmeiras Livre, MTPC e Galo Queer<sup>91</sup>. Dessa forma foi

---

<sup>91</sup> Originalmente o plano de pesquisa previa também a entrevista com integrantes da Bambi Tricolor. Porém, ao longo de 2016, não obtive retorno de e-mails nem de mensagens por parte de pessoas que respondessem pela comunidade. Como será discutido mais adiante, este período marca também uma retração da atuação da página da Bambi Tricolor na rede social em comparação, por exemplo, à Palmeiras Livre. No presente trabalho, serão

formalizado o projeto “Pelo Direito de Torcer”, “motivado pelo anseio de mapear grupos e movimentos de torcedorxs contrários à norma de que o futebol é jogo ‘pra macho’, assim como de conhecer as suas vivências, discursos e embates com o campo futebolístico”<sup>92</sup> (PINTO; BONFIM, 2017, p. 10).

Foram realizadas entrevistas temáticas, modalidade da história oral “que está mais vinculada ao testemunho e à abordagem sobre um assunto específico” (MEIHY, 1994, p. 57), constituindo-se em um “recorte da experiência como um todo e quase sempre – ainda que não obrigatoriamente – concorre com a existência de pressupostos já documentados e parte para ‘uma outra versão’” (MEIHY, 1994, p. 57). Tal opção foi importante para conhecer as histórias de como essas pessoas construíram vínculos com o futebol e de que forma passaram a se reconhecer e se identificar como torcedores de um clube. Além disso, contribuiu para aprofundar o entendimento sobre as motivações que levaram essas pessoas a criarem e/ou a fazerem parte dessas comunidades virtuais e se posicionarem de forma mais ativa contra a homofobia e o machismo no futebol, os seus pontos de vista sobre o ativismo que realizam e as reações que as páginas causaram no campo futebolístico.

Inicialmente serão analisadas as comunidades que surgiram em 2013 apresentando-se como torcidas livres e queer. A pioneira foi a Galo Queer, que inspirou a criação das outras comunidades de torcedorxs aqui estudadas, a Bambi Tricolor e a Palmeiras Livre, quase como um resultado de uma ação viral espontânea<sup>93</sup>. Com forte conteúdo político, proveniente de ativismos exteriores ao futebol, esses grupos (muitas vezes confundidos ou estigmatizados como “torcidas gays da internet”) reivindicam ser reconhecidos como *sujeitos* pelo campo futebolístico, mas não pela via de tentativa de enquadramento à norma da masculinidade hegemônica:

Os sujeitos são construídos mediante normas que, quando repetidas, produzem e deslocam os termos por meio dos quais os sujeitos são reconhecidos. Essas condições normativas para a produção do sujeito produzem uma ontologia historicamente contingente, de modo que nossa própria capacidade de discernir e nomear o “ser” do sujeito depende de normas que facilitem esse reconhecimento.

---

usados relatos de Aline, então interlocutora da Bambi Tricolor, obtidos por meio de entrevistas feitas por e-mail e extraídas em reportagens e entrevistas concedidas a sites e blogs.

<sup>92</sup> Foram realizadas as seguintes entrevistas: Thaís Nozue e Erick Miyasato (Palmeiras Livre), em 18/11/2016; Analu Tomé, Petúnia Ribeiro e Denise Bonfim (Movimento Toda Poderosa Corinthiana), em 26/11/2016; Nathália Duarte (Galo Queer), em 15/02/2017. As transcrições das entrevistas na íntegra estão disponíveis no banco de dados online do CRFB em: <http://dados.museudofutebol.org.br>.

<sup>93</sup> Entre as torcidas livres e *queer* surgidas nesse contexto com páginas ainda ativas no Facebook, é possível também destacar as seguintes comunidades: Cruzeiro Livre (<https://www.facebook.com/CruzeiroLivre/>), criada em 17/04/2013; EC Bahia Livre (<https://www.facebook.com/EC-BAHIA-LIVRE-494001227314767/>), criada em 13/04/2013; Furacão sem Homofobia (<https://www.facebook.com/caplivre/>), criada em 15/04/2013; Coxa sem Homofobia (<https://www.facebook.com/COXA-Sem-Homofobia-428585357237479/>), criada em 26/04/2013; Grêmio Queer (<https://www.facebook.com/coligay/>), criada em 12/04/2013; Queerlorado – (<https://www.facebook.com/pages/QUEERlorado/164289153730713>) criada em 10/04/2013.

[...] Assim, há ‘sujeitos’ que não são exatamente reconhecíveis como sujeitos e há ‘vidas’ que dificilmente - ou, melhor dizendo, nunca - são reconhecidas como vidas (BUTLER, 2016, p. 17).

É possível afirmar que esses movimentos buscam para si o reconhecimento como “*sujeitos-torcedorxs*”, na medida em que usam e combinam a paixão e a torcida pelo time de coração com o ativismo político. A partir das práticas discursivas que elaboram em suas respectivas páginas no Facebook, questionam e visam desestabilizar a norma que regula os comportamentos e subjetividades dentro do campo futebolístico no Brasil, denunciando, por exemplo, as violências homofóbica e misógina no futebol e na sociedade.

O questionamento e a recusa de não se enquadrar a tal norma faz com que esses coletivos e movimentos de torcedorxs encontrem grande resistência e rejeição, muitas vezes expressas na forma de comentários públicos nas páginas que esses grupos mantêm no Facebook e também em tentativas de ameaça e de intimidação. Tais ações representam violências simbólicas que fazem com que esses movimentos não se sintam seguros para se organizarem e realizarem a ocupação de espaços nas arquibancadas dos estádios ou, então, promover reuniões e encontros em espaços públicos, levando símbolos e imagens que os identifiquem.

Em seguida será analisado o Movimento Toda Poderosa Corinthiana (MTPC), criado em março de 2016 e formado exclusivamente por mulheres torcedoras do Corinthians. No decorrer da pesquisa, mais especificamente no ano de 2016, foi possível observar, também pelo Facebook, o aparecimento de grupos de torcedoras feministas<sup>94</sup>, questionando o machismo e reivindicando maior visibilidade às mulheres no futebol.

O MTPC promove também ações e articulações que extrapolam a esfera virtual, tendo como principais porta-vozes mulheres com vivência dentro do campo futebolístico, seja nas torcidas organizadas ou mesmo como sócias e participando das atividades do clube Corinthians. São mulheres que construíram a sua politização dentro do futebol, processo esse que passa também pelas experiências de assédios, estigmatizações e interdições que são impostas às mulheres dentro desse universo.

---

<sup>94</sup> É possível também mencionar os coletivos INTERfeminista (<https://www.facebook.com/coletivoINTERfeminista/>), formado por torcedoras do Sport Club Internacional (RS) e o Movimento Coralinas (<https://www.facebook.com/movcoralinas/>), coletivo formado por mulheres torcedoras do Santa Cruz Futebol Clube de Pernambuco.

#### 4.1 AS TORCIDAS LIVRES E QUEER: A INTERNET COMO UM ESPAÇO DE TORCER E DE ATIVISMO

A gente tenta fazer esse trabalho, por que ele precisa ser feito. É muito difícil para quem é gay, lésbica, bissexual, ir a um estádio de futebol. Você sente um ambiente muito opressor. Eu sou gay, por acaso... (risos gerais) Mas é muito difícil gostar de futebol sendo gay. As pessoas perguntam: “Por que gays não gostam de futebol?” Simples. Você jogando futebol na sexta série, se errar um passe, a primeira coisa que vão te falar é “bicha”, que você é menina... Acho que essa acaba sendo a nossa maior luta. [...] Existe um único jogador brasileiro em atividade assumidamente gay. Mesmo havendo histórias, relatos de jogadores gays em vários times, nenhum é assumido, porque é muito difícil ser gay nesse ambiente. Não existe jornalista gay, nem árbitro gay, tampouco dirigente... [...] Então, essa é a nossa luta mais dura, a gente conseguir essa visibilidade, conseguir dialogar com esse torcedor, que é extremamente machista, extremamente homofóbico e fazer com que essa cultura mude aos poucos para fazer com que, daqui a alguns anos, eu possa ir ver um jogo do Palmeiras de mãos dadas com o meu namorado, sem ter medo de ser agredido...” (Willian, Palmeiras Livre, em 07/06/2016)<sup>95</sup>.

Está muito equivocado quem, indivíduo ou organização, acredita deter o monopólio da paixão e do modo certo de torcer por um clube. Nós temos muita vontade de ver e exibir cartazes, faixas, bandeiras com mensagens afirmativas à causa LGBT nas arquibancadas, e não necessariamente como uma torcida organizada. Como torcida, simplesmente. Todo o fundamento de manter uma campanha anti-homofobia, afinal, é essa: conquistar mais liberdade, mais espaço pra diversidade, diluir a naturalidade com que o preconceito se manifesta ali, de modo geral. (Extraído de postagem da Bambi Tricolor, de 22/10/2013)<sup>96</sup>.

Durante uma partida do Atlético Mineiro válida pela Libertadores da América, em 2013 – que viria a ser conquistada justamente pelo Atlético, time popularmente conhecido como Galo –, a atleticana Nathalia experimentou uma sensação de grande incômodo diante de uma situação aparentemente tão comum e natural para a grande maioria dos presentes no Estádio Independência, em Belo Horizonte. Na ocasião, acompanhada de amigos, ela via a torcida do Galo entoar cantos e gritos homofóbicos contra os torcedores do Arsenal de Sarandi, time da Argentina. O estranhamento e a desnaturalização da carga de violência presente nos cantos e gritos dirigidos ao adversário, somada à vivência de ser mulher em um espaço de sociabilidade predominantemente masculino, foram determinantes para que, em 09/04/2013, ela decidisse criar a página da Galo Queer<sup>97</sup> no site Facebook, primeira comunidade a se apresentar à época como uma torcida *queer*:

Tem dois momentos que ficaram mais gravados... Um deles, em um jogo contra o

<sup>95</sup> Declaração dada durante o evento “Futebol (de volta) ao povo”, realizado na PUC-SP, em 07/06/2016.

<sup>96</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/BambiTricolor/photos/a.456985997715246.1073741828.456955007718345/540855135994998>. Acesso em: 01/10/2017.

<sup>97</sup> Comunidade criada em 09/04/2013. O texto de apresentação da página da Galo Queer é o seguinte: “Galo Queer é o movimento anti-homofobia e antissexismo no futebol dos torcedores do Clube Atlético Mineiro, vulgo Galo Doido. Porque paixão pelo Galo não tem nada a ver com intolerância”. A página possui 2035 curtidas (dado de 26/06/2017). Endereço da página: <https://www.facebook.com/Galo-Queer-941232029242434/>.

Arsenal (ARG), pela Libertadores, e aí o estádio inteiro começou a gritar “Maricón!” para o outro time. Eu sabia que essas coisas aconteciam, mas me chocou um pouco a violência das pessoas ao dizerem isso, como se fosse uma coisa realmente muito ofensiva e o que me chocou mais foi o fato dos meus amigos terem participado. Fiz questão de sentar para não participar daquilo, e eu olhava em volta e não tinha ninguém que estava achando aquilo minimamente estranho. Nesse mesmo dia, teve outra experiência marcante. Estavam sentados eu, um amigo, e do meu lado tinha um cara que eu não conhecia. Esse cara foi fazer um comentário sobre o jogo e simplesmente me pulou, fez o comentário com o meu amigo, que estava do meu lado. Acho que foi a vez em que eu me senti mais invisível. Aí teve um dia que estava no bar, com os amigos, eu falei: “Fiquei com vontade de criar esse movimento.” As pessoas da mesa ficaram escutando. “Ah, legal...”, mas ninguém botou muita fé e nem se dispôs a fazer junto. “Bom, vou fazer sozinha, então”. Hoje em dia é relativamente fácil, porque no Facebook, você simplesmente cria uma página, a coisa existe. E aí eu fiz a página e achei legal a ideia do *queer*, porque a minha ideia não era fazer uma torcida gay, por exemplo, ou só um movimento contra a homofobia, mas eu queria abordar a questão das mulheres também, mesmo heterossexuais. Então, eu achei que *queer* era um nome abrangente, além de sonoro e, enfim, foi daí que surgiu. Eu inocentemente criei a página e divulguei no meu perfil, para os meus amigos. Falei assim: “Ah, umas 100 pessoas vão curtir, vão achar legal e é isso mesmo”. Criei a página, fui dormir, de repente, quando acordei era ligação de todos os jornais querendo falar comigo, já tinha 1000 pessoas curtindo, e 1000 pessoas me escrevendo, querendo falar, querendo participar... Foi uma loucura! E ao mesmo tempo, as outras torcidas foram surgindo, acho que 48 horas depois já havia umas cinco torcidas de outros times e foi só aumentando. Foi uma reação muito desproporcional, muito maior do que eu imaginava...<sup>98</sup> (Nathalia, Galo Queer).

A alusão ao *queer* presente na fala de Nathalia é importante para a compreensão do caráter contestatório dos grupos de torcedorxs que começaram a se articular e aparecer por meio de comunidades no Facebook. A palavra *queer*, cujo significado original na língua inglesa corresponde a “estranho”, “excêntrico”, adquiriu conotação de xingamento, injúria dirigida especialmente contra a população homossexual nos Estados Unidos, principalmente por causa da crise social provocada pela epidemia de HIV/Aids, no início da década de 1980. No final da década de 1980 e início da década de 1990, o termo foi apropriado por coletivos formados pela militância homossexual, pessoas portadoras de HIV, lésbicas, trabalhadores do sexo e profissionais de saúde, amigos e familiares de homossexuais, dando forma a *Queer Nation*, constituída pela “parte da nação que foi rejeitada, humilhada, considerada abjeta, motivo de desprezo e nojo, medo de contaminação” (MISKOLCI, 2013, p. 24). A apropriação

<sup>98</sup> Dentre as reportagens realizadas após a criação da Galo Queer, cito matéria postada no site ESPN.com.br, intitulada “A corajosa ‘Galo Queer’: cientista social funda movimento anti-homofobia na torcida do Atlético-MG”, de 11/04/2013. Disponível em: [http://espn.uol.com.br/noticia/322413\\_a-corajosa-galo-queer-cientista-social-funda-movimento-anti-homofobia-na-torcida-do-atletico-mg](http://espn.uol.com.br/noticia/322413_a-corajosa-galo-queer-cientista-social-funda-movimento-anti-homofobia-na-torcida-do-atletico-mg). Acesso em 27/09/2016. Outra matéria, de 24/04/2013, já tratando das outras páginas que seguiram o exemplo da Galo Queer, foi publicada pelo portal da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC), com o título “Torcidas organizadas gays usam redes sociais para enfrentar preconceito no futebol”. Disponível em: <http://www.etc.com.br/esportes/2013/04/torcidas-organizadas-gays-usam-redes-sociais-para-enfrentar-preconceito-no-futebol>. Acesso em 31/05/2016.

feita pela *Queer Nation* teve o objetivo de deslocar e ressignificar a conotação ofensiva que era até então atribuída à palavra:

Este termo [*queer*], com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, *queer* significa colocar-se contra a normalização [...]. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade [...]. *Queer* representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora (LOURO, 2001, p. 546).

De acordo com a fala de Nathalia (mulher cisgênero e heterossexual), a proposta da Galo Queer não era a de ser uma torcida gay buscando a sua aceitação em um meio homofóbico e misógeno, nem mesmo resumia-se a ser “só um movimento contra a homofobia”, maneiras pelas quais muitas pessoas interpretaram (e ainda interpretam) o movimento. Miskolci (2013), ao analisar a dimensão política do posicionamento e do ativismo *queer*, afirma que este “não é uma defesa da homossexualidade, é a recusa dos valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha da abjeção, essa fronteira rígida entre os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo” (MISKOLCI, 2013, p. 25).

Nos dias seguintes ao surgimento da página da Galo Queer, outras comunidades de torcedores dos principais clubes brasileiros foram sendo criadas e construíram a sua visibilidade no Facebook. A página Palmeiras Livre<sup>99</sup> surge nesse contexto, resultado da articulação de um grupo de palmeirenses de diferentes partes do Brasil. Thaís, fotógrafa, educadora e palmeirense, é uma das moderadoras dos conteúdos postados pela comunidade e foi a principal interlocutora por parte do coletivo durante a realização desta pesquisa. Ela fala da inspiração despertada pelo aparecimento da Galo Queer e explica como se deu a constituição da Palmeiras Livre, justamente em um momento em que o time havia sido rebaixado e disputaria a Série B do Campeonato Brasileiro, falando também sobre o que a motivou a fazer parte do grupo faz a moderação dos conteúdos postados pela página:

2013 foi um ano em que aconteceram várias coisas. Nosso coletivo nasceu em abril, antes das jornadas de junho. Mas no ano anterior eu já tinha participado muito de movimentos políticos abordando questões de gênero. Aí eu vi a oportunidade de somar as duas coisas, ainda mais porque o Palmeiras tinha sido campeão e rebaixado, porque, como o Erick [outro integrante do coletivo] falou no começo, futebol está ligado com as pessoas, a sociedade e a política. Eu entrei, achei a ideia super bacana. É engraçado que o coletivo nasceu com dois membros de São Paulo e o resto de fora. Porque tinha a Ligy, a Ana e a Lorraine, todas do Norte do país, e depois entrou o William, que também morava em João Pessoa, não estava em São

<sup>99</sup> Página criada em 12/04/2013. Apresenta-se como: “Movimento anti-homo e transfobia, contra o racismo e todo tipo de sexismo (os machismos e misoginias em especial), destinado à torcida que mais canta e vibra. Porque paixão pelo Palmeiras não tem nada a ver com intolerância”. A comunidade conta com 7429 curtidas (dado de 26/06/2017). Endereço da página: <https://www.facebook.com/PalmeirasLivre>.

Paulo ainda. Só tinha o Felipe e eu de São Paulo, e a Amara, que era de Campinas, e depois saiu [...] Era uma coisa super espalhada. Eu vi crescer a questão do Galo Queer e, de repente, alguém dentro da página comentou alguma coisa e colocou que existia a Palmeiras Livre. Eu falei: “Nossa, que legal, vou lá”. Eu vi que existia e era para as pessoas colaborarem. Eu já mandei mensagem no inbox, já fui e me envolvi. Acho que na primeira semana de fundação da página, já estava envolvida e comecei a fazer as coisas. A Ligy é bissexual, negra, do Norte do país. Ela saiu do coletivo justamente para focar nessas pautas que ela achou importante. Igual a Amara, que saiu do coletivo justamente para focar no transativismo, e hoje muitas pessoas já a conhecem. [...] O coletivo é hoje 50% hetero-cis, 50% homo ou bissexual (Thaís, Palmeiras Livre).

A sua fala ajuda também a compreender como se dá articulação e a configuração dos grupos que fazem os ativismos nas redes sociais virtuais. Apesar das páginas serem acompanhadas e curtidas por milhares de pessoas, esses coletivos e movimentos são majoritariamente constituídos por um núcleo atuante reduzido – que se dedica ao maior engajamento e à manutenção da página e mantém a coesão do próprio movimento –, formado por pessoas com faixa etária predominante entre os 20 e 35 anos, público que mais se apropria das redes sociais digitais com fins de atuação em movimentos políticos e sociais (OMENA, 2015).

No caso do Palmeiras Livre, o grupo inicial que criou a comunidade no Facebook estava distribuído em diferentes partes do país. A reunião dessas pessoas foi viabilizada pelo acesso a um mesmo site de rede social e por laços sociais em comum. Dentre eles, a paixão e a torcida pelo Palmeiras combinadas ao posicionamento político contrário à homofobia e ao machismo constantemente reiterados, além do sentimento de que era preciso fazer algo para enfrentar tais violências no futebol:

Outra diferença importante gerada pela Internet é o advento dos laços sociais mantidos a distância. O desenvolvimento tecnológico proporcionou uma certa flexibilidade na manutenção e criação de laços sociais, uma vez que permitiu que eles fossem dispersos espacialmente. Isso quer dizer que a comunicação mediada por computador apresentou às pessoas formas de manter laços sociais fortes mesmo separadas a grandes distâncias, graças a ferramentas como o Skype, os messengers, e-mails e chats. Essa desterritorialização dos laços é consequência direta da criação de novos espaços de interação (RECUERO, 2009, p. 44).

No dia 14/04/2013, era lançada a comunidade Bambi Tricolor<sup>100</sup>. O próprio nome do coletivo, que faz referência ao “apelido” rejeitado pelos são paulinos e que se tornou a principal ofensa usada pelos torcedores adversários para referirem-se ao time e torcida do São Paulo, mostra um alinhamento da página ao ativismo *queer*, por meio da apropriação e positivação de um termo que tem conotação de ofensa homofóbica com o propósito de

<sup>100</sup> Comunidade que atualmente conta com 3674 curtidas (dado de 01/08/2017). Endereço da página: <https://www.facebook.com/BambiTricolor/>.

questionar e afrontar a norma de que futebol é “jogo pra macho”, que faz com que a homossexualidade seja vista como algo destoante da norma e abjeto.

Em sua página no Facebook, o grupo se apresenta da seguinte forma: “Paixão pelo futebol, amor ao clube e até rivalidade entre adversários não tem nada a ver com homofobia. Se, até agora, Bambi foi um apelido usado para discriminar, por que não adotá-lo com orgulho e desarmar o preconceito? Pelo SPFC livre”. Aline, interlocutora e uma das criadoras da Bambi Tricolor, reafirma esse propósito ao comentar sobre o porquê do nome Bambi Tricolor ao invés de “São Paulo Livre”:

Quando nós dizemos "vamos assumir o Bambi" pensando em mudar os termos dessa discussão, quando dizemos que o estigma da homossexualidade não pode, em si, ser recebido como ofensa por mais que seja formulado e proferido como tal, somos acusados de todo o tipo de coisa, que vai de ingenuidade, a estupidez, a sermos rivais humilhando e desrespeitando o clube. Uma das coisas que nos foram ditas é que se tivéssemos escolhido o nome SPFC Livre, nós receberíamos mais apoio e adesões. O que, para nós, aponta a ambiguidade da situação dos são-paulinos diante da homofobia. Como defender a causa LGBT sem "piorar" o estigma de sermos uma torcida gay, ou torcedores de um time gay? A própria configuração desse "impasse" já expõe o quanto nós, como sociedade, não temos clareza sobre o problema, e quão naturalizada é a homofobia<sup>101</sup>.

Dentre as três páginas dos coletivos e movimentos de torcedorxs contrários à homofobia e ao machismo aqui discutidas, a Palmeiras Livre é atualmente a mais assídua no Facebook e, também por esse motivo, a que tem maior número de curtidas e alcança maior visibilidade nas suas postagens, conforme levantamento quantitativo das postagens feitas no ano de 2016. Já a Galo Queer – que chegou a ter a sua página deletada pelo Facebook, conforme será abordado mais adiante – e a Bambi Tricolor reduziram drasticamente a sua participação na rede social, tendo feito 19 e 16 postagens respectivamente ao longo de 2016. Apesar de se apresentarem como movimentos e ações de torcedores com posicionamentos contrários à homofobia e à misoginia no futebol e reivindicarem maior representatividade das mulheres e da população LGBT no futebol e na sociedade, esses grupos também tratam em suas postagens de outras questões, como, por exemplo, a crítica e o combate ao processo de elitização do futebol e ao racismo no futebol e na sociedade brasileira.

O surgimento dessas comunidades e a afirmação de discursos que se contrapõem à norma que regula as subjetividades no futebol brasileiro estão inseridos no contexto político brasileiro do ano de 2013, marcado por forte efervescência política e a realização de manifestações e protestos de grande visibilidade pública em diversas partes do país, que culminaram nas denominadas “jornadas de junho”. Essas manifestações inicialmente estavam

<sup>101</sup> Entrevista concedida para o blog “Futepoca: Futebol, Cachaça e Política”. Disponível em: <http://www.futepoca.com.br/2013/08/bambi-tricolor-em-questoes-que-envolvem.html>. Acesso em 26/08/2017.

focadas na questão do transporte público urbano e do direito à cidade. A adesão de grande contingente popular fez com que os protestos passassem também a focar outros problemas sociais do país, abarcando também o futebol, mais especificamente por conta dos elevados gastos públicos usados na construção de estádios e da infraestrutura para a organização da Copa das Confederações, em 2013, e da Copa do Mundo de Futebol Masculino que seria realizada no país no ano seguinte:

Em junho de 2013, o Brasil assistiu, atônito, a emergência de uma série de manifestações organizadas principalmente em RSI [Redes Sociais de Internet], que envolveu um amplo leque de reivindicações. Os protestos que começaram com uma mobilização contra o aumento de vinte centavos (R\$ 0,20) na passagem de ônibus em São Paulo, que foi fortemente reprimida pela Polícia Militar (PM/SP), conseguiram ganhar visibilidade e simpatizantes e se alastraram para todo o país, movimentando milhares de pessoas para protestarem contra os diversos problemas sociais e políticos. Uma das demandas da população foi direcionada contra os gastos públicos com a organização da Copa do Mundo de Futebol em 2014. A construção de modernos e confortáveis estádios de futebol, seguindo o chamado “padrão Fifa”, levou a insatisfação de milhares de pessoas que enfrentam problemas com a má qualidade da saúde pública, da educação e do transporte coletivo. Com gritos de “Não vai ter Copa”, manifestantes entraram em confronto com a política durante a realização da Copa das Confederações, torneio teste da Fifa para a Copa do Mundo. As manifestações tinham como epicentro as RSI, que nos meses de junho e julho de 2013 viveu uma intensa efervescência política. Além da convocação para os protestos, as redes sociais também funcionaram como uma esfera pública interconecta, na qual os diversos grupos de manifestantes apresentavam suas demandas e reclamações, principalmente direcionadas contra a classe política e o sistema político (PENTEADO, 2014, p. 8-9).

Muitas dessas manifestações e protestos públicos tiveram como grande diferencial as articulações realizadas através de sites e aplicativos de rede social, sendo que muitos atos foram convocados e divulgados pelo Facebook, assim como havia ocorrido, por exemplo, na Primavera Árabe<sup>102</sup>, iniciada em dezembro de 2010. De acordo com Omena (2015), que estudou as manifestações contrárias aos gastos públicos dos grandes eventos esportivos que seriam sediados pelo país, a internet e as redes sociais virtuais representam um canal potente para a “disseminação de descontentamentos compartilhados”:

Com a internet e, particularmente, as chamadas “redes sociais”, a expressão de insatisfações por um grande contingente populacional passa a estar significativamente menos dependente de intermediários, usualmente representados pelos tradicionais veículos midiáticos estabelecidos – canais de rádio e televisão,

<sup>102</sup> A chamada Primavera Árabe consiste em uma complexa sequência de protestos iniciados em dezembro de 2010, ocorridos na Tunísia e no Egito, resultando também em guerra civil na Líbia e na Síria, atingindo também outros países da região. O debate sobre a liberdade de acesso à informação foi importante fator para a ruptura com o *status quo* vigente, sendo inegável que o uso da internet tenha contribuído para desencadear as manifestações ocorridas. Os protestos compartilharam técnicas de resistência civil em campanhas sustentadas envolvendo greves, manifestações, passeatas e comícios, bem como o uso das mídias sociais, como Facebook, Twitter e Youtube, para organizar, comunicar e sensibilizar a população e a comunidade internacional em face de tentativas de repressão e censura na Internet por partes dos Estados. Informações obtidas no artigo “Egito e Síria: o papel das tecnologias digitais na Primavera Árabe”, disponível em: <http://blog.pucsp.br/culturadigitalri/?p=84>. Acesso em 25/09/2017.

jornais, revistas etc., cuja seleção daquilo que será publicado geralmente está atrelada a seus respectivos interesses de classe. Desta forma, grupos e indivíduos passam a ter uma maior facilidade de atingir grandes audiências sem necessariamente cativar os detentores do poder de comunicação em grande escala. [...] Assim, no início da segunda década do século XXI eram abertas inéditas janelas de oportunidade para a disseminação de descontentamentos compartilhados pela maioria da população dos grandes centros urbanos frente aos diversos desgastes gerados pela nova dinâmica urbana. É neste contexto que os projetos relacionados à Copa do Mundo e Olimpíadas são anunciados (OMENA, 2015, p. 210-211).

As falas a seguir de Nathalia e Thaís ajudam a compreensão da relação desses torcedorxs e dessas comunidades com esse momento histórico, evidenciando também que os processos de formação política de seus integrantes são exteriores ao futebol – provenientes, em sua maioria, de experiências em outros movimentos políticos e sociais, especialmente ativismos em defesa da igualdade de gênero e da garantia dos direitos da população LGBT. Fica explícito o propósito de levar essa bagagem de ativismos políticos para o futebol, enfrentando resistências do campo futebolístico ao questionar a masculinidade hegemônica e também preconceitos e relutâncias de outras modalidades de ativismos políticos que, por vezes, consideram o futebol meramente como um universo de alienação das massas:

Foi uma época em que eu estava numa fase de ativismo político muito forte. Em 2013, quando eu criei a Galo Queer, eu voltei de um intercâmbio na Alemanha, muito engajada, participava de coletivos feministas e entrei num coletivo de mobilidade urbana, o Tarifa Zero, estava muito em contato com todos os movimentos políticos da cidade [Belo Horizonte], então, nessa época tava todo mundo imerso, 2013 foi muito intenso. Por algumas semanas a vida era só aquilo, havia uma variedade de pautas ainda ali, nas manifestações. Uma variedade grande, a gente não sabia direito o que era aquilo. [...] Politicamente também, foi um momento intenso, porque eu entrei em contato com o feminismo de forma mais forte. Foi na Alemanha que comecei a estudar gênero e conheci pessoas que eram muito ativas politicamente também. Isso formou muito a minha visão. Na época eu estava com os óculos do gênero total, só via isso, só conversava sobre isso. Quando eu voltei ao Brasil e fui ao estádio – eu já tinha ido em estádio antes de viajar, mas sem tanta visão crítica – foi muito violento para mim, estando com esse olhar (Nathalia, Galo Queer).

2013 foi um ano em que aconteceram várias coisas. Nosso coletivo nasceu em abril, antes das jornadas de junho. Mas no ano anterior eu já tinha participado muito de movimentos políticos abordando questões de gênero. Aí eu vi a oportunidade de somar as duas coisas, ainda mais porque o Palmeiras tinha sido campeão e rebaixado. Eu vi a oportunidade de juntar as duas coisas. Porque, como o Erick falou no começo, futebol está ligado com as pessoas, a sociedade e a política. Eu entrei, achei a ideia super bacana. Ela foi amadurecendo e até hoje ela vem se transformando. Não me puseram condição nenhuma. Não é um compromisso que eu tenho que postar tantas coisas por dia ou por semana. É só mesmo envolvimento e a vontade mesmo de mudar, de transformar alguma coisa, de fazer as pessoas refletirem um pouco, se apropriarem do espaço da rua, entenderem um pouco de política. Porque ainda hoje política é vista como uma coisa ruim, tanto é que a gente elege pessoas que se dizem não políticos porque a política está fora de moda ou não está representando mais ninguém. Então a gente tenta mesclar tudo e dizer que tudo está junto. Mas é tudo espontâneo, não é nada imposto ou com condições (Thaís, Palmeiras Livre).

Dentro do nosso grupo de torcedores do Whatsapp tem um pessoal do movimento negro. Mas atuante, que se denomine do movimento negro, que faça parte... A gente sente muita falta, reconhece que é uma falha, mas é difícil a gente encontrar pessoas que queiram se engajar e fazer parte do nosso coletivo. “Não, eu entendo, mas acho uma pauta menor por se tratar do futebol”. A gente já tentou colocar pessoas desses outros movimentos dentro do nosso coletivo, mas é difícil elas entenderem que é importante também. Então a gente acaba transitando, mas não consigo engajar essas pessoas dentro... Ligar futebol e os elementos do preconceito, do racismo, da discriminação, do machismo. Acho que as pessoas acham que futebol é o ópio, né? É o que eles falam. É uma coisa que vai te alienar. É a mesma coisa de assistir à novela. E a gente se preocupa muito com a questão de lugar de fala (Thaís, Palmeiras Livre).

Em resposta a questionamentos que são comuns ao ativismo digital – muitas vezes tratado pejorativamente como “ativismo de sofá” –, Thaís explica e justifica a importância dessa forma de ativismo, que além de encurtar distâncias, possibilitou a visibilidade e a efetiva existência das comunidades de torcedorxs que se posicionavam contra o machismo e a homofobia no futebol, além de amplificar o debate acerca da segregação de mulheres e pessoas LGBT no contexto futebolístico e na própria sociedade brasileira:

A internet é um meio e o ativismo digital surgiu com muitas ressalvas, como deboche, e hoje ele já muda muitas realidades. Às vezes, a pessoa mora no extremo, não consegue chegar num coletivo, na Paulista. Você acaba segregando as pessoas que não conseguem chegar. A gente sabe, o transporte público é caro, é precário, e muitas pessoas não chegam. Me cobram muito: “Ah, você não vai em tal lugar...” Mas você não conhece as demandas das pessoas. E a internet é um meio pra que você consiga fazer alguma coisa da forma que dá. Obviamente que tem as questões “perfumaria” que utilizam do ativismo digital pra dizerem que fazem alguma coisa, só pra ficar com menos peso na consciência. Mas dentro do universo em que eu convivo e que eu conheço, as pessoas fazem ativismo online porque tem as suas demandas e dificuldades de chegar lá. As pessoas que falam de forma pejorativa que eu sou uma ativista de sofá estão sendo preconceituosas, elitistas, classistas, etaristas... (Thaís, Palmeiras Livre).

O episódio do selinho dado pelo jogador Émerson Sheik – conforme abordado previamente no Capítulo 1 – contribuiu para impulsionar a visibilidade desses coletivos para além das redes sociais. Todas elas, à época, se posicionaram acerca do assunto e repercutiram também os seus desdobramentos. Em um primeiro momento, quando o jogador enfatizou que se tratava de um gesto contra o machismo e a homofobia do meio futebolístico, Palmeiras Livre e Bambi Tricolor colocaram o clubismo de lado e apoiaram a atitude do jogador, ídolo de um time rival. Posteriormente, após a publicação da retratação do jogador, as comunidades também se posicionaram em relação ao recuo do jogador:

No Instagram do Emerson Sheik, uma foto dele dando selinho num outro homem, e a legenda: “Tem que ser muito valente, para celebrar a amizade sem medo do que os preconceituosos vão dizer. Tem que ser muito livre para comemorar uma vitória assim, de cara limpa, com um amigo que te apoia sempre.” **Não tem como não admirar a postura desse jogador. Costumamos dizer, e aqui isso se aplica de maneira exemplar, que rivalidade é referente ao esporte, à competição, à disputa em campo. O desarme da homofobia é uma questão de humanidade, de**

**pessoas em busca, exercício e aperfeiçoamento da cidadania. Dentro de campo, o Sheik é rival. Fora dele, por esta foto, ele é nosso também.** Um tijolinho a menos no muro que enclausura o futebol no campo da boçalidade, do preconceito, dos estereótipos. Que bom! ☺ (grifo nosso).<sup>103</sup>

SHEIK DA CONTRADIÇÃO. Em um dia, mantém a postura - e até vai usar chuteira personalizada. No outro, sob pressão, faz piadinha homofóbica. E aí, tá do lado de quem??<sup>104</sup>

Figura 1 – Meme que acompanha a postagem da Palmeiras Livre, em 23/08/2013, ironizando a retratação de Sheik à torcida corinthiana, após a polêmica do selinho



Fonte: Palmeiras Livre (Facebook)

A partir da repercussão do episódio e a discussão instalada sobre a homofobia no futebol, diversas reportagens foram realizadas por veículos de comunicação da grande mídia (tanto da mídia impressa, eletrônica e também por canais de televisão)<sup>105</sup>, que ajudaram a impulsionar a visibilidade desses grupos e de suas comunidades no Facebook, sendo

<sup>103</sup> Postagem feita pela comunidade Bambi Tricolor, em 19/08/2013. Disponível em: <https://www.facebook.com/BambiTricolor/posts/510503725696806>. Acesso em 30/04/2016.

<sup>104</sup> Extraído de postagem feita pela Palmeiras Livre, em 23/08/2013. Disponível em: <https://www.facebook.com/PalmeirasLivre/photos/a.524987794209575.1073741828.523788454329509/577272495647771>. Acesso em 30/04/2016.

<sup>105</sup> Dentre as reportagens produzidas nesse momento é possível destacar uma realizada pelo programa televisivo Esporte Fantástico, da Rede Record, em setembro de 2013, sobre os grupos de torcedores contra a homofobia no futebol – apresentados como “torcidas gays da internet”, com a participação de integrantes da Galo Queer, Palmeiras Livre e Queerlorado. Disponível em: <http://esportes.r7.com/esporte-fantastico/video/torcida-gay-luta-por-direitos-no-futebol-e-gera-polemica-entre-grandes-clubes-526292e20cf2b431d3b52810/>. Acesso em 27/03/2016. Outra reportagem extensa repercutindo sobre a questão da homofobia no futebol brasileiro feita logo após o episódio envolvendo Emerson Sheik, com a participação de integrantes das torcidas livres foi feita pela Pública, intitulada “O tabu das arquibancadas”, de 14/11/2013. Disponível em: <http://apublica.org/2013/11/tabu-das-arquibancadas/>. Acesso em 27/03/2016.

reconhecidos como interlocutores desse debate no futebol. A emergência e atuação política desses grupos, por meio da apropriação da palavra e pela produção de discursos dissonantes à norma da masculinidade hegemônica, fez com que estes fossem reconhecidos como “seres que têm nomes”, na medida em que faziam parte do diálogo justamente por serem torcedorxs, promovendo, assim, uma “reconfiguração da divisão do sensível” (RANCIÈRE, 1996, p. 38) no que se refere ao campo futebolístico.

Ainda assim, a fala de Nathalia mostra a dificuldade e, mesmo, a relutância da mídia esportiva, enquanto parte do campo futebolístico, em abordar o debate em torno da homofobia e do machismo no futebol e da tentativa desnaturalização da norma da masculinidade hegemônica com a complexidade que esses grupos traziam. Como pode ser visto na análise das narrativas sobre Richarlyson, Sheik e também em relação a Fla-Gay, a mídia especializada contribuiu para acentuar a “anormalidade” de suas ações. Reportagens feitas à época sobre as páginas dos movimentos contrários à homofobia e o machismo no futebol, enfatizavam e caricaturavam a diferença desses grupos em relação à norma, muitas vezes os rotulando como “torcidas gays da internet”.

De acordo com Butler (2016), certas propostas de enquadramento normativo e de tolerância “determinam certa ignorância sobre os ‘sujeitos’ em questão, e até mesmo racionalizam essa ignorância como necessária para a possibilidade de se fazerem julgamentos normativos contundentes” (BUTLER, 2016, p. 205):

Tinha uma coisa de tentar entender, e, em geral, os jornalistas que eu conversei eram pessoas legais, pareciam concordar muito com a proposta. Mas eu via muito o sensacionalismo, principalmente com relação à coisa das ameaças. Me perguntavam mais das ameaças do que sobre o movimento em si. Tinha essa coisa meio carnicreira, sabe. E era um tipo de abordagem que eu não acho legal, de ficar disseminando um pânico, e desvia o foco, no meu ponto de vista. Outra questão que me incomodava muito também nas reportagens todas também, nas matérias, era o quanto a questão da mulher ficava invisibilizada. Eu sempre fazia questão de falar que é um movimento contra a homofobia e contra o machismo, só que o tema que dava caldo era o LGBT, não se falava muito da questão das mulheres. Essa questão da homossexualidade no futebol é muito polêmica e onde tem polêmica, tem público, então, a galera explora muito isso (Nathalia, Galo Queer).

Na reportagem da revista Placar<sup>106</sup>, de setembro de 2013, fica explícito também o incômodo esforço mobilizado para rejeitar o compartilhamento de uma identidade torcedora com os integrantes das torcidas livres e *queer*. Ao ser convidado a opinar sobre a existência da Bambi Tricolor, um diretor da torcida organizada Independente disse: “Essa torcida não existe, chapa! Não significa nada para nós”. A resposta dada pela Bambi Tricolor, em postagem do dia 22/10/2013, teve por objetivo mostrar que o descrédito e a negação da

<sup>106</sup> Porta da Esperança: O selinho de Sheik poderia ser um marco para encorajar jogadores a saírem do armário, mas só reforçou a homofobia no futebol. **Revista Placar**, nº 1382, setembro/2013, p. 31-36.

existência do coletivo são estratégias para impedir a quem é relegado à abjeção o direito de ser sujeito e poder compartilhar da mesma identidade torcedora:

Ousamos acreditar que esta declaração diz exatamente o que não quer dizer: que a Bambi Tricolor tanto existe como significa algo, e que essa existência, como seu significado, exigem um esforço tremendo para serem ignorados - daí a quantidade de ofensas e ameaças de agressão física e até morte que recebemos, constantemente. Quanto mais resistente uma sociedade se mostra aos discursos combativos do preconceito e da violência, mais esses discursos se mostram necessários e precisos em sua crítica<sup>107</sup>.

Da mesma forma que ocorria com as torcidas gays, é recorrente que integrantes desses movimentos e coletivos tenham a sua condição de torcedor/a questionada e deslegitimada e sejam inferiorizados por ditos “torcedores de verdade”. São comuns críticas de que suas ações visam “misturar política com o futebol” ou, até mesmo, que se tratam de páginas criadas por torcedores rivais com o propósito de ridicularizar o time em questão. Em razão disso, essas comunidades também se preocupam em fazer postagens nas quais explicitam a paixão pelo time, acompanham e comentam o seu desempenho em partidas e competições disputadas, dessa forma buscando “provar” o engajamento pelos times que torcem e que não se tratam meramente de ações feitas por oportunistas ou “vira-casacas”, como foi caracterizada a Fla-Gay no passado:

Tinha tanto as pessoas que levavam o movimento a sério, enquanto movimento e xingavam e não gostavam dele enquanto movimento, e tinha as pessoas eu nem acreditavam que era uma coisa real, e se acreditavam, queriam tirar a legitimação por essa via. Por isso, no início, a gente fazia análises dos jogos, muito em função também para marcar essa posição que a gente era atleticano, porque muita gente estava duvidando, então tinha essa tentativa de mostrar que era um movimento sério de atleticanos... (Nathalia, Galo Queer).

Em 2016, por exemplo, a página do Palmeiras Livre deu grande atenção às campanhas do time ao longo do ano, que viria a conquistar o título do Campeonato Brasileiro depois de 22 anos. A partir de levantamento quantitativo das postagens publicadas pela página do coletivo, de um total de 298 postagens feitas em 2016, 130 tratavam especificamente do Palmeiras – sendo que 115 postagens tratavam das atuações e do desempenho do time em jogos e campeonatos disputados e 15 postagens foram feitas com o propósito de exaltar o clube, fazendo menção a episódios e personagens importantes da história do clube.

Pode-se inferir que, por meio desta estratégia, o coletivo visa também estabelecer diálogo com os ditos “torcedores estabelecidos” e atrair novos públicos para acompanharem e

<sup>107</sup> Extraído de postagem da comunidade Bambi Tricolor, de 22/10/2013, que recebeu 97 curtidas, 14 comentários e 16 compartilhamentos. Disponível em: <https://www.facebook.com/BambiTricolor/photos/a.456985997715246.1073741828.456955007718345/540855135994998/>. Acesso em 30/09/2017.

participarem da página, desconstruindo, assim, preconceitos. Além disso, pelo fato de ser um grupo considerado abjeto, de acordo com a norma que regula as subjetividades no campo futebolístico, a apropriação da identidade torcedora pode ser considerada um ato político, pois transgride a ideia de que é preciso se adequar a uma performatividade hegemônica para torcer e também opinar sobre futebol:

Eu entrei para o coletivo com umas propostas. “Ah, vamos colocar algum texto aí sobre o Palmeiras, algumas curiosidades históricas aí do time. É aniversário da Arrancada Heroica, vamos botar um texto sobre a Arrancada Heroica”. Porque essa foto vai ser compartilhada, alguém vai chegar nessa foto. “Ah, é alguma coisa do Palmeiras”. Ela vai ler e tomar conhecimento da página e das ideias que a gente defende e falar: “Nossa, tem uma página aqui que é diferente, vou dar uma olhada, vou chegar mais”, “Nossa, existem torcedores que pensam assim? Que legal!”. Eu acho que a coisa boa da internet é isso, ela é um canal. A gente está ali, é uma galera que existe. Se não está presente no espaço físico do futebol, então esteja presente na internet, porque elas existem, essas pessoas existem, elas estão aí, só não podem circular pela arquibancada livremente por uma série de questões (Erick, Palmeiras Livre).

Nas entrevistas foi possível conhecer melhor as histórias e experiências pessoais que levaram essas pessoas a se tornarem torcedoras dos seus respectivos times de coração e como o futebol faz parte de suas trajetórias de vida. Ressaltar esse aspecto é importante para compreender o lugar que o futebol e a experiência torcedora ocupam na vida dessas pessoas e que os movimentos, apesar do conteúdo político e do questionamento a uma performatividade hegemônica no futebol, não se tratavam de iniciativas oportunistas ou desvinculadas de qualquer relação pelo time em questão. Especificamente nas falas de Nathalia e Thaís, que trazem a perspectiva de mulheres, torcedoras e frequentadoras de estádios, há algumas percepções acerca das distinções e questionamentos que são colocados às mulheres durante o processo de inserção no campo futebolístico:

Eu ia com um tio, que foi o primeiro incentivador... Depois que eu escolhi o Palmeiras, ele falou: “Beleza, você vai ser palmeirense, então, vem comigo!” Aí ele pegava e me levava pra jogo no Palestra. Me levava para clássico no Morumbi, que é uma coisa que não existe mais, né? É uma pena, era aquela coisa de torcida dividida. Você entrar lá, a arquibancada central ali... Atrás de um gol para um clube e a oposta pra outro. A galera chegava antes e ficava xingando o outro lado, berrando porque o estádio estava vazio então você conseguia ouvir (Erick Miyasato, Palmeiras Livre).

Foi no começo dos anos 90, em 1993, 94. Naquele natal eu pedi para o meu pai uma camisa do Palmeiras, mas imagina, em 1993, 94 a gente não achava mais nada de Palmeiras. Ele acabou comprando para mim uma camisa polo, de treino do Palmeiras. Branca, com o símbolo bordadinho, e foi uma decepção. “Não era isso, mas ok”. Mais ou menos nessa época minha irmã fez aniversário. O tema foi o Palmeiras. E aí eu pude colocar a camiseta pela primeira vez, apesar de não ser a dos meus sonhos. E aí eu fui me envolvendo cada vez mais. Lembro que foi nos anos 90, que eu comecei a ir pro estádio. Eu começava a xingar com meu pai, minha irmã menor e ia também um primo. Aí eu comecei a sentir aquilo borbulhar. **Acho que foi meu primeiro contato com palavrão também. Eu xingava e uma pessoa torcedora xis batia nas costas do meu pai: ‘É sua?’ Eles ficavam espantados,**

**falavam: “Poxa vida, né? O que é isso?”.** Há 20 anos... Nossa, 20 anos atrás. [...] Acho que foi a partir daí que começou, quando eu tinha 10 anos – tenho 33 hoje – essa é a minha memória. A gente sempre vê uma mulher falando de time, já começa a ter questionário, fazer sobre qual é o jogador tal do ano... Só sei que anos 90 foi o meu start com o Palmeiras (Thaís Nozue, Palmeiras Livre, grifo nosso).

Quando fala de futebol e de Atlético, a lembrança mais antiga que me vem à cabeça é do meu tio, que é meu padrinho também. Ele é atleticano fanático e me deu uma blusa do Galo. Eu era bem novinha e lembro muito de ver futebol na casa do meu avô, era uma coisa bem de família mesmo. O meu avô era americano, mas simpatizava muito com o Atlético, porque os filhos eram atleticanos. Eu era a caçula dos netos, só tinha homens e eu era a única mulher. Inclusive, lembro de jogar futebol com os meus primos, bem novinha, também lá na casa do meu avô que tinha um espaço. O futebol permeava muito a relação da família e da infância mesmo. Até interessante, porque eu não lembrava dessas coisas... Isso é interessante, porque eu não sentia tanto nesse espaço uma diferença, ninguém ali estranhava o fato de eu gostar de futebol. O meu tio sempre prometeu que ele ia me levar ao estádio e não chegou a fazer isso... (risos) **Eu só fui frequentar estádio bem mais velha. Foi com uns 20 anos, que eu fui a primeira vez a um estádio. Porque tinha aquela coisa de que é um lugar perigoso para mulher e, principalmente, pra criança** (Nathalia, Galo Queer, grifo nosso).

Além da apropriação da identidade “torcedorxs”, outra estratégia que fez com que esses movimentos ganhassem maior visibilidade e também marcassem o seu questionamento à ideia do futebol como um reduto masculino, cisgênero e heterossexual foi pela vinculação de referências, imagens e símbolos dos movimentos LGBT e da diversidade de gênero e sexual aos símbolos, escudos, cores e nomes dos seus respectivos times. A atenção que esses grupos alcançaram nas redes pode ser medida pelas curtidas, comentários e compartilhamentos dessas postagens, além de manifestações de apoio (muitas delas feitas por pessoas que se identificavam com a causa, torcedoras ou não, inclusive por pessoas que torcem por times rivais).

No entanto, tais ressignificações dos símbolos dos clubes encontram forte rejeição por parte de torcedores estabelecidos no campo futebolístico. Para Franco Junior (2007, p. 216), tal rejeição pode ser explicada pelo fato de que o “brasão ou escudo dos clubes de futebol constitui seu símbolo (no sentido etimológico de ‘sinal de reconhecimento’) maior [...]. O escudo é praticamente a síntese material do clube, sua corporificação, daí a atenção e tensão maior de que é cercado”. Tal apropriação das cores e dos símbolos de um time é realizada de forma frequente, por exemplo, pelas torcidas organizadas, que a partir delas elaboram as suas próprias marcas distintivas.

Em meio à heterogeneidade de símbolos e mascotes adotados pelas torcidas que “remetem de algum modo à esfera do incontrolável, do ingovernável e do imprevisível”

(TOLEDO, 1995, p. 54-55), é possível inferir que estes visam também reafirmar atributos relacionados às noções de virilidade e de masculinidade:

Os símbolos escolhidos pelas torcidas, organizadas ou não, na grande maioria das vezes, invocam qualidades humanas, virtudes como esperteza, beleza, ou atributos caracteristicamente animais como força, rapidez, tamanho. Estes símbolos, na sua quase totalidade, sugerem a ideia de movimento, ação, força, em contraste com a imobilidade das formas inanimadas e mais abstratas dos distintivos dos times (TOLEDO, 1995, p. 56).

A fala de Nathalia, da Galo Queer, ajuda a entender como a apropriação de um símbolo do Galo – colorindo o escudo do Atlético com as cores do arco-íris e o usando como identidade visual da torcida – criou tensões e questionamentos mesmo por parte de pessoas que se declaram favoráveis à diversidade sexual e sem preconceitos. Tal fato evidencia uma resistência de que tal debate seja realizado no futebol ou envolva mais diretamente o time pelo qual se torce – o que motivou a Galo Queer a recuar e criar uma nova identidade visual para a página. Como foi exposto anteriormente, tal como na análise sobre a Coligay e a Fla-Gay e, mais recentemente, em relação à ofensa “bambi”, fica evidente o temor do questionamento à masculinidade, de ficar marcado com o estigma de “time de bichas”:

Eu muito inocentemente peguei o escudo do Galo e pensei: “Bem, vou colorir o escudo”. E isso deu uma polêmica que talvez tenha sido maior do que a própria criação do movimento. Várias pessoas falaram: “Sim, eu apoio o movimento, mas isso de subverter o escudo do Galo, isso aí é imperdoável, isso aí não pode...” Nossa, foi uma loucura! A maioria das ameaças e dos xingamentos eram mensagens para página ou de posts na própria página – depois a gente desativou a possibilidade das pessoas publicarem lá por causa disso, porque era uma chuva de xingamentos. Mas tinha amigos também, que vinham falar comigo na linha do: “Ah, eu acho legal, mas pera aí...”, principalmente em relação a essa coisa do escudo. Na época, eu lembro que a coisa estava tão insana, que, nesse momento, outras pessoas já tinham me procurado, querendo fazer parte do grupo, e aí surgiu essa ideia de fazer uma enquete na página e se as pessoas não quisessem, a gente trocava. Um dos meus amigos que estava no grupo, era designer, e depois que as pessoas realmente rejeitaram o escudo colorido, ele fez uma logo bonitinha, que é a logo que tá atualmente... Foram alguns dias de muito muito assédio, de pessoas vindo falar comigo o tempo inteiro. As ameaças eram feitas 99% por homens e atleticanos. A gente recebia muito, até hoje, às vezes, ainda recebe mensagens falando que aquilo é coisa de cruzeirense: “Isso aí é coisa de “maria” pra sujar o nosso nome” (Nathália Duarte, Galo Queer).

Figura 2 – Primeira versão da página Galo Queer, com o escudo do Atlético Mineiro colorido



Fonte: Nathalia Duarte

Figura 3 – Identidade visual que substituiu a primeira identidade visual da Galo Queer



Fonte: Galo Queer (Facebook)<sup>108</sup>

<sup>108</sup> <https://www.facebook.com/941232029242434/photos/a.941240279241609.1073741825.941232029242434/941240292574941/?type=1&theater> . Postagem de 03/05/2015. Acesso em 20/05/2017.

Figura 4 – Primeira identidade visual da Bambi Tricolor, de 15/04/2013



Fonte: Bambi Tricolor (Facebook)<sup>109</sup>

Figura 5 – Identidade visual atual da página Bambi Tricolor, postada em 07/12/2016



Fonte: Bambi Tricolor (Facebook)<sup>110</sup>

<sup>109</sup> <https://www.facebook.com/BambiTricolor/photos/a.456957987718047.1073741825.456955007718345/457302324350280/?type=1&theater>. Acesso em 20/05/2017.

<sup>110</sup> <https://www.facebook.com/BambiTricolor/photos/a.456957987718047.1073741825.456955007718345/648296975250813/?type=1&theater>. Acesso em 20/05/2017.

Figura 6 – Primeira identidade visual da página Palmeiras Livre, postada em 12/04/2013



Fonte: Palmeiras Livre (Facebook)<sup>111</sup>

Figura 7 – Atual identidade do coletivo Palmeiras Livre, que faz referência aos símbolos dos movimentos LGBT, feminista, negro e transexual. Postagem de 17/05/2016



Fonte: Palmeiras Livre (Facebook)<sup>112</sup>

<sup>111</sup><https://www.facebook.com/PalmeirasLivre/photos/a.523789234329431.1073741825.523788454329509/523793070995714/?type=1&theater>. Acesso em 20/05/2017.

<sup>112</sup><https://www.facebook.com/PalmeirasLivre/photos/a.523789234329431.1073741825.523788454329509/1106482982726717/?type=1&theater>. Acesso em 20/05/2017.

A rejeição e a violência contrárias à existência desses coletivos e de seus discursos são manifestadas por *haters*<sup>113</sup> em mensagens privadas e em comentários públicos. Amaral e Coimbra (2015) analisaram a ação de *haters* nos sites de rede social durante a campanha #eunãomereçoserestuprada. De acordo com as autoras, o “comportamento sexual disruptivo é o alvo predileto do ataque dos haters, principalmente quando estes fogem dos padrões tidos como ‘morais’ por um determinado grupo social” (AMARAL; COIMBRA, 2015, p. 300). Abaixo transcrevo alguns comentários públicos feitos por *haters* em resposta a postagens feitas pelas páginas Palmeiras Livre, Galo Queer e Bambi Tricolor:

Que algumas páginas Palmeirense (sem citar nomes das tais páginas) não queria confundir [sic] o que acontece na Europa (Inglaterra) com o que acontece aqui... Nossa cultura é muito diferente, nosso estilo de ver futebol é diferente, nosso jeito de torcer é diferente... Não queria [sic] que nos tornemos burgueses de estádio em prol de meia dúzia... Futebol é a nossa paixão não queiram mistura-la a outros interesses, não queiram misturar isso com políticas, com algum tipo grupo... Vamos somente focar no PALMEIRAS... desculpem mais pra mim é assim FODA-SE direita FODA-SE a esquerda... FODA-SE PARTIDO (A ou B)... Político aprontou OK que seja preso por isso... Quanto se tratar de PALMEIRAS AS ÚNICAS CORES SÃO VERDE E BRANCO... querem apoiar fulano ou beltrano OK não envolvam o nome da Sociedade Esportiva Palmeiras... Querem defender um grupo que se acham oprimidos pela nossa sociedade OK façam isso mais não usem o nome da Sociedade Esportiva Palmeiras como plataforma de apoio... (comentário enviado em 31/05/2017, por palmeirense ligado a torcida organizada do time em resposta à postagem sobre nota da torcida Mancha Alviverde a respeito do grito “Bicha” nas arquibancadas e as ofensas e ameaças homofóbicas sofridas por palmeirenses LGBT e pela própria página)<sup>114</sup>.

Chupa gaylo, depois vem zoar o Cruzeiro, pelo menos não temos torcida gay<sup>115</sup>.

Franga rosada depois chama a gente de Maria GAYLO<sup>116</sup>.

Por favor né... Ao menos coloca em geral ao invés de colocar o nome do "Galo" na página... Para com isso q [sic] tá feio<sup>117</sup>.

Mais vocês não são nadas [sic] mesmo, as únicas torcidas do são paulo que apoiam o time são: Dragões da Real, Independente, Movimento são paulino, Metal tricolor e torcida uniformizada do são paulo, Esses sim apoiam o time, e não ficam usando a equipe como forma de movimento [sic] contra homofobia. Nada contra, vocês só deviam criar uma pagina de gays e prontos, não querer falar por 20 milhões de torcedores, pq nao [sic] representam nem 1% disso, e nunca representaram [sic],

<sup>113</sup> “O termo hater (em português, odiador) como gíria da internet é originário do hip hop norte-americano, e está relacionado à expressão “Haters Gonna Hate” (Odiadores vão odiar), e é utilizado para categorizar o sujeito que fala mal dos outros através dos espaços de interação e conversação na internet” (AMARAL; COIMBRA, 2015, p.300)

<sup>114</sup> Postagem do dia 29/05/2017, que recebeu 288 curtidas, 9 comentários e teve 17 compartilhamentos. O link para acesso à postagem e ao comentário é: <<https://www.facebook.com/PalmeirasLivre/posts/1548851118489899>>. Acesso em 30/09/2017.

<sup>115</sup> Comentário feito à postagem do dia 26/06/2015, que apresenta a identidade visual da Galo Queer estilizada com as cores do arco-íris, em homenagem ao Dia do Orgulho LGBT. A postagem recebeu 558 curtidas, 33 comentários e teve 36 compartilhamentos. O link para acesso é: <https://www.facebook.com/941232029242434/photos/a.941240279241609.1073741825.941232029242434/970308719668098/?type=1&theater>. Acesso em 30/09/2017.

<sup>116</sup> Idem nota 115.

<sup>117</sup> Idem nota 115.

cola no morumtri [sic] la que agente [sic] acaba rapidim com essa palhaçada hehe<sup>118</sup>.

Além de comentários ofensivos e violentos, outras ações de intimidação mais ostensivas contra integrantes desses coletivos, além de tentativas de silenciamento dessas páginas foram colocadas em prática. No início de 2016, o acesso à página da Galo Queer foi bloqueado e, em seguida, a página foi deletada pelo Facebook. De acordo com Nathália, o Facebook não deu qualquer justificativa sobre a exclusão da página, o que implicou na perda de todo conteúdo produzido desde 2013. Além disso, a perda do vínculo com as pessoas que curtiam e seguiam a página impactou significativamente no alcance das postagens, sendo necessária a reconstrução da página praticamente do zero:

Simplesmente um dia, em janeiro de 2016, eu fui entrar na página para fazer uma postagem e a página original não existia mais. E o Facebook faz isso de forma muito arbitrária, não tem nenhuma forma de você recuperar. A gente chegou a consultar um advogado na época, para pensar em resgatar a página, só que não valia a pena, que as chances da gente conseguir eram pequenas para um trabalho muito grande. Acho que isso foi um grande balde de água fria no movimento também. Qual é a minha teoria? O Facebook tem uma política muito forte contra *fakes*<sup>119</sup>. Eu acho que começaram a denunciar a página como *fake*, ou de alguma forma descobriram qual era o perfil que hospedava a página, e começaram a denunciar como *fake*. Porque as denúncias de que era um conteúdo impróprio não faziam sentido. No começo teve muita denúncia e a página não chegou a ser tirada do ar por causa disso. Mas acho que quando eles viram essa possibilidade do *fake*... Eu não sei, não sei se de fato foi uma investida contra a página, mas eu acredito que sim. Como é que uma página desaparece do nada? Eu acho que foi isso que aconteceu e na época a gente ficou muito em dúvida sobre como proceder, o que fazer, não conseguimos informação nenhuma e aí acabamos optando por criar uma nova página, mas essa página atual tem mais ou menos mil e poucas curtidas. Na outra a gente tinha mais de 10 mil. Então, o alcance da página diminuiu muito, foi uma perda muito grande (Nathalia, Galo Queer).

O “balde de água fria no movimento” refletiu-se na redução significativa das ações da Galo Queer no Facebook – com apenas 19 postagens ao longo de 2016 e um longo período sem qualquer atualização da página, entre junho de 2016 a fevereiro de 2017. Este episódio e outras experiências vividas na moderação da página da Galo Queer acabaram também afetando a relação de Nathalia com o futebol:

A Galo Queer acabou não ajudando em um certo sentido na minha relação com o futebol em si, mas eu acho que dá para resolver isso aí também, eu acredito que em alguns anos a situação vai estar diferente, como a situação já é diferente do que era quatro atrás. E quando o futebol for um espaço mais amigável para todos e todas,

<sup>118</sup> Comentário de são-paulino à postagem na qual a Bambi Tricolor critica frase de um diretor da Torcida Organizada Independente sobre a Bambi Tricolor em uma matéria publicada pela revista Placar. Postagem do dia 22/10/2013, que recebeu 97 curtidas, 18 comentários e 20 compartilhamentos. O link para acesso à postagem e aos comentários é: <https://www.facebook.com/BambiTricolor/photos/a.456985997715246.1073741828.456955007718345/540855135994998/?type=3>. Acesso em 30/09/2017.

<sup>119</sup> *Fake* em inglês significa “falso”. O termo é usado para denominar contas ou perfis usados em redes sociais digitais com o propósito de ocultar a identidade real de um usuário.

todas as minorias, eu vou me reconciliar com ele (Nathalia, Galo Queer).

Já em junho de 2016, os moderadores da página Palmeiras Livre tiveram seus perfis pessoais expostos e circulando entre pessoas ligadas à torcida organizada Mancha Alviverde, contrárias à existência da página. Tal fato ocorreu dias depois de uma postagem na qual o coletivo compartilhava uma notícia sobre a presença do deputado federal Jair Bolsonaro<sup>120</sup> em um jogo do Palmeiras, manifestando vergonha e decepção tanto com a sua presença em uma partida do time, como pelo fato deste ter se declarado palmeirense<sup>121</sup>.

O episódio teve a participação direta de uma figura influente ligada à Mancha Alviverde e mesmo à vida política do clube<sup>122</sup>, que se aproveitou da grande visibilidade do seu perfil pessoal no Facebook para incitar sua rede de amigos – que atinge a marca de cinco mil pessoas, limite máximo de amizades de um perfil no Facebook – a uma busca pelas pessoas responsáveis pela página Palmeiras Livre, alegando que se tratava de um absurdo o uso do Palmeiras para a manifestação de posicionamento político e ideológico – ainda que não tenha feito qualquer crítica ou questionamento à presença de Jair Bolsonaro em um jogo do Palmeiras.

O objetivo de tal ação, além de intimidar integrantes do coletivo Palmeiras Livre, era também o de mostrar que estes estavam sendo monitorados, reforçando que o ambiente do estádio não era um espaço seguro para a presença desses torcedorxs, tampouco para a exposição de seus símbolos e imagens que identificam o coletivo. Dessa forma, por meio da violência simbólica (BOURDIEU, 1989) – praticada, nesse caso, por homens cisgênero que se declaram publicamente como palmeirenses e heterossexuais –, pretendia-se reafirmar uma situação de domínio masculino do espaço de torcer e, por meio das ameaças e da intimidação, “domesticar” a quem se dispusesse a afrontar a norma que produz e demarca os sujeitos e os não sujeitos dentro de uma torcida:

<sup>120</sup> Deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro, cumprindo seu sexto mandato. É conhecido pelos seus posicionamentos conservadores, como, por exemplo, a defesa da ditadura militar no Brasil e de práticas de tortura contra presos políticos, além de declarações homofóbicas e machistas. Cotado para as eleições presidenciais de 2018, o seu nome tem obtido grande aceitação por uma parte significativa da população brasileira.

<sup>121</sup> Postagem feita em 03/06/2016. O link para acesso à postagem é: <https://www.facebook.com/PalmeirasLivre/posts/1116985478343134>. Acesso em 13/07/2016.

<sup>122</sup> A pessoa em questão, que mantém relacionamento estreito com conselheiros do clube, não terá seu nome citado, assim como a postagem feita em sua página pessoal e posteriormente apagada. Um de seus aliados é Wladimir Pescarmona, que em 2014 tentou se eleger presidente do Palmeiras, sendo derrotado por Paulo Nobre (que foi reeleito na ocasião). A campanha de Pescarmona buscou o apoio das organizadas, garantindo a elas benefícios como o custeio das viagens das organizadas em jogos fora de casa. Cabe destacar que Paulo Nobre cortou benefícios que eram tradicionalmente concedidos às torcidas organizadas do Palmeiras após episódios de violência contra jogadores. Mais informações no link: [http://espn.uol.com.br/noticia/462413\\_candidato-a-presidente-do-palmeiras-diz-que-nao-abandonara-organizadas-o-que-precisarem](http://espn.uol.com.br/noticia/462413_candidato-a-presidente-do-palmeiras-diz-que-nao-abandonara-organizadas-o-que-precisarem). Acesso em 16/07/2016.

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os “sistemas simbólicos” cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de [Max] Weber, para a “domesticação dos dominados” (BOURDIEU, 1989, p. 11).

Esse cenário culminou com ameaças feitas diretamente contra Thaís e os outros moderadores da página, mensagens diretas de intimidação, além de denúncias contra a página, que resultaram no bloqueio provisório desta pelo Facebook. Thaís relata a sensação de “medo real” vivenciada pela primeira vez ao longo da sua experiência como militante, o que exigiu algumas medidas para que tivesse maior segurança das suas informações na rede, além de um exercício de reflexão, seguido de posicionamento do coletivo:

Fiquei bem amedrontada. A gente conversou no grupo, falou: “Olha, a gente tem uma causa, a gente acredita em coisas, mas não temos vocação para mártir, vamos segurar um pouco”. Eu fiquei muito nervosa, com medo, tive que mudar nome no Facebook, oculte as minhas publicações para preservar a minha filha, meu namorado, minha família. Isso durou um mês, até eu me reestabelecer por completo. Eu fiquei com medo de ir em estádio e de me expor mais ainda, porque afinal de contas eu estou aí dando minha cara em nome do Palmeiras Livre. Mas o medo real dura 24 horas. Eu não queria publicizar, não queria falar nada. Mas o pessoal que acompanha a página, me acolheu, me deu força... Resolvemos fazer um texto para publicar na nossa página. A gente não vai mais... Não vai ficar com medo. Porque esse é o objetivo. Pessoalmente, fisicamente, não me fizeram nada, mas a gente não sabe quem são essas pessoas e do que elas são capazes de fazer. Eu fiz os meus contatos com pessoas ligadas diretamente a essa pessoa: ‘Ih, desencana, isso aí só ladra, não faz nada, não acontece nada’. Mas e pra acreditar? Afinal de contas, a pessoa não faz nada, mas ela manda fazer, ela incita a violência. O futebol mexe com muita emoção e dentro da torcida organizada a gente tem um público muito misto. A gente não sabe quem é cada um ali... A gente está até acostumado ao mesmo tipo de xingamento, sabe. “A Mancha tem que pegar vocês mesmo e enfiar a bandeira no cu para aprender a virar homem”. Dessas coisas pra baixo... **“Fica esperto, é melhor vocês não aparecerem no estádio...”**. Isso foi sempre muito genérico, nunca foi direcionado para alguém. Mas eles estavam falando para mim. **“Feminista peluda, sapatão”**. **“Ah, vou pegar para virar mulher”**. Aqueles clichês imbecis, sabe? Eu denunciei o crime na SaferNet, e me orientaram a ir diretamente na Delegacia de Crimes Virtuais mas eu não consegui, fiz só as denúncias pela internet. E também não sei se eu tava pronta ou a fim de me expor dessa forma. O quanto as pessoas dentro da delegacia vão estar preparadas pra me acolher referente a um ataque desse? Porque eu trabalhei muito tempo com violência contra a mulher e sei qual é o tratamento dentro de uma delegacia, mesmo especializada em mulher. Então, eu tenho receio de delegacia e, pessoalmente, foi uma barreira para mim (Thaís, Palmeiras Livre, grifo nosso).

Além da dificuldade de sensibilização do campo futebolístico, há também os obstáculos que envolvem a qualificação de tais discursos de ódio e de intimidação proferidos na rede como crimes passíveis de serem apurados e punidos, assim como o medo relacionado a outras situações e experiências cotidianas do que representa ser mulher ou pessoa LGBT na sociedade brasileira como, por exemplo, o ato de denúncia de um crime de violência de

gênero em uma delegacia de polícia, no qual a pessoa que sofre a violência vivencia situações de descrédito e de falta de respaldo e de uma rede de apoio para que leve adiante a denúncia e o processo.

Em pesquisa acerca do percurso brasileiro no que se refere ao processo de desnaturalização e de construção de políticas públicas para enfrentamento da violência contra a mulher – sobretudo a violência doméstica –, Silveira (2006) constata:

Apesar da recente multiplicação dos serviços de atenção à violência contra a mulher em nosso país, uma análise mais cuidadosa revela que eles ainda não foram incorporados a uma política de atenção à violência contra a mulher. Por esta razão, muitas vezes tratam-se ainda de iniciativas isoladas, implementadas sem a compreensão da complexidade do trato com a violência. Ao longo destes anos foi necessário aproveitar os momentos histórico e políticos favoráveis para a implantação dos serviços. Desse modo, a maior parte deles foi criada em condições precárias de funcionamento, contando principalmente com o compromisso militante das pessoas envolvidas (mesmo nas experiências governamentais), muito mais do que com recursos e apoio institucional efetivo (SILVEIRA, 2006, p. 46).

Ao mesmo tempo, por meio deste episódio é possível também inferir que o ciberespaço, lugar onde a visibilidade desses grupos e dos seus posicionamentos se faz possível, também é um campo de disputa. Se há discursos de ódio e tentativas de silenciamento e de intimidação, a tomada da palavra por esses grupos e os discursos que produzem, tem repercussão e também produzem desdobramentos que tem alcance para além das redes sociais.

De acordo com Carvalho (2015), que estudou experiências de ativismo por parte de pessoas trans e travestis nas redes sociais digitais e na internet, estes canais se constituem em importantes ferramentas de empoderamento e de construção de representatividade pelas quais pessoas em situação de maior precariedade constroem “regimes de visibilidade alternativos” às suas experiências e aos seus posicionamentos políticos, descolando-se das imagens e discursos preconceituosos e estigmatizantes.

Fazendo uma analogia com a situação dos coletivos e movimentos de torcedores contrários à homofobia e à misoginia no futebol, uma vez que estes se veem impedidos ou não se sentem seguros para demarcarem espaços nos estádios levando seus símbolos e mensagens, o ativismo digital que realizam pode ser entendido como uma forma de construção de visibilidade dos seus ideais, contribuindo para a criação de novos padrões para o torcer e fazer parte da experiência futebolística, buscando “diminuir, suprimir ou inverter a discrepância entre a identidade social virtual e a identidade social real” desses sujeitos (CARVALHO, 2015, p. 35):

Em um futuro hipotético, a gente quer ter um espaço... Mas não estou falando um espaço com uma bandeira que a gente saia esfregando na cara de todo mundo que

“olha, nós somos isso aqui”, igual uma torcida organizada faz. Mas um espaço em que a gente possa se reunir, possa ver o jogo do Palmeiras, possa conversar no pré-jogo, no pós-jogo. No último jogo a gente conseguiu reunir algumas pessoas. A gente reuniu 4, 5 pessoas. Foi super legal. Então que isso aconteça mais vezes e que isso aconteça com mais pessoas, entendeu? Que mais pessoas que pensem como a gente e que tenham os mesmos anseios se reúnam e comecem a ocupar o espaço físico do futebol para que isso comece a mudar. Uma coisa sou eu sentado na arquibancada me incomodando com o cara do meu lado gritando “bicha” em um tiro de meta. Eu vou, no máximo, falar “Para de gritar, pô!” e vai ficar por isso mesmo. Se o cara quiser parar ele para, mas se ele não quiser, vai continuar gritando e eu não vou poder fazer nada, porque o cara está gritando ali e eu não posso fazer nada. Mas acho que quando forem mais pessoas talvez esse comportamento mude, entendeu? Quando são 5 pessoas falando “Ow, olha o jogo!”, a pessoa vai parar. Eu acho que quando tem várias pessoas juntas o ambiente fica melhor, fica uma coisa diferente. Porque você está entre pessoas que você se identifica ali. Pessoas que você pode falar abertamente das suas questões, você pode ser você, não precisa ficar cheio de dedos. Pelo menos eu espero que isso possa acontecer um dia (Erick, Palmeiras Livre).

## 4.2 MOVIMENTO TODA PODEROSA CORINTHIANA: O FEMINISMO NA ARQUIBANCADA

“[NOTA DE REPÚDIO]

O Movimento Toda Poderosa Corinthiana vem às redes sociais para mostrar seu repúdio à capa do jornal esportivo Lance! de hoje, dia 24 de março. Entre tantos destaques do futebol na noite da quarta-feira, optou-se por expor, mais uma vez, a mulher de maneira sexualizada e objetificada. [...] Esse tipo de manifestação por parte da mídia apenas ressalta uma dívida histórica da sociedade para com as mulheres, sejam elas torcedoras ou jogadoras, que por décadas foram tratadas como um “não público-alvo” do esporte, proibidas e boicotadas. Enquanto milhares de mulheres seguem seus times por paixão à camisa ou dedicam uma vida como profissionais em campo, é ainda preciso diariamente fazer mais: lutar contra o machismo e a invisibilidade seletiva. [...] Acreditar que essa capa pode oferecer representatividade para as mulheres no futebol é reforçar estereótipos apenas sob a ótica masculina e ignorar o esforço de tantas vozes. Representatividade, para nós, extrapola sim as quatro linhas, mas jamais caberá dentro de um sutiã.

MOVIMENTO TODA PODEROSA CORINTHIANA

#AcordaLance #RepudioaoLance #mtpc #EmpoderamentoDasArquibancadas”<sup>123</sup>

No dia 24/03/2016, a capa da edição de São Paulo do diário esportivo Lance!<sup>124</sup>, um dos principais diários esportivos do país, fez referência à vitória corinthiana sobre o time do São Bernardo em partida do Campeonato Paulista daquele ano. Com o título “Fez Bonito!”, a manchete de capa dizia: “Musa do São Bernardo dá show, mas na bola quem manda é o Timão, que vence mais uma!”. Ocupando o lugar de maior destaque na capa, há uma foto da

<sup>123</sup> Extraído da primeira postagem feita pelo MTPC em 24/03/2017, que recebeu 924 curtidas, 103 comentários e 338 compartilhamentos. Disponível em: <https://www.facebook.com/movimentotodapoderosacorinthiana/photos/a.207046452993754.1073741828.207037396327993/207046436327089/?type=3>. Acesso em 25/03/2016.

<sup>124</sup> Diário esportivo criado em 1997, com sede no Rio de Janeiro, e com versões regionais em diferentes partes do país, inclusive em São Paulo. Além do jornal diário, o Lance! também tem um site no qual veicula notícias do esporte: [www.lance.com.br](http://www.lance.com.br). A página do diário no Facebook tem mais de 3 milhões de curtidas: <https://www.facebook.com/grupolance/>. Acesso em 05/10/2017.

“musa do São Bernardo”, vestindo saia curta e top decotado. No canto da página, uma foto menor mostra jogadores do Corinthians comemorando um dos gols da vitória do time.

Figura 8 – Capa do Jornal Lance!, do dia 24/03/2016



Fonte: Lance!

Tal capa dá uma mostra de uma prática por muito tempo corrente no jornalismo esportivo brasileiro, que é a objetificação das mulheres, por meio, por exemplo, de patrocínio a concursos de beleza com as “musas”, “gatas” dos times de futebol e de seções dedicadas à apresentação das “musas dos esportes”, em que mulheres jovens são expostas em fotos e vídeos de conotação sensual. Tais conteúdos deixavam explícita uma concepção heteronormativa na qual o homem heterossexual seria o interlocutor e consumidor padrão desses veículos de comunicação. Silva (2016) apresenta um exemplo da década de 1950, que ajuda a entender como se formou tal representação da mulher pela crônica esportiva:

Conforme se viu, a objetificação do corpo feminino já era corriqueira com certas mulheres nos anos 1950. *A Gazeta Esportiva Ilustrada*, primeira revista paulista especializada em esportes, iniciava, logo em seu número um, datado de 1953, uma tradição: na contracapa do periódico se publicava uma atleta de qualquer modalidade em pose sensual, vestida com trajes sumários de sua modalidade e acompanhada dos dizeres “Pra quê legenda?”. Comumente apareciam reportagens de duas ou mais páginas sobre a vida de moças que seriam indicadas ao prêmio “a mais bela

esportista”, algumas das quais sequer praticavam esportes. Essas matérias eram acompanhadas de fotos que exaltavam a beleza física das moças e textos que reafirmavam estereótipos de feminilidade, como graça, delicadeza, vaidade e preocupação com o próximo. Algumas delas já nem mencionavam qualquer prêmio, apenas se propunham a apresentar belas esportistas (SILVA, 2015, p. 31).

Em razão do crescimento da participação das mulheres no campo futebolístico, inclusive como consumidoras dos conteúdos publicados sobre o jogo, tais concursos de beleza e seções dedicadas às musas deixaram de ser uma prática corrente do jornalismo esportivo. Ainda assim, a alusão à figura da “musa”, explorando a imagem de atletas e mesmo de torcedoras é ainda constante e fica evidente na capa em questão.

Diante da indignação causada pela capa e em sintonia com movimentos e ativismos feministas contemporâneos, um grupo de mulheres corinthianas, que estava começando a se organizar e pensar as suas estratégias de atuação, viu a oportunidade de se apresentar ao público e colocar em prática o seu ideal de questionar e combater as desigualdades de gênero e ampliar a representatividade das mulheres dentro do Corinthians. Assim, surgia o Movimento Toda Poderosa Corinthiana (MTPC)<sup>125</sup>, cuja primeira postagem foi a nota de repúdio ao Lance!:

Nós juntamos uma equipe de nove mulheres para fazer a apresentação no teatro do Corinthians sobre o Gênero Mulher. E nessa de pesquisar, a gente viu tanta falta de representatividade. Fomos atrás da história da Elisa, que é a nossa torcedora-símbolo, e não tem quase nada documentado e você não vê a história da mulher, nem no Corinthians e nem em nada, né. Nós fizemos a nossa apresentação no dia 19 de março, foi muito legal e durante as nossas reuniões, já começamos a ter ideias de montar um grupo de mulheres corinthianas e desvincular do Núcleo de Estudos do Corinthians (NECO)<sup>126</sup>, que está dentro do Corinthians. Tem questões políticas que a gente não pode falar dentro do clube. Ai a Moniquita [uma das moderadoras do coletivo] falou: “No Orkut, a gente tinha um grupo chamado Toda Poderosa Corinthiana. Vamos montar, porque morreu esse movimento”. Nem era um movimento feminista, era um movimento de mulheres corinthianas. A gente falou: “Legal! Vamos fazer a nossa apresentação, depois a gente lança um grupo fechado no Facebook, chamado Movimento Toda Poderosa Corinthiana”. Fizemos a nossa apresentação e esse dia foi muito legal, porque além da apresentação, a gente reinaugurou o monumento da Elisa, dentro do Corinthians. [...] No dia seguinte, a gente montou o grupo fechado do Movimento Toda Poderosa Corinthiana, no Facebook, e começamos a chamar as amigas. No domingo à noite, já tinha 300 mulheres dentro do grupo. A gente falou que era um grupo para discutir questões das mulheres dentro do clube, as dificuldades, o preconceito... Nessa semana, na quarta-feira, teve um jogo entre Corinthians e São Bernardo e, no mesmo dia, teve o

<sup>125</sup> Página criada em 24/03/2016, que traz o seguinte texto de apresentação: “O MTPC nasceu da vontade de um grupo de torcedoras de mudar o preconceituoso, sexista e segregatório mundo que é o futebol. Não somos uma torcida organizada, somos um coletivo de mulheres corinthianas de todas as torcidas, organizadas ou não, etnias, idades, estados e países que têm em comum os mesmos objetivos: justiça e igualdade nas arquibancadas”. A página do MPTC tem 5305 curtidas (dado de 10/10/2017). Endereço da página: <https://www.facebook.com/movimentotodapoderosacorinthiana>.

<sup>126</sup> O Núcleo de Estudos do Corinthians (NECO) foi criado em maio de 2015. O objetivo do núcleo é estudar a relevância histórica, social e cultural do Corinthians e construir conhecimentos sobre a história do Corinthians em suas relações com a sociedade brasileira. O endereço do NECO no Facebook é: <https://www.facebook.com/necocorinthians/>.

futebol feminino do Corinthians que jogou em Manaus com 15 mil pessoas na Arena Manaus. Ou seja, duas baita manchetes! Quinta-feira de manhã, a gente acorda, e a Rô Siqueira [outra moderadora do MTPC] – porque a gente tinha um grupo das moderadoras do Movimento no whatsapp, que a gente mantém até hoje – mandou mensagem falando assim: “Olha a capa do jornal Lance!” A capa era a cheerleader do São Bernardo, topzinho, sainha, com pomponzinho, escrito: “Deu show!” [...] Aí a gente: “Olha isso! Vamos falar sobre isso? Vamos fazer uma carta de repúdio?” “Vamos!”. Eu virei e abri a página do Movimento no Facebook, porque até então era um grupo fechado. Abrimos a página do Movimento Toda Poderosa Corinthiana com a nota de repúdio à capa da Lance! Meu, foi uma loucura! [...] Foram rádios do Brasil inteiro entrando em contato com a gente, jornais. “Quem são vocês?”. Foi um boom (Analu, MTPC).

A criação do MTPC acontece em meio ao crescimento de campanhas e ações elaboradas por organizações e coletivos feministas que têm se utilizado do potencial das redes sociais digitais para dar visibilidade a questões relacionadas ao machismo e a situação das mulheres na sociedade brasileira, dentre elas, a desigualdade de gênero e a violência contra as mulheres. A repercussão desses ativismos contribui para a ampliação do empoderamento feminino e também para a desnaturalização de situações de violência ou opressão tratadas como comuns no cotidiano.

Campanhas que fazem uso de hashtags<sup>127</sup>, como #meuprimeirassédio<sup>128</sup> e #meuamigosecreto<sup>129</sup>, alcançaram grande repercussão inicialmente nas redes sociais digitais e posteriormente, converteram-se em pautas que extrapolaram o ciberespaço e que se tornaram em temas de debates públicos na mídia e em outras esferas da sociedade. Freire (2016) trata tais campanhas e ações feministas nas redes sociais digitais, como “memes<sup>130</sup> de ação popular”:

Campanhas como #elenãotebatemas... #meuamigosecreto e #meuprimeiroassédio são dotadas de uma capacidade persuasiva que se caracteriza por uma construção coletiva de sentido, mobilizando o cidadão comum. Sendo assim, se constituem como influenciadores de comportamentos, fazendo com que os outros usuários também queiram se engajar e replicar tais condutas (FREIRE, 2016, p. 28).

<sup>127</sup> De acordo com Wittekind (2016, p. 28), a hashtag é um símbolo “que permite que os conteúdos debatidos sejam localizados por qualquer seguidor [de uma determinada rede social] que se interesse pelo assunto. As hashtags surgem como links que os usuários podem clicar e automaticamente são direcionados ao assunto pesquisado, fazendo que essas interações não fiquem limitadas a um número “x” de seguidores. Esse recurso fez com que os debates feministas saíssem dos coletivos e fossem vistos por um número de usuários maior”.

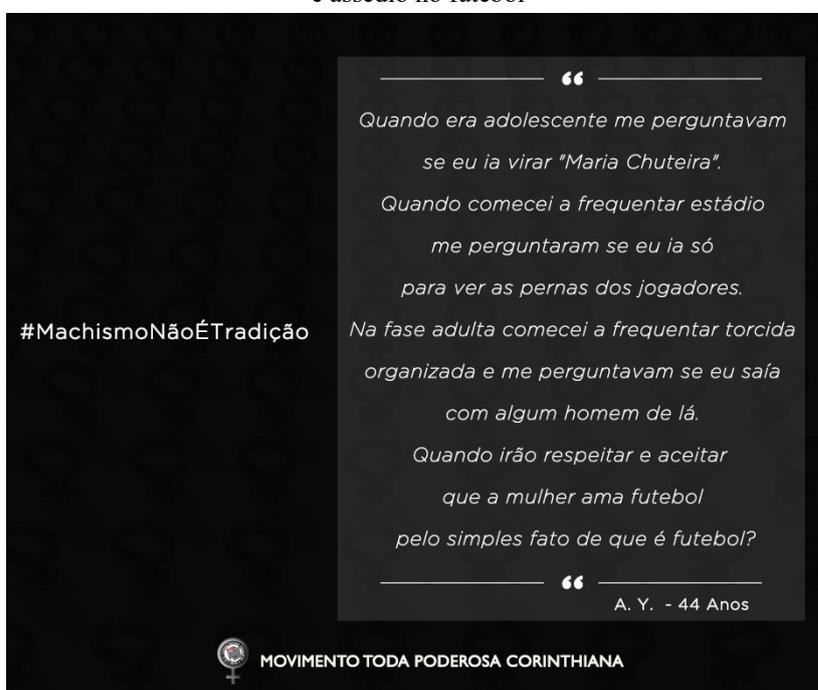
<sup>128</sup> Campanha criada pela ONG feminista Think Olga, teve início em função de comentários de teor sexual, publicados em redes sociais, dirigidos a uma criança de 12 anos, participante do reality show MasterChef Júnior. A campanha incentivava mulheres a relatarem seus primeiros casos de abusos e/ou assédio por meio da #meuprimeiroassedio.

<sup>129</sup> Campanha criada pelo coletivo Não Me Kahlo com o objetivo de incentivar as mulheres a expor comportamentos invasivos, abusivos e sexuais que já haviam vivenciado feitos por companheiros, amigos, familiares e colegas de trabalho. Apesar de serem situações que se configuram como opressão de gênero, eram, muitas vezes, consideradas como “brincadeira” pela sociedade (WITTEKIND, 2016, p. 32).

<sup>130</sup> De acordo com Freire (2016, p. 27-28), “um meme é sempre um conjunto (ou um acervo) de conteúdos, que, além de se espalhar, ganha versões e tem o seu significado alterado, reapropriado. Diferentemente do viral, que compreende uma unidade cultural propagada na web, o meme é sempre carregado de sentidos e referências”.

Utilizando-se de tais estratégias, como pode ser visto no exemplo da postagem da nota de repúdio ao Lance!, o MTPC construiu a sua visibilidade nas redes sociais, atraindo, assim, outras mulheres corinthianas para se juntarem ao movimento. Além da página pública, atualmente o MTPC conta com um grupo de aproximadamente 600 corinthianas, que participa de uma comunidade fechada no Facebook, construindo um importante canal de interlocução com mulheres que vivenciam o seu torcer pelo Corinthians de diversas formas e em diferentes lugares.

Figura 9 – Uma das mensagens encaminhadas à Campanha #MachismoNãoÉTradição, feita pelo MTPC, com o objetivo de apresentar relatos de mulheres torcedoras, profissionais e atletas que viveram situações de machismo e assédio no futebol



Fonte: Movimento Toda Poderosa Corinthiana (Facebook) <sup>131</sup>

O coletivo tem a sua história ligada ao Núcleo de Estudos Sobre o Corinthians (NECO), formado em maio de 2015 e que está vinculado ao Departamento Cultural do Corinthians. Meses depois da criação do NECO, foi proposta a realização de uma pesquisa e um debate sobre a pauta da representatividade das mulheres no Corinthians. Analu, corinthiana, sócia do clube, apresentadora da Rádio Coringão<sup>132</sup> e uma das fundadoras do movimento, foi uma das convidadas a fazer parte do grupo de mulheres incumbido de realizar

<sup>131</sup> O link para acessar a postagem é: <https://www.facebook.com/movimentotodapoderosacorinthiana/photos/a.207046452993754.1073741828.207037396327993/387665571598507/?type=3&theater>. Acesso em 01/10/2017. Para acessar outros relatos enviados para esta ação do MTPC é necessário fazer a busca pela #MachismoNãoÉTradição no Facebook.

<sup>132</sup> Trata-se de web rádio que dedica toda a sua programação ao Corinthians em todas as modalidades. O endereço para acesso à Rádio Coringão é: <http://www.radiocoringao.com.br/>.

essa pesquisa. Após a apresentação dos resultados, que aconteceu na própria sede do clube, o grupo de mulheres, até então vinculado ao NECO, decidiu se articular de forma autônoma e independente, com o objetivo de promover mudanças na forma como o clube se posicionava e dispensava tratamento às mulheres, tanto em relação às torcedoras, como também no que se refere ao estímulo e ao desenvolvimento do futebol feminino e de outras modalidades esportivas praticadas pelas mulheres:

O Movimento Toda Poderosa Corinthiana surgiu de um Núcleo de Estudos sobre o Corinthians (NECO). Esse Núcleo de Estudos foi apresentado lá no teatro, em março desse ano (2016). Nós éramos em nove mulheres, que foram convidadas para desenvolver o Núcleo de Estudos Gênero Mulher. Quando nós fizemos a apresentação, nós sentimos necessidade de montar um coletivo de mulheres. E aí nós montamos o Movimento Toda Poderosa Corinthiana, a princípio foi um grupo fechado no Facebook e a gente sentiu necessidade de montar uma página aberta para divulgar o nosso trabalho. A princípio, quando a gente começou, nós éramos em nove. Ao longo disso, a demanda começou a crescer e cresceu muito, a gente sentiu a necessidade de chamar mais mulheres que participavam do grupo fechado, para ajudar na coordenação do movimento. Foi aí que entrou a Petúnia e mais outras mulheres. Então, hoje, somos em 12, 13 mulheres coordenadoras. E provavelmente no ano que vem a gente vá ter que chamar novas colaboradoras... (risos) É muito trabalho, cresceu demais de uma hora pra outra, a gente não imaginava. Na verdade, a nossa intenção era um grupo fechado no Facebook para trocar experiências sobre Corinthians, sobre arquibancada, sobre torcidas, sobre machismo e, de repente, o negócio tomou uma proporção que a gente não imaginou que ia tomar, de tanta responsabilidade. Então, a gente tem o grupo fechado e por trás, temos as coordenadoras e moderadoras para uma estar ajudando a outra (Analu, MTPC).

Denise, uma das coordenadoras do movimento, deixa bastante claro o principal foco do coletivo: “A nossa bandeira é a mulher. A mulher no futebol, sim, mas a mulher acima de tudo!”. Atualmente, 13 mulheres compõem o núcleo de colaboradoras do MTPC, responsável pela moderação da página e produção das postagens publicadas, além de cuidar da organização das atividades do coletivo. Esse núcleo é composto majoritariamente por mulheres com vivência nas arquibancadas e mesmo no dia-a-dia do clube Corinthians.

Para as integrantes do coletivo entrevistadas, a torcida organizada é definida como o universo no qual se vivencia mais intensamente o futebol e nela reside a “essência” do que é ser Corinthians. Além disso, de forma distinta aos coletivos que se apresentavam como torcidas livres e *queer*, o processo de formação política dessas mulheres deu-se por intermédio das relações e experiências vividas dentro do campo futebolístico:

Eu sou dos Gaviões da Fiel e devo muito aos Gaviões da Fiel, porque foi aí que eu pude conhecer realmente a essência do Corinthians, a torcida. Foram os Gaviões da Fiel que me trouxeram até o Pacaembu e comecei a vir em todos os jogos com os Gaviões da Fiel. Hoje em dia, ainda continuo sócia dos Gaviões da Fiel, mas não sou mais ativa na torcida organizada. Mas eu acredito que quando você é torcida, você é torcida para o resto da vida. Eu sempre vou defender muito Gaviões da Fiel e qualquer outra torcida organizada, porque estive lá dentro e eu conheço o trabalho e as pessoas. Lá realmente eu conheci o que é ser corinthiana, em toda essência, em todo o amor e a paixão (Analu, MTPC).

Como eu já fugia aos 15 anos para vir ao Pacaembu, procurava sempre ficar naquela arquibancada ali [a arquibancada verde], ao lado da amarela, cor de alface... Porque ficava perto da amarela onde estavam os Gaviões. Eu sempre tive vontade, mas como eu morava longe, ficava meio que difícil. Enfim, eu fui galgando, fui abrindo meu caminho, e você vai fazendo amizade com um, faz amizade com outro, até que a minha vida deu uma reviravolta. Eu casei. Casei, tive filha - minha filha hoje está com 35 anos, graças a Deus. Eu fiquei só quatro anos casada, meu marido sofreu um acidente e morreu e eu fui cuidar da minha filha. Aí eu já não ia mais para o estádio, fiquei sozinha, não me casei mais, e foram raras as vezes em que fui ao estádio e fui perdendo todos os contatos do pessoal, porque naquela época não tinha telefone à vontade, celular, não tinha internet. A minha filha, graças a Deus, se formou na faculdade e aí eu falei: “Pronto, praticamente cumpri com a minha obrigação de mãe, já botei o meu ser humano num nível legal na vida, que já pode se virar. Agora vou fazer o que eu quero, o que eu realmente gosto.” Que foi voltar a ter contato com os Gaviões, depois de vários anos afastada, sem ir aos jogos e ir nos Gaviões. Aí eu retomei e foi exatamente quando, infelizmente, nós caímos em 2007. Falei: “Eu vou para todos os jogos da Série B, porque o meu Corinthians merece!”. Nisso que me associei e comecei a pegar todos os ingressos, fui retomando as amizades, fazendo outras com os Gaviões, aí comecei a ir para a sede, a quadra dos Gaviões, no Bom Retiro, e voltei com a corda toda, com todo o gás, com toda a vontade, fazendo muitas amizades. Sou associada aos Gaviões até hoje, fiz muitos amigos mesmo dentro dos Gaviões. Porque lá dentro nós temos um respeito muito grande, as pessoas realmente se respeitam, tem muita coisa boa que quem tá de fora não enxerga. Muitas ações muito boas, como doações de sangue, doações de cesta básica, ajuda a muitas famílias e eu fui cada vez me envolvendo mais, porque é um mundo que a gente realmente quer que seja pra todos, que todos participem daquele mundo, porque é muito bom, pessoas fazendo coisas boas para outras e isso realmente acontece muito (Petunia, MTPC)

O Corinthians tem essa ligação. A gente tem essa coisa histórica, de Sócrates subir em palanque na época das Diretas, de entrar com faixa no estádio pela anistia, então já tem essa cara histórica do time. O coletivo que algumas de nós fazemos parte, o [Coletivo] Democracia Corinthiana, que é terminantemente contra tudo o que aconteceu [referindo-se ao golpe parlamentar que culminou no impeachment da presidenta Dilma Rousseff], foi muito criticado por levantar essa bandeira pelo corinthiano que não tá contra isso. Mas pera aí! O Corinthians tá sempre ali ligado... A gente brinca que quem fala que futebol e política não se misturam, não entende nem de uma coisa, nem de outra (risos). Mas a gente tem uma grande carga histórica, um grande jogador, ídolo do nosso time, era um cara que subia no palanque, igual a Analu fez, e dizia: “A gente quer votar!” Então, não dá para você ignorar isso, não dá pra você ignorar pessoas como o Wladimir [ex-jogador do Corinthians e um dos mentores do movimento Democracia Corinthiana]. O Wladimir caminha nas passeatas com o pessoal do coletivo (Denise, MTPC).

Porém, o fato de ser mulher fez com que essas torcedoras se deparassem com interdições e estigmas no relacionamento com diferentes atores sociais do campo futebolístico. De acordo com Moore (1994), é no plano da cultura, por meio dos discursos sobre sexualidade e gênero, que se materializam as normas que estabelecem as diferenças entre ser homem e mulher, assim como as características e comportamentos que definem o que é masculino e o que é feminino:

Discursos sobre sexualidade e gênero constroem mulheres e homens como diferentes tipos de pessoa. Um exemplo muito óbvio disso na cultura ocidental é a forma que a sexualidade masculina e os homens são retratados como ativos, agressivos, confiantes e poderosos; enquanto a feminilidade e as mulheres são vistas

como essencialmente passivas, fracas, submissas e receptivas. O fato interessante sobre tais construções é que elas têm relação superficial com comportamentos, qualidades e atributos individuais de mulheres e homens. Discursos sobre gênero são potentes precisamente porque, entre outras coisas, eles engendram mulheres e homens como pessoas definidas pelas suas diferenças (MOORE, 1994, p. 138-139, tradução minha)<sup>133</sup>.

A desnaturalização dessas normas que visam a manutenção de privilégios masculinos e das violências simbólicas (e, por vezes, concretas) foram fundamentais para que essas mulheres corinthianas se posicionassem contra as barreiras e estigmas que caracterizam um contexto de desigualdade de gênero. Os relatos a seguir mostram as percepções e vivências que expõem estigmas e obstáculos colocados às mulheres que adentram no campo futebolístico:

Dentro do Movimento, nós temos muitas integrantes de torcidas organizadas, independente dos Gaviões. E muitas integrantes do movimento nem são de torcidas, são torcedoras que assistem pela televisão, são mundos totalmente diferentes, visões totalmente diferentes. As torcidas organizadas, e isso eu já tô falando no geral, não aceitam mulher se candidatar ao conselho. Na bateria, por exemplo dos Gaviões da Fiel, a mulher não pode tocar qualquer tipo de instrumento. A mulher não pode conduzir, não pode tocar na bandeira. [...] Sendo que há 15, 20 anos, a responsável pelo departamento de bandeiras era uma mulher. O que aconteceu? Em algum momento, eu acho que na década de 1980, 90, que começaram essas proibições. Porque na verdade, os Gaviões da Fiel quando foi fundado [sic], e um dos fundadores foi o Flávio La Selva. Sempre digo que ele era um homem que estava a frente do tempo dele. Quando ele criou os Gaviões da Fiel, a essência era muito diferente que é hoje em dia. Eu tenho certeza que se Flávio La Selva estivesse vivo hoje, não teria essa série de proibições, porque ele não concordava com esse tipo de coisa. Para ele, homem e mulher, eram todos iguais e tinham que ser tratados igualmente, porque eram torcedores, independente do gênero. Mas ao longo dos anos nos Gaviões, se perdeu isso e começaram as proibições. Infelizmente, não só os Gaviões, mas outras torcidas não só do Corinthians, mas a gente ouve de torcedoras do Sul, do Náutico, do Flamengo, do Ceará, todas sofrem com isso, porque o futebol no Brasil é um esporte masculino, é para homem. Aqui no Brasil, a mulher tem que gostar de vôlei (Analu, MTPC).

Eu me formei em Jornalismo. Quando escolhi a minha profissão, queria uma forma de ficar perto do Corinthians. Porque antes de fazer faculdade, isso atrapalhava um pouco meu trabalho. Em alguns momentos eu passava o dia em função do jogo da noite. Aí eu pensei: “Cara, como é que eu vou juntar isso? Todo mundo não fala que eu escrevo bem? Então, vou fazer Jornalismo”. Na hora, pareceu uma boa ideia. (risos) Fiz, comecei a fazer estágio e caí de paraquedas numa vaga de estágio em Esportes. Fiz 53 entrevistas, trabalhei num jornal grande, fiz entrevista com o editor-chefe, editor-geral, editor-executivo... E para vocês terem uma noção de como ele me ouviu, seis meses depois, fui trabalhar com uma camisa de time e ele me perguntou se eu gostava de futebol... Pra quem me conhece, não é muito difícil saber. Trabalhar em um ambiente de jornalismo comum é horrível! Você é

<sup>133</sup> O trecho original em inglês diz: “Discourses about sexuality and gender construct women and men as different sorts of persons. One very obvious example of this in many western cultures is the way that male sexuality and persons of the male gender are portrayed as active, aggressive, thrusting and powerful; while female sexuality and persons of the female gender are seen as essentially passive, powerless, submissive and receptive. The interesting fact about such constructions is that they have only the most tangential relation to the behaviours, qualities, attributes and self-images of individual women and men. Discourses about gender are powerful precisely because, amongst other things, they engendered women and men as persons defined by difference” (MOORE, 1994, p. 138-139).

subestimada todo tempo. Nunca você vai ter uma coisa grande e quando tem, vai ter uma parte pequena. E você nunca vai estar na linha de frente de uma cobertura, vai sempre ser uma coadjuvante. Admiro muito as mulheres que conseguem vencer, tipo a Fernanda Gentil, que além de ser uma boa jornalista, tem um carisma muito grande, trabalha na TV. Agora numa mídia impressa, vencer naquele ambiente, de uma editoria em que de 26 profissionais, seis serem mulheres, e o editor tratá-las, palavras dele: “Esses são meus enfeites” É muito difícil! Estar aqui é uma grande vitória e é uma vitória a cada dia. A gente fala isso, as pessoas acham que a gente é exagerada, mas não é. Tanto que quando você está no trabalho, você é subestimada, aí você está no seu momento de lazer e é subestimada de novo... E aí você se pergunta: “Por quê? O que eu fiz de errado?” (Denise, MTPC).

O grupo do MTPC, que reúne cerca de 600 mulheres, atua também como um grupo de empoderamento de mulheres corinthianas de diferentes lugares e vivências com o torcer. Nele são acolhidos relatos de mulheres que sofreram assédios e violências dentro de estádios ou em sociabilidades construídas dentro do campo futebolístico, cumprindo, assim, uma função de um grupo de apoio a essas mulheres:

No grupo teve um caso de uma moça que depois me ligou. “Ai, me passa o seu telefone para desabafar”. Naquele grupo fechado, que são 600 mulheres, tem muitas que não conheciam ninguém, então, elas se sentem acolhidas, principalmente, mulheres corinthianas fora do estado de São Paulo, fora da cidade de São Paulo. Então, a gente vê mulheres do Norte, do Nordeste falando: “Nossa, que demais! Eu tô me sentindo tão bem em estar aqui...” Porque se é um universo masculino dentro de São Paulo, imagine você no Norte, no Nordeste ou em uma cidade do interior, como é que é esse universo? Ainda mais porque você não torce para o time do seu estado, você torce para o Corinthians... (Analu, MTPC).

Assim como a postagem contrária à capa machista do jornal Lance!, em outras ocasiões o MTPC fez postagens questionando as interdições às mulheres no futebol e no próprio Corinthians, assim como respondeu comentários e posicionamentos machistas de atores sociais do campo futebolístico, inclusive de dentro do próprio Corinthians. Em 30/05/2016, o MTPC fez uma postagem condenando o comportamento do goleiro reserva do clube, Matheus Vidotto, que compartilhou em suas redes sociais conteúdos de páginas que produzem memes de conotação machista e homofóbica, ironizando debates como o do racismo, do bullying e da cultura do estupro na sociedade brasileira. Na postagem, o MTPC cobra a tomada de providências por parte do clube em relação a tal comportamento do atleta, que não seria condizente com o histórico do próprio clube:

O Movimento Toda Poderosa Corinthiana enviou hoje, a diversos contatos dentro do Corinthians, sua insatisfação a respeito das postagens machistas e misóginas do atleta Matheus Vidotto. Ao receber críticas de torcedoras, os posts foram apagados ou configurados como privados. Em nome de todas as torcedoras corinthianas que lutam contra o machismo no futebol, pedimos não só uma resposta do clube e do atleta sobre as mensagens negativas em seu perfil do Facebook, como também solicitamos um comprometimento do Corinthians na discussão do tema com todos aqueles que carregam o escudo alvinegro no peito, seja ele um torcedor, um jogador, diretor, patrocinador ou profissional envolvido no clube. Não toleraremos que atletas do Time do Povo espalhem mensagens preconceituosas, seja qual âmbito for.

Historicamente, o Corinthians sempre esteve e está ao lado das lutas sociais e no combate ao preconceito. Esperamos uma retratação do atleta sobre o assunto. Já do Corinthians, esperamos também que a conscientização aconteça sem precisar que movimentos e páginas da internet questionem e que o combate ao machismo seja parte da rotina do Time do Povo. Só assim podemos mudar esse cenário no esporte<sup>134</sup>.

A repercussão do caso motivou uma nota feita pelo próprio Vidotto, que criticou os comentários “desagradáveis” que recebeu, alegando que estavam ferindo o seu direito de liberdade de expressão. Ele faz alusão à Democracia Corinthiana para dizer que, graças à democracia, conseguimos a “liberdade para expressar opiniões políticas e culturais”<sup>135</sup>. Dois dias depois, a página do MTPC postou uma carta aberta, feita em parceria com o Coletivo Democracia Corinthiana, respondendo a nota feita por Vidotto, tendo como mote a sua menção à Democracia Corinthiana para defender o direito de emitir a opinião que quisesse. Determinado trecho da carta diz o seguinte:

Caro Matheus, a liberdade é sagrada. Mas precisa ser medida e pensada. Se seu exercício ameaça uma vida, um conjunto de cidadãos ou mesmo um ecossistema, deve-se esperar uma reação da sociedade. Foi o que ocorreu no seu caso, de forma justa, pela ação de mulheres, membros da comunidade LGBTT e membros de etnias não brancas e europeias. Você reclama do tempo atual e das regras de civilidade hoje estabelecidas. Mas, creia-nos, caro atleta, que era pior quando os irmãos negros sofriam na chibata, quando as mulheres não tinham direito a voto e quando a fogueira era o destino de quem vivesse a homoafetividade<sup>136</sup>.

Mantendo vínculos com torcidas organizadas do Corinthians, o MTPC não se furtou de fazer postagens críticas às restrições às mulheres em uma torcida organizada, mesmo se tratando de uma organizada do Corinthians e, por vezes, envolvendo “amigos da arquibancada”. Em maio de 2016, o MTPC expôs na sua página um informativo distribuído por uma subsede da torcida organizada Estopim da Fiel aos seus associados/as, com orientações sobre como estes/as deveriam se comportar e se apresentar nos jogos. Com forte conteúdo machista e também homofóbico, o informativo foi duramente criticado pelo MTPC, que repudiava, dentre outras coisas, a tentativa “de diretores e membros de torcidas dizer o que as mulheres devem ou não vestir nos estádios”:

O Corinthians é o time do povo. Por povo, entendemos homens e mulheres, pobres e ricos, brancos e pretos. Em tempos de intenso combate ao preconceito e discriminação na sociedade como um todo, não podemos deixar passar em branco

<sup>134</sup> Postagem que teve 215 curtidas, 73 compartilhamentos e 50 comentários públicos. O link para acesso à postagem e aos comentários é: <https://www.facebook.com/movimentotodapoderosacorinthiana/posts/244840932547639>. Acesso em 25/05/2017.

<sup>135</sup> A declaração na íntegra do goleiro Matheus Vidotto está disponível em: <http://www.eotimedopovo.com.br/2016/05/matheus-vidotto-e-chamado-de-machista-e-misogino-por-movimento-de-mulheres-corinthianas.html>. Acesso em 28/09/2017.

<sup>136</sup> Post do dia 01/06/2016, que recebeu 198 curtidas, 32 comentários e teve 46 compartilhamentos. O texto da carta aberta na íntegra está disponível em: <https://www.facebook.com/movimentotodapoderosacorinthiana/posts/245799209118478:0>. Acesso em 24/09/2017.

atitudes segregadoras dentro da nossa própria torcida. A repressão vai contra a nossa essência, ao ethos corinthianista. Baseadas nesses ideais, nos posicionamos contra o informativo distribuído pela sub sede Zona Sul da Estopim da Fiel Torcida. É inaceitável que esse tipo de ideal seja disseminado entre os nossos. **Homofobia é crime, e o machismo não pode passar. Não é direito de diretores e membros de torcidas dizer o que as mulheres devem ou não vestir nos estádios. Nós estamos lá pelo Corinthians, para o Corinthians.** Enquanto as torcidas estiverem preocupadas em ditar a cartilha do "bom" torcedor, problemas muito mais sérios como a perseguição das organizadas pelo MP e por políticos com interesses escusos, as contas do Estádio, os valores dos ingressos, as eliminações do Corinthians em mata-mata e a má administração do clube, perdem espaço de discussão. **É preciso se politizar sim, e desconstruir certos mandamentos.** O Corinthians é preto, é branco, é tradição, e jamais deixaremos que seja preconceituoso e opressor. Movimento Toda Poderosa Corinthiana (grifo nosso)<sup>137</sup>.

Figura 10 – Imagem do informativo emitido por uma subsele da Estopim da Fiel, que acompanha a nota de repúdio feita em postagem do Movimento Toda Poderosa Corinthiana, em 16/05/2016



Fonte: Movimento Toda Poderosa Corinthiana (Facebook)

A repercussão causada pelo protesto publicado pelo MTPC foi imediata, resultando em uma nota de retratação feita pela Estopim da Fiel Zona Sul horas depois, postada na própria página da torcida no Facebook, e também compartilhada pelo MTPC, com o seguinte pronunciamento:

NOTA DE RETRATAÇÃO Sub-sede Estopim da Fiel Zona Sul  
Nós do Movimento Toda Poderosa Corinthiana acreditamos que é preciso ter responsabilidade e seriedade na hora de escolher um porta-voz para representar uma entidade, pois, muitas vezes, a opinião individual do escolhido pode comprometer de forma negativa a imagem de toda uma organização/coletivo. Hoje, com o alcance das redes sociais, as notícias se espalham com rapidez, e um fato

<sup>137</sup> Postagem feita em 16 de maio de 2016, que recebeu 225 curtidas, 37 comentários e teve 37 compartilhamentos. O link para acesso ao post e comentários é: <https://www.facebook.com/movimentotodapoderosacorinthiana/photos/a.207046452993754.1073741828.207037396327993/238012363230496/?type=3&theater>. Acesso em: 27/06/2016.

grave como esse, que envolveu machismo, homofobia e segregação, pode acabar com o trabalho daqueles que não compartilham da mesma ideia [sic]. Continuaremos acompanhando e denunciando esse tipo de manifestação. Não podemos mais tolerar nenhuma forma de preconceito. O Corinthians é o time do povo. E povo somos todos nós, independente de gênero, orientação sexual ou cor de pele. Movimento Toda Poderosa Corinthiana<sup>138</sup>.

Na entrevista foi possível entender o que se passou entre as notas publicadas pelo MTPC e pela Estopim da Fiel. Por compartilharem o mesmo universo da entidade ali criticada, houve um debate preliminar, no grupo de corinthianas, sobre como se posicionar politicamente e denunciar uma atitude machista de um “amigo de arquibancada”, de forma que integrantes do coletivo não ficassem expostas, uma vez que, segundo elas, “na arquibancada todas as pessoas se conhecem”:

A gente começou a alimentar a página e chegou até a gente uma cartilha feita pela Estopim da Fiel para os novos sócios. Nessa cartilha estava dizendo que as meninas não podiam ir ao jogo de shorts, não poderiam fazer algumas coisas. A gente olhou e pensou assim: “Isso está errado, vamos fazer alguma coisa sobre”. Transgredir é a nossa função. O nosso grupo é um grupo de desconstrução, a gente desconstrói a nós mesmas todos os dias, porque é muito difícil você lidar com torcidas organizadas, com os nossos amigos, porque a gente tá batendo de frente com pessoas que frequentam jogos com a gente. “Vamos fazer uma nota contra uma torcida organizada do Corinthians, contra os nossos amigos? Como vamos fazer isso?” Nós ficamos um dia inteiro discutindo, conversando, porque é muito delicado. [...] Não é uma coisa distante, que você pode soltar a bomba e sair correndo, porque no domingo a pessoa vai estar lá do seu lado. Acho que a gente foi super delicada, abordou a questão do jeito que a gente queria questionar: “Porque é que vocês ainda estão ditando a maneira como a menina tem de se comportar em uma torcida organizada? Isso não tá certo!” E aí eles entraram em contato com a gente. [...] Foi bem legal da parte deles, foi correto. Falaram que a cartilha era de uma subseção e a diretoria não tinha aprovado. E a gente falou assim: “Tudo bem, vamos publicar a nota de vocês”. Mas internet, nada vai superar a primeira publicação. Todo mundo viu a nota sobre a cartilha, mas poucas pessoas viram a resposta deles. A gente trata de questões muito delicadas, porque a gente tá ali falando de condutas de torcidas organizadas. Mas hoje à noite tem jogo e o que a gente fala aqui, reflete no que acontece no jogo. Todo mundo se conhece, então, não é difícil que uma pessoa chegue em você no jogo e fale: “Olha, não foi legal, não gostei daquilo que você publicou”. E assim, num cenário muito bom, a pessoa vai falar isso (Denise, MTPC).

Essa vivência dentro do futebol, nas arquibancadas, nas próprias torcidas organizadas, faz com que o MTPC pense e elabore as suas ações com o objetivo de combater e desconstruir preconceitos por meio do diálogo com o campo futebolístico. Dessa forma, ainda que influenciadas por ideias e discursos de ativismos promovidos por movimentos e coletivos feministas contemporâneos que questionam as desigualdades de gênero na sociedade, as

<sup>138</sup> Postagem feita em 16/05/2016. Recebeu 55 curtidas e 4 comentários. O link para acesso é: <https://www.facebook.com/movimentotodapoderosacorinthiana/posts/238181173213615>. Acesso em 27/06/2016.

integrantes do MTPC veem-se ocupando um lugar distinto e praticando um ativismo com foco na “educação e desconstrução” do amigo que compartilha a arquibancada:

Todo mundo se conhece, então, não é difícil que uma pessoa chegue em você no jogo e fale: “Olha, não foi legal, não gostei daquilo que você publicou”. E isso assim, num cenário muito bom, a pessoa vai falar: “Não gostei do que você publicou”. Porque são questões muito delicadas, condutas de pessoas que agem de uma mesma forma há anos. Para a gente chegar e fazer uma nota, é porque a gente ficou debatendo, ó... Porque cada uma tem uma forma de pensar. Tem uma aqui, outra no interior, tem uma que está no exterior, e cada uma tem uma forma de pensar. Se virou uma nota na página do Movimento, foi porque aquilo conseguiu mexer de alguma forma com todas. Então, a gente vai falar e não ter rabo preso. Tentar fazer a coisa de uma forma que não atinja ninguém, mas chegar no ponto que a gente precisa é o nosso desafio. E sem deixar de abordar as outras questões que a gente fala sempre, que é violência... A gente não costuma postar todos os dias, mas sempre assuntos relevantes. Na semana da Lei Maria da Penha, a gente fez um planejamento e postou todos os dias. A menina que curte a página tem que saber que se ela apanhar, ela tem de ir à delegacia e denunciar. Ah, e se ela apanhar no jogo? Piorou porque envolve futebol, que é o que a gente tá mais envolvida. O nosso desafio é esse: além de falar o que todas as meninas dos outros coletivos falam – a mina do coletivo feminista vai meter o pau no cara – só que a gente não pode meter o pau no cara, o cara é nosso amigo, a gente tem de educar. É educar e desconstruir. Às vezes, a gente manda uma mensagem: “Ai, meu Deus, eu não tô aguentando tal coisa...”. Como a gente pode falar com essa pessoa? Como tentar ajudar ela? É desse ponto que agente parte... (Denise, MTPC).

É muito delicado porque são pessoas do nosso convívio. É diferente de você ter um movimento feminista e dar tiro para tudo que é lado. [...] A gente vive nesse universo de futebol. Em março do ano que vem o Movimento já vai fazer um ano. “Ah, nossa, vocês podiam muito mais, ir lá para frente, né...” Mas a gente faz tudo muito consciente, muito devagar, a gente soltou um dia um banner contra a violência, os próprios homens corinthianos pegaram esse banner e fizeram uma montagem tirando sarro da gente, sabe. Então, a gente tem que ir um passo de cada vez. Essas faixinhas, nós fizemos, para ajudar o movimento mesmo as meninas compraram: “Ah, eu vou levar pro jogo!” Cara, calma... Vai devagar, não adianta chegar lá no meio da torcida: “Ê! Somos contra o machismo!” Calma, porque nesse universo a gente tem de tomar um pouco de cuidado com onde a gente pisa, com quem a gente fala... (Analu, MTPC).

Assim como os coletivos e movimentos que criaram as comunidades de torcidas contrárias à homofobia, ao machismo e outras formas de violência no futebol, o MTPC também enfrenta resistências. Ofensas e tentativas de intimidação são dirigidas à página por meio de comentários públicos e mensagens privadas enviadas à página. Em um episódio chegou a ser feita uma montagem de uma postagem feita pela página do MTPC, que expunha e ridicularizava algumas integrantes do coletivo. O fato do contexto futebolístico e as torcidas ainda se caracterizarem por lugares marcadamente masculino e heterossexuais faz com que exista também cautela quanto a levar símbolos e imagens que identificam o Movimento Toda Poderosa Corinthiana aos estádios:

A gente vive nesse universo de futebol. Algumas pessoas podem pensar em março do ano que vem já vai fazer um ano o Movimento. “Ah, nossa, vocês podiam muito mais, ir lá para frente, né...” Mas a gente faz tudo muito consciente, muito devagar. Um dia, a gente soltou um banner contra a violência e os próprios homens corinthianos pegaram esse banner e fizeram uma montagem tirando sarro da gente,

sabe. Então, a gente tem que ir um passo de cada vez. Essas faixinhas, nós fizemos, para ajudar o movimento mesmo as meninas compraram: “Ah, eu vou levar para o jogo!” Cara, calma... Vai devagar, não adianta chegar lá no meio da torcida: “Ê! Somos contra o machismo!” Calma, porque nesse universo a gente tem de tomar um pouco de cuidado com onde a gente pisa, com quem a gente fala... (Analu, MTPC).

D: Estava rolando algum meme sobre futebol na época e a gente fez um: “Sem machismo, sem violência contra a mulher, sem escanteio curto, sem ingresso caro...” com fotos nossas, fotos de torcedoras.

A: Aí no dia que a gente colocou na página, aberto, um monte de gente curtiu e aí teve uns infelizes, uns corinthians, pegaram e montaram assim: “Sem ingresso caro, sem machismo e sem pau...”

D: “E sem pau para chupar”.

A: Só que o que aconteceu? Um cara publicou no Facebook pessoal dele, ele e mais uma meia dúzia tirando sarro tirando e aí uma das fotos tinha pessoas, mulheres dos Gaviões da Fiel. O que aconteceu? A própria diretoria da Gaviões quando viu isso, essa tiração de sarro, repreendeu os caras: “Vocês tirem isso agora! Porque corinthiano não faz isso com corinthiano”. Uma coisa é um time rival tirar sarro, agora dentro do Corinthians, com mulheres corinthianas, e um grupo de homens corinthians fazer esse tipo de montagem e brincadeira... Alguns diretores do Gaviões entraram em contato com os caras: “Tira agora, deleta!” O cara deletou, pediu desculpas, mas ficou por isso mesmo e não teve muita repercussão. Depois disso, a gente falou: “Vamos devagar”. A gente não se expõe muito, do tipo: “Ela é a representante, eu sou a representante...”. No grupo, no coletivo, são várias mulheres. Não vamos pegar uma: “Essa aqui é a presidente do Movimento...” Acho que nunca vai acontecer isso para não ter aquela pessoa como alvo. É complicado... Então, a gente tem esse grupo de 12, 13 colaboradoras, a gente entra num senso comum, posta na página, mas, assim, se tiver que por uma cara para bater ou vai todo mundo... Ou vai uma parte (risos). Porque tem algumas que estão no grupo fechado do Facebook e nem pessoas que andam com elas, sabem que elas fazem parte do Movimento... (Analu e Denise, MTPC).<sup>139</sup>

As falas de Denise e Analu deixam evidente que existe receio e preocupação com a segurança das torcedoras ligadas ao MTPC, dando a entender que ainda se trata de um meio pouco acolhedor e ainda caracterizado por restrições às mulheres de forma geral. Por outro lado, também é importante enfatizar que a fala e o posicionamento dessas mulheres encontram maior alcance e diálogo com o meio futebolístico por serem também reconhecidas como torcedoras e corinthianas, reconhecimento esse construído também pelas suas trajetórias e relações construídas junto aos atores do campo futebolístico anteriormente à criação do coletivo.

Por meio da organização do coletivo e da apropriação da palavra que visa desestabilizar e desconstruir concepções normativas sobre o lugar da mulher no Corinthians, no futebol e na sociedade, o Movimento Toda Poderosa Corinthiana conseguiu atrair um número maior de mulheres corinthianas, que juntas têm ampliado os significados da presença das mulheres no futebol.

<sup>139</sup> A postagem foi posteriormente excluída pelo MTPC.

## 5. LUTAS PELO DIREITO DE TORCER: A PRODUÇÃO DE DISCURSOS “DESAUTORIZADOS” E DE RESISTÊNCIA

“Em nossas sociedades (e em muitas outras, sem dúvida), a propriedade do discurso – entendida ao mesmo tempo como direito de falar, competência para compreender, acesso lícito e imediato ao corpus dos enunciados já formulados, capacidade, enfim, de investir esse discurso em decisões, instituições ou práticas – está reservada de fato (às vezes mesmo, de modo regulamentar) a um grupo determinado de indivíduos” (FOUCAULT, 2009, p. 75).

No momento em que escrevo as considerações finais desta pesquisa, o país passa por um processo marcado por significativa perda de direitos sociais e de cidadania – afetando especialmente os grupos sociais em maior situação de precariedade – e por um avanço do conservadorismo e dos discursos de ódio em várias esferas da sociedade. Ganham visibilidade pautas como a promulgação da “cura gay”<sup>140</sup> e clamores por censura a debates que envolvam gênero e sexualidades na educação e nas artes<sup>141</sup>.

Para a antropóloga Simoni Guedes, o futebol no Brasil é a manifestação cultural que mais “reteve a capacidade de representar o Brasil e os brasileiros em todas as circunstâncias” (2009, p. 2), constituindo-se em um domínio social em que “a peculiaridade e a diferença – muitas vezes entendidas como “nacionais” – podem ser continuamente recriadas” (GUEDES, 2009, p. 1-2). Dessa forma, para a autora, o futebol tornou-se um campo de debates sobre a nação e o povo brasileiro, existindo “alguns ‘discursos autorizados’ (Bourdieu, 1996), que são matrizes e tema para os outros discursos” (GUEDES, 2009, p. 3).

Como foi demonstrado ao longo deste trabalho, especialmente no que se refere aos casos dos jogadores Richarlyson e Emerson Sheik ou no caso da Fla-Gay, e concordando com o pensamento de Guedes, a mídia especializada tem protagonismo no debate e na produção de sentidos sobre o jogo no país, já que “jornalistas e comentaristas esportivos são os intérpretes

<sup>140</sup> Em 15/09/2017, o juiz Waldemar Cláudio de Carvalho, da 14ª Vara do Distrito Federal, concedeu uma liminar que, na prática, torna legalmente possível que psicólogos/as ofereçam pseudoterapias de reversão sexual, popularmente chamadas de cura gay, indo na contramão da uma resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP) que, desde março de 1999, proíbe sua prática. Para mais detalhes sobre o caso, ver: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/19/politica/1505853454\\_712122.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/19/politica/1505853454_712122.html). Acesso em 18/10/2017.

<sup>141</sup> Além do avanço do Movimento Escola sem Partido, que tem influenciado a promulgação de projetos de lei que visam coibir o debate de gênero e diversidade sexual nas escolas, um exemplo recente emblemático dessa censura ocorreu em setembro de 2017, com o cancelamento da exposição Queermuseu, em cartaz no espaço Santander Cultural, em Porto Alegre. A mostra, com curadoria de Gaudêncio Fidelis, reunia 270 trabalhos de 85 artistas que abordavam a temática LGBT, questões de gênero e de diversidade sexual. Protestos organizados por grupos políticos conservadores, como o Movimento Brasil Livre (MBL), ganharam as redes sociais, alegando que a exposição promovia a blasfêmia de símbolos religiosos e contra símbolos religiosos e também continha apologia à zoofilia e pedofilia. Para mais detalhes sobre o caso, ver: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425\\_555164.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425_555164.html). Acesso em 18/10/2017.

privilegiados do futebol, especialistas e peritos que ‘testemunham’ sua prática e tudo que a cerca” (GUEDES, 2009, p. 3).

Para Judith Butler, “é só desafiando a mídia dominante que determinados tipos de vida podem se tornar visíveis ou reconhecíveis” (2016, p.8 3). Nesse caso, contextualizar e registrar as tensões causadas a partir da ação de movimentos que questionaram os discursos hegemônicos que fazem do futebol ainda um reduto do homem cisgênero e heterossexual, pode estar na contramão dos discursos considerados “autorizados” sobre o futebol no Brasil, mas em um contexto como o atual faz-se ainda mais necessário, por conta da centralidade que o fenômeno futebol tem na vida brasileira.

Nesse sentido, esta pesquisa se alinha ao pressuposto ético e político defendido por Connell como base para a produção de estudos de gênero e sobre as masculinidades: o da justiça social, que passa pela “possibilidade objetiva de justiça nas relações de gênero, uma possibilidade por algumas vezes concretizável e outras vezes não” (CONNELL, 1995, p. 44, tradução minha)<sup>142</sup>.

Neste trabalho, trago o exemplo das torcidas gays, como a Fla-Gay e, principalmente, a Coligay, que, ao final da década de 1970, conseguiram vir a público em meio a um regime de ditadura militar, caracterizado pelo cerceamento dos direitos políticos e de cidadania, além da censura prévia à liberdade de expressão. Na medida em que se aproveitaram de janelas de oportunidades (SOUZA, 2013) criadas pela emergência de ativismos e movimentos políticos e culturais homossexuais, os mentores e incentivadores dessas torcidas se sentiram, de alguma forma, fortalecidos para se apropriarem de um espaço considerado central na constituição da masculinidade heterossexual. Mais do que produzir uma surpresa no campo futebolístico, as torcidas gays também contribuíram para o processo de saída do “gueto” da população homossexual, desconstruindo estigmas e preconceitos em relação aos homossexuais na sociedade brasileira, dentre eles o de que gays não gostam, nem se interessam pelas práticas relacionadas ao futebol.

Já os coletivos e movimentos de torcedorxs contrários à homofobia e ao machismo no futebol, cada um à sua maneira, por meio da apropriação da identidade “torcedorxs”, construíram a sua existência e deram visibilidade aos seus ideais e questionamentos nos sites de redes sociais. Tal visibilidade fez com que passassem a ser também reconhecidos como “sujeitos-torcedorxs”, interlocutores e participantes de debates sobre a homofobia e o machismo no campo futebolístico.

---

<sup>142</sup> O texto original diz: “The baseline for the analysis in this book is social justice: the objective possibility of justice in gender relations, a possibility sometimes realized and sometimes not” (CONNELL, 1995, p. 44).

Se há um senso comum de que esses movimentos têm a sua atuação restrita à internet, não conseguindo marcar presença nas arquibancadas dos estádios, uma análise mais detida mostra que suas ações também tiveram e têm desdobramentos para além do ciberespaço. Desde a presença e o uso de imagens dos coletivos em atos políticos não relacionados ao futebol, como foi o caso da Galo Queer na Marcha das Vadias de 2013, passando por ações em diálogo com outros atores sociais do campo futebolístico. Dentre elas, é possível destacar a ação de conscientização sobre a violência contra a mulher feita pelo MTPC no estádio, em jogos do Corinthians, realizada em conjunto com a direção do clube, e a campanha chamada #EuGritoPorco<sup>143</sup>, que pedia o fim do grito “bicha” durante jogos do Palmeiras no seu estádio. Integrantes do coletivo Palmeiras Livre participaram do trabalho de divulgação da ação e de interlocução com outros palmeirenses em comunidades de sites de redes sociais e fóruns de debates dedicados ao Palmeiras, repercutindo, assim, no modo e nas práticas de torcer nas arquibancadas:

Em 2013, eu também era do coletivo da Marcha das Vadias. A Marcha das Vadias aconteceu em maio, foi bem na época da criação da página, então, ainda estava nessa efervescência e a gente sabia que era um ambiente seguro para distribuir adesivos. As pessoas ficavam pedindo os adesivos e, às vezes, na página, pessoas que eu não conhecia: “Ah, onde eu consigo o adesivo...” E não tinha como fazer um post na página falando assim: “Pegue o adesivo no lugar tal”. Porque não podia dar o endereço da minha casa, não tinha muito a forma de fazer essa distribuição. Acabou que foi uma ação bem pontual mesmo. Acho que teve uma Parada Gay, que eu não cheguei a ir, mas outras pessoas foram, distribuíram adesivos, mas foi pontual nesses eventos. Dentro da Marcha foi muito positivo, inclusive eu fui, estava de jogadora de futebol na Marcha, com escritos no corpo, que falavam... O que escrevi? Não lembro direito, mas eu tava com adesivo da Galo Queer, e foi um dia que eu consegui andar no Centro com o adesivo da Galo Queer. E lá dentro da Marcha foi muito bem recebido, mesmo pelas pessoas que não eram atleticanas, que não gostavam de futebol... Era um espaço bem amigável (Nathália, Galo Queer).

Na semana da Lei Maria da Penha [em agosto de 2016], o próprio Corinthians nos convidou para ajudar na ação deles “Tire o machismo de campo”. Tem o departamento de Responsabilidade Social, dentro do Corinthians, que o diretor é o Donato, a Sônia é a assistente dele, que conhecem a gente. Eu sou sócia do clube, sempre tô lá, conheço também o pessoal... E eles convidaram a gente. Foi aqui no Pacaembu, um jogo contra o Cruzeiro. A gente do Movimento Toda Poderosa Corinthiana fez uma ação com voluntárias do Movimento, distribuindo as fitinhas “Tire o machismo de campo”, e depois as meninas fizeram a volta olímpica com a faixa. Na semana seguinte, teve jogo do feminino, em Osasco, e a gente fez a mesma ação junto com o Corinthians. Agora quando o Corinthians precisa de um bando de mulherada: “Ah, ajuda aí! Porque o Movimento é cheio de mulherada, então, precisamos de uma ajuda de vocês” (Analu, MTPC).

<sup>143</sup> Além do trabalho de interlocução em fóruns de debate de palmeirenses, a Palmeiras Livre fez também postagem em apoio à campanha #EuGritoPorco. O link para acesso é: <https://www.facebook.com/PalmeirasLivre/posts/1260972603944420>. Acesso em 17/10/2017. Sobre a ação e a mobilização feita junto a fóruns de torcedores e torcedoras do Palmeiras, ver a notícia “Contra homofobia, palmeirenses querem emplacar grito de porco”, disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2016/10/1825417-contr-homofobia-palmeirenses-querem-emplacar-grito-de-porco.shtml>. Acesso em 11/04/2017.

É legal esse reconhecimento e trazer para perto as meninas, porque a internet facilita, mas também você fica meio confortável, tão longe... E aí nesse dia gente se conheceu, a gente conversou, ficamos conversando aqui na praça antes, nos organizamos, cada uma foi pra uma função, e a gente até que teve uma receptividade boa com os torcedores... A gente, esse dia, andou por vários setores do estádio. É muito louco ver as diferenças das pessoas. As mulheres que não conhecem ficam: “Nossa, que legal! Tem meninas aqui querendo coisas boas!” Os caras ficam meio desconfiados, porque na cabeça da maioria deles, a gente tá tentando tomar o espaço deles. E tem espaço para todo mundo. A gente fala muito isso, não precisa tirar você do seu lugar. A gente só quer ficar tranquila, ir para o nosso joguinho em paz, sem ninguém importunar, com a roupa que a gente quiser, entendeu, pagar ingresso por um preço justo... Como todo mundo. Um homem não pensa na roupa que ele vai no jogo antes de sair de casa, simplesmente não pensa. Se a gente for de short, em determinado lugar você vai sofrer alguma coisa... (Denise, MTPC).

Eu tô num grupo também, paralelo ao Palmeiras Livre, que tem contato com o pessoal da Mancha [Alviverde]. Chamaram para conversar num espaço em que propuseram a mudança... Assim, foi tudo conversado no grupo do Whatsapp, eu não consegui comparecer na reunião marcada, mas as pessoas foram à reunião apresentar e propuseram que alterasse o grito “bicha” por “porco” na hora do tiro de meta. No jogo seguinte, ameaçou um “bicha”... Já no outro ameaçou um “porco”... E aí acabou não gritando mais nada. E aí não gritou mais nada. Até o último jogo que a gente foi... Eu tava lá ansiosa. Demorou para ser o primeiro tiro de meta do time adversário. Eu falei “ah, meu Deus, é o primeiro tiro de meta”. Mas aí não gritou nada. Eu falei “Nossa, não gritaram, ufa!”. É um alívio. Para quem não se atenta ou não está nem aí ou tanto faz ou é comum que grite, é nada. Mas eu recebi relatos de pessoas da página que disseram que não iriam mais ao estádio porque era gatilho pra pessoa quando ouvia esse grito. Começava a ter síndrome do pânico, por conta dessa questão. E quando acabou, de uns 2, 3 jogos para cá, ela falou “Puxa vida, tô me sentindo bem agora, agora eu tô bem”. E é um alívio, né? A gente também recebe mensagem no inbox falando: “Ai, que bom que tem um espaço em que eu possa torcer sem me sentir oprimida, sem eu ter que me preocupar que alguém vai xingar de sei lá o que” (Thaís, Palmeiras Livre).

Figura 11 – Ação da Galo Queer na Marcha das Vadias de 2013, em Belo Horizonte



Fonte: Nathalia Duarte (acervo pessoal)

Figura 12 – Torcedoras do MTPC durante a ação Tire o Machismo de Campo, realizada em 08/08/2016, durante partida do Corinthians, no Estádio Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu)



Fonte: Movimento Toda Poderosa Corinthiana (Facebook)<sup>144</sup>

<sup>144</sup> Foto extraída do álbum “10 Anos Lei Maria da Penha #TiroMachismoDecampo”, da página do Movimento Toda Poderosa Corinthiana. Disponível em: [https://www.facebook.com/pg/movimentotodapoderosacorinthiana/photos/?tab=album&album\\_id=280945132270552](https://www.facebook.com/pg/movimentotodapoderosacorinthiana/photos/?tab=album&album_id=280945132270552) . Acesso em 15/10/2017.

Assim como as torcidas gays no passado, a existência e a visibilidade obtida pelos movimentos de torcedorxs contra o machismo e a homofobia no futebol também podem ser consideradas iniciativas que marcaram a história do futebol brasileiro. Recorrendo mais uma vez a Butler (2016), é possível afirmar que esses grupos de torcedorxs que transgrediram a norma de que futebol é “jogo pra macho” em diferentes períodos históricos, têm em comum a “não violência como uma convocação ética” para fazer frente às violências e exclusões ainda presentes no campo futebolístico:

Na realidade, a não violência como “convocação” ética não poderia ser compreendida se não fosse pela violência envolvida na elaboração e na sustentação do sujeito. Não haveria luta, obrigação nem dificuldade. A questão não é erradicar as condições da produção de alguém, mas apenas assumir a responsabilidade de viver uma vida que conteste o poder determinante dessa produção. Em outras palavras, uma vida que faça bom uso da iterabilidade das normas produtivas e, conseqüentemente, de sua fragilidade e capacidade de transformação. [...] É precisamente porque se está imerso na violência que a luta existe, e que surge a possibilidade da não violência (BUTLER, 2016, p. 240-241).

Dessa forma, esses grupos contribuíram e contribuem para ampliar os significados e as possibilidades de se identificar como torcedor/a de um time de futebol, além de participarem dos debates sobre o que é ser mulher e pessoa LGBT na sociedade brasileira.

No que diz respeito ao futuro, durante as entrevistas integrantes dos coletivos manifestaram seus anseios e expectativas para o futebol brasileiro e de verem os seus respectivos movimentos crescendo, construindo novas alianças e ampliando a sua atuação:

Eu acho que na época é claro que existia uma utopia, que ainda existe hoje que é a utopia de que realmente não haja nenhuma espécie de discriminação, tanto dentro quanto fora do futebol, mas eu acho que em termos práticos, um pouco mais objetivos, eu acho que o que eu queria causar era essa discussão, e isso foi alcançado, super. Fico muito, muito feliz! Agora, hoje em dia, o terreno está sendo preparado para a gente dar uns avanços. Eu gostaria muito de ver a Galo Queer podendo existir no estádio, com um faixa, com camiseta. Tenho muita vontade que a Galo Queer se estabeleça como um movimento extra virtual, para além do virtual. Desejo muito que esse novo grupo, que vai entrar agora, dê muito certo, que as pessoas pelo menos consigam manter a página movimentada, e consigam atender a demanda de entrevistas, que eu não consigo atender. É isso, desejo que a Galo Queer sobreviva, permaneça e cresça (Nathalia, Galo Queer).

A gente espera poder fazer ações... A gente já pensou em canal de Youtube, blog, fazer encontros presenciais, juntar a galera, fazer trabalho... Eu trabalho muito direto na comunidade, eu consigo enxergar um pouco daquelas demandas. Fazer um trabalho desse misturando futebol, algo que a maioria das pessoas gosta, e ligar uma coisa com a outra, torna a coisa mais lúdica e mais fácil de digerir. A intenção é chegar nesses lugares em que talvez haja uma resistência na abordagem desses assuntos mas, talvez, falando dessa forma, linkando com o futebol, a guarda baixe um pouquinho e as pessoas fiquem mais dispostas a ouvir. A gente deseja um futebol com menos catraca. Com mais inclusão e, pelo menos, um pouco mais de reflexão e diálogo entre as torcidas. A rivalidade está ali, a gente brinca, faz piada, continua a mesma coisa, sabe? Só deixou de ser preconceituoso, racista e homofóbico. A gente deseja que isso se expanda, que as pessoas reflitam mais sobre as suas posturas. Não só no futebol, mas também nos outros setores da vida. Porque

vida é isso tudo, inclusive futebol (Thaís, Palmeiras Livre).

Eu gostaria de no futuro, por exemplo, ter outros coletivos e outros movimentos de outros clubes. De repente, fazer um encontro anual, do Movimento Toda Poderosa Corinthiana, Movimento São Paulo Salto Alto e sei lá, a do Ceará, do Flamengo... Seria interessante cada clube ter seu coletivo, o seu movimento e a gente ajudar uma a outra. É o que a gente fala. O Movimento Toda Poderosa Corinthiana nem tem clubismo, porque na página do Facebook tem muitos recados de mulheres de outros times. Vamos falar de feminismo, vamos falar de mulheres que amam o futebol, então, não pode ter clubismo. No geral, a gente quer que o coletivo, o movimento se fortaleça, daqui alguns anos seja realmente um movimento super legal, que a gente possa juntar mais e mais corinthianas e conquiste direitos. [...] Na verdade, Corinthians, feminismo e a política, hoje em dia os três são muito ligados e sempre trabalhando para o bem comum e fazendo para um mundo mais justo, é isso que eu quero. E aí eu tô usando o Corinthians, pra no futuro, daqui uns 100, 200 anos, lembrarem do Movimento Toda Poderosa Corinthiana, e falarem: “Pô, que legal essas mulheres! Nossa, elas eram super modernas na época...” (risos) (Analu, MTPC).

Assim, além de buscarem consolidar o seu espaço como participantes do campo futebolístico, esses movimentos objetivam seguir desestabilizando as normas que regulam as subjetividades dentro desse universo. Normas essas que produzem hierarquizações e segregações muitas vezes naturalizadas e, por essa razão, ainda pouco visibilizadas e colocadas em discurso, principalmente no que diz respeito às questões ligadas a gênero e diversidade sexual.

REFERÊNCIAS<sup>145</sup>

ALABARCES, P.; ZUCAL, J. G.; MOREIRA, M. V. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta, **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v.14, n.30, p. 113-136, 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832008000200005>. Acesso em 14 fev. 2017.

ALMEIDA, M. V. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do Sul de Portugal. **Anuário Antropológico**, Rio de Janeiro, n. 95, p. 161-190, 1996.

\_\_\_\_\_. **Senhores de si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século Edições, 2000.

ALMEIDA, T. R.; DERÓS, C. C.; VON MÜHLEN, J. A ofensa, o juiz e a sentença: gênero e sexualidade em jogo no futebol brasileiro. In: FAZENDO GÊNERO 8 - CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 2008, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2008.

AMARAL, A; COIMBRA, M. Expressões de ódio nos sites de redes sociais: O universo dos haters no caso #eunãomereçoserestuprada, **Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura**, Salvador, v. 13, n. 3, p. 294-310, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9771/1809-9386contemporanea.v13i2.14010>. Acesso em: 30 set. 2017.

ARCHETTI, E. P. **Masculinities**: football, polo and tango in Argentina. Oxford/New York: Berg, 1999.

ARENDT, H. **Nós, os refugiados**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2013 (Coleção: Textos Clássicos de Filosofia).

BANDEIRA, G. A. Amor e masculinidade nos estádios de futebol. **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 19, p. 1-26, 2012.

\_\_\_\_\_. **Do Olímpico à Arena**: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de estádio. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

\_\_\_\_\_.; SEFFNER, F. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, Toledo, v.14, n. 29, p. 246-270, 2013. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/10426>. Acesso em: 06 ago. 2016.

BORRILLO, D. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

<sup>145</sup>De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023 (2002).

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.151-172.

\_\_\_\_\_. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

\_\_\_\_\_. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

\_\_\_\_\_. Bodies in Alliance and the Politics of Street. In: \_\_\_\_\_. **Notes Toward a Performative Theory of Assembly**. Cambridge-Massachusetts: London-England: Harvard University Press, 2015. [tradução “Corpos em Aliança e a Política das Ruas” para uso didático por Leandro de Oliveira. Belo Horizonte: FAFICH/ UFMG, 2016, mimeo].

CAMARGO, W. X. Esporte, cultura e política: a trajetória dos Gay Games nas práticas esportivas contemporâneas. **Revista USP**, São Paulo, n.108, p. 97-114, 2016.

CARVALHO, M. F. L. **“Muito prazer, eu existo!”: visibilidade e reconhecimento no ativismo de pessoas trans no Brasil**. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2015.

CONNELL, R. W. **Masculinities: knowledge, power and social change**. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1995.

\_\_\_\_\_., MESSERSCHIMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n.1, p. 241-282, janeiro-abril/2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>. Acesso em 20 jun. 2017.

DAMO, A. S. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

\_\_\_\_\_. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DAS, V. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. **Cadernos Pagu**, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, v. 37, p. 9-41, 2011.

DUARTE, C. R.; MELO, L. B. Aforizações e feminismo na internet: estudo de frases curtas empregadas no movimento *Primavera das Mulheres*. **Revista do Gel**, v. 14, n. 1, p. 269-287, 2017. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/rg/article/view/1477/1177>. Acesso em: 28 set. 2017.

DUTRA, D. N. M.; SILVA, S. F. Futebol e rivalidade no riso e em rede: o Facebook como campo para antagonismo de torcidas. XXXV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS

DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, Fortaleza, 2012. **Anais...** Fortaleza: UNIFOR, 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/index.htm>. Acesso em: 28 set. 2017.

ELIAS, N. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

\_\_\_\_\_.; DUNNING, E. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FACCHINI, R. “**Sopa de Letrinhas**”? – Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Departamento de Antropologia do IFCH, UNICAMP, Campinas, SP, 2002.

FLORENZANO, J. P. **Afonso & Edmundo**: a rebeldia no futebol brasileiro. São Paulo: Musa Editora, 1998.

\_\_\_\_\_. Dictatorship, Re-Democratisation and Brazilian Football in the 1970s and 1980s. In: FONTES, P.; HOLLANDA, B. B. (Orgs). **The Country of Football**: Politics, Popular Culture, and the Beautiful Game in Brazil. London: Hurst & Company, 2014, p. 147-166.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

FRANCO JUNIOR, H. **A dança dos deuses**: futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREIRE, F. Campanhas feministas na internet: sobre protagonismo, memes e o poder das redes sociais, **Em Debate**, Belo Horizonte, v. 8, n. 5, p. 26-32, jul. 2016. Disponível em: <http://opiniaopublica.ufmg.br/site/files/artigo/03-Fernanda-Freire.pdf>. Acesso em: 16 set. 2017.

FRY, P.; MACRAE, E. M. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GASTALDO, E. L.; BRAGA, A. A. Corporeidade, esporte e identidade masculina. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 7, n. 3, p. 875-893, 2011.

GERCHMANN, L. **Coligay**: Tricolor e de todas as cores. Porto Alegre: Libretos, 2014.

GUEDES, S. L. Que “povo brasileiro” no campo de futebol? In: **Razón y palabra**: Deporte, Cultura y Comunicación. México, n. 69, 2009. Disponível em: <http://www.ww.razonypalabra.org.mx/QUE%20POVO%20BRASILEIRO%20%20NO%20CAMPO%20DE%20FUTEBOL.pdf>. Acesso em 09/10/2017.

GREEN, J. N. **Além do Carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

HAROCHE, C. Antropologias da virilidade: o medo da impotência. In: COURTINE, J. J. (Org.). **História da Virilidade**: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI (v.3). Petrópolis: Vozes, 2013, p.15-34.

HOLLANDA, B. B. O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do Jornal dos Sports entre 1930 e 1980. In: \_\_\_\_\_.; MELO, V. A. **O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ/7 LETRAS, 2012, p. 80-106.

LAFER, C. **A reconstrução dos direitos humanos**: um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

LOURO, G. L. Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação, **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

\_\_\_\_\_. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 7-34.

MACRAE, E. **A construção da igualdade**: identidade sexual e política no Brasil da abertura. Campina/São Paulo: UNICAMP, 1990.

MCCLINTOCK, A. **Couro Imperial**: raça, gênero e sexualidade no embate colonial. Campinas: Editora Unicamp, 2010.

MEIHY, J. C. S. B. Definindo História Oral e Memórias, **Cadernos CERU**, São Paulo, n. 5, 1994, p. 52-64.

\_\_\_\_\_. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

MISKOLCI, R. Estranhando as Ciências Sociais: notas introdutórias sobre Teoria Queer, **Revista Florestan Fernandes**, v. 2, p. 8-25, 2014.

\_\_\_\_\_. **O desejo da nação**: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2012.

\_\_\_\_\_. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), 2013.

MOORE, H. The problem of explaining violence in the social sciences. In: HARVEY, P.; GOW, P. **Sex and Violence**: Issues in representations and experience. London and New York: Routledge, 1994, p. 138–155.

OMENA, E. Não foi só por 20 centavos: a “copa das manifestações” e as transformações socioeconômicas. In: GAFFNEY, C.; SANTOS JÚNIOR, O. A.; RIBEIRO, L. C. Q. (Org.). **Brasil**: os impactos da copa do mundo 2014 e das olimpíadas 2016. Rio de Janeiro: Observatório das Metrôpoles, 2015, p. 203-218.

PENTEADO, C. Os protestos contra a Copa do Mundo de 2014 no Brasil: análise do II grande ato contra a Copa no Facebook, **Em Debate: Periódico de Opinião Pública e Conjuntura Política**, Belo Horizonte, ano VI, n. 1, p. 7-23, 2014.

PINTO, M. R. Torcidas Queer e Livres em Campo: Sexualidade e Novas Práticas Discursivas no Futebol, **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 14, 2014. Disponível em: <http://pontourbe.revues.org/1460>. Acesso em: 04 abr. 2016.

\_\_\_\_\_.; BONFIM, A. “Pelo direito de torcer”: A experiência de grupos e coletivos de torcedorxs de futebol contra a cultura de que futebol é coisa pra macho. SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11, Florianópolis, 2017. **Artigo completo**. Florianópolis: UFSC, 2017.

RANCIÈRE, J. **O desentendimento**: Política e Filosofia. São Paulo: Editora 34, 1996.

RODRIGUES FILHO, M. **O Negro no futebol brasileiro**. Petrópolis: Editora Fumo, 2003.

SILVA, G. C. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista**: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983). Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-102.

SILVEIRA, L. P. Serviços de atendimento a mulheres vítimas de violência. In: Diniz, S. G.; Silveira, L. P., e Mirim, L. A. (Org.), **Vinte e cinco anos de respostas brasileiras em violência contra a mulher: alcances e limites**. São Paulo: Coletivo Feminista de Saúde, 2006, p. 45-77.

SIMÕES, J. A.; FACCHINI, R. **Na trilha do arco-íris**: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SOUSA, V. G.; CAMARGO, W. X. “Coligay” e a diversidade sexual no campo esportivo, **Record**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 1-6, jan./ jun. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Record/article/viewFile/2305/1950>. Acesso em: 17 mai. 2017.

SOUZA, M. A. Gênero e raça: a nação construída pelo futebol brasileiro, **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 6-7, 1996, p. 109-152. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1864>. Acesso em 24 mar. 2016.

SOUZA, R. **“Saindo do Gueto”**: o movimento homossexual no Brasil da abertura, 1978–1982. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

TOLEDO, L. H. **Torcidas Organizadas de futebol**: lazer e estilo de vida na metrópole. 1994. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

\_\_\_\_\_. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec; Fapesp, 2002.

VIGARELLO, G. Virilidades Esportivas. In: COURTINE, J. J. (Org.). **História da Virilidade**: A virilidade em crise? Séculos XX-XXI (v.3). Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013, p. 269-301.

## Fontes

### Periódicos consultados:

Jornal dos Sports, edição n°14582, 26/09/1977.

Jornal dos Sports, edição n°13510, 07/10/1979.

Jornal dos Sports, edição n°13512, 09/10/1979.

Jornal dos Sports, edição n°13513, 10/10/1979.

Jornal dos Sports, edição n°13515, 12/10/1979.

Jornal dos Sports, edição n°13516, 13/10/1979.

Jornal dos Sports, edição n°13517, 14/10/1979.

Jornal dos Sports, edição n°13518, 15/10/1979.

Jornal dos Sports, edição n°153521, 18/10/1979.

Jornal dos Sports, edição n°15336, 02/11/1979.

Lampião da Esquina, n°5, outubro de 1978.

Lampião da Esquina, n°18, novembro de 1979.

Revista Placar, n°370, de 27/05/1977.

Revista Placar, n° 1382, setembro/2013.

Revista Veja, n° 456, de 01/06/1977.

Revista Veja, n° 468, de 24/08/1977.

Revista Veja, n° 581, de 024/10/1979.

### Entrevistas:

**Erick Miyasato e Thais Nozue.** 18/11/2016. Realizada por Aira Bonfim, Maurício Rodrigues, Fernando Breda e Julia Terin. Disponível em: <http://dados.museudofutebol.org.br/#/tipo:acervo/661975>, Entrevista com o Coletivo Palmeiras Livre.

**Analu Tomé, Denise Bonfim e Petunia Ribeiro.** 26/11/2016. Realizada por Aira Bonfim; Maurício Rodrigues Pinto; Fernando Breda; Julia Terin. Disponível em: <http://dados.museudofutebol.org.br/#/tipo:acervo/661781>, Entrevista com o Coletivo Toda Poderosa Corinthians.

**Nathalia Duarte.** 15/02/2017. Realizada por Maurício Rodrigues Pinto; Aira Bonfim. Disponível em: <http://dados.museudofutebol.org.br/#/tipo:acervo/661690>, Entrevista com a fundadora da Galo Queer.